



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM



PABRÍCIA ABADIA PEREIRA FÉLIX

**A MULHER NO DISCURSO DE CORA CORALINA: UMA ANÁLISE DO SISTEMA
DE AVALIATIVIDADE**

Catalão/Go

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Pabricia Abadia Pereira Félix

Título do trabalho: A mulher no discurso de Cora Coralina: uma análise do sistema de Avaliatividade

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Pabricia Abadia Pereira Félix
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Autro
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 27 / 03 / 19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

PABRÍCIA ABADIA PEREIRA FÉLIX

**A MULHER NO DISCURSO DE CORA CORALINA: UMA ANÁLISE DO SISTEMA
DE AVALIATIVIDADE**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (UFG/RC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguagem.
Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.
Linha de pesquisa: Linguagem e Cultura
Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida.**

Catalão/GO

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Félix, Pabricia Abadia Pereira

A mulher no discurso de Cora Coralina: uma análise do sistema de Avaliatividade [manuscrito] / Pabricia Abadia Pereira Félix, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida. - 2019.

124 f.

Orientador: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2019.

Anexos.

Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. Cora Coralina. 2. Avaliatividade. 3. Atitude. 4. metafunções. I. Almeida, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira . II. Almeida, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira, orient. III. Título.

CDU 82



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

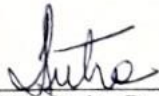
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* - MESTRADO E DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 107/2019

Às nove horas do dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e dezenove, no Laboratório Multimeios, Bloco E, Sala 04, Campus I da UFG - Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen, da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Sara Regina Scotta Cabral, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, por *skype*, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada "A mulher no discurso de Cora Coralina: uma análise do Sistema de Avaliatividade", de autoria da mestranda **Pabricia Abadia Pereira Félix**, matrícula 20171052. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra às examinadoras, que passaram a arguir o candidato. A duração da apresentação discente e a arguição das examinadoras aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou à candidata: Aprovada, estando Apia a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela discente. Regional Catalão, UFG, aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

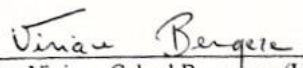
Banca Examinadora:

Parecer:




Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin D. Parreira Almeida
(UFG/RC) - Orientadora

Aprovado () Reprovado



Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen (UFG/RC)

Aprovado () Reprovado



Profa. Dra. Sara Regina Scotta Cabral (UFSM)

Aprovado () Reprovado


Discente:

Pabricia Abadia Pereira Félix: Pabricia Abadia Pereira Félix

Observações (se for o caso):

A aluna deve realizar uma revisão ortográfica e sintática criteriosa em todo o texto para a versão final. Atentar-se também para as referências bibliográficas.

Visto:


Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

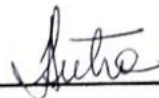
PABRÍCIA ABADIA PEREIRA FÉLIX

A MULHER NO DISCURSO DE CORA CORALINA: UMA ANÁLISE
DO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

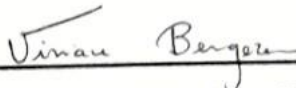
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovada em **28 de fevereiro de 2019.**

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida
Universidade Federal de Goiás – UFG/Regional Catalão



Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen
Universidade Federal de Goiás – UFG/Regional Catalão



Profa. Dra. Sara Regina Scotta Cabral
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me amparar em todos os momentos que tive incertezas, medos e angústias. Agradeço por me proteger durante as idas e vindas da fazenda para Catalão, sempre quando pensava que estava sozinha, sentia que uma força maior zelava por mim o todo tempo.

À minha família, minha tia Maria Pereira Félix e à minha avó Maria Félix Coutinho, por sempre estarem ao meu lado e incentivarem aquela menina sonhadora que almejava alçar voos altos. Foram muitos momentos de lamentações e, ao mesmo tempo, de alegrias, que foram compartilhados, e mesmo com as ausências, sempre em orações, estavam em vigília por mim.

À minha mãe, Sulema (*in memorian*), mulher simples, guerreira, trabalhadora, vinda da dura realidade rural, mas que sempre soube que a educação me levaria onde eu quisesse. O que ela não teve, lutou para que eu tivesse e, hoje, concretiza-se um sonho que representa muito para nós.

Ao meu tio, Divano (*in memorian*), um exemplo de humildade, trabalhador digno, que sempre me incentivou a estudar desde criancinha e que sempre sonhou que eu chegasse à faculdade. Meu muito obrigado!

Ao namorado Vinícius, por estar comigo nos momentos bons e ruins, compreendendo a minha ausência em muitos momentos, mas sempre me apoiando com amor.

À minha amiga Gabriella que, sempre quando precisava conversar, ela estava lá, pronta para me ouvir e me aconselhar. Foram muitos momentos difíceis, que vivenciamos mas, que dividimos uma com a outra e o peso se tornava menor.

À minha amiga Rennika, por dividir tantas conversas e, por compartilhar o apartamento, espaço ao qual não sustentaria sozinha e que foi de extrema importância durante o mestrado.

Aos meus colegas do grupo de estudos GEPLAEL, pelas contribuições advindas das reuniões do nosso grupo.

À minha orientadora, Fabíola Ap. Sartin Dutra Parreira Almeida, primeiro, por aceitar me orientar, também por ser além de orientadora, uma amiga, me aconselhando e tendo paciência ao longo de toda a orientação. Minha eterna admiração e meu muito obrigada!

À Universidade Federal de Catalão, por abrir as portas da minha formação acadêmica. Dentro da universidade, eu cresci como pessoa e como profissional. Aos professores do Departamento da Unidade Especial de Letras e Linguística. Ao Programa Mestrado em Estudos da Linguagem. A todos os professores, que fazem parte da UAELL e do PPGEL, muito obrigada pelas experiências incríveis durante a graduação e o mestrado.

À FAPEG, pelo apoio financeiro ao longo do mestrado, recurso que muito auxiliou. Meu muito obrigada!

A todas as funcionárias da UAELL, por sempre serem prestativas e me auxiliarem no que fosse necessário.

Muito obrigada! Tenho muita gratidão por todos.

*A vida tem duas faces: Positiva e negativa
O passado foi duro, mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
Dos valores que vão desmoronando
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
Lutas e pedras
Como lições de vida
E delas me sirvo
Aprendi a viver.*

Cora Coralina

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os elementos léxico-gramaticais em nove poemas e um conto, baseando-se no subsistema de Atitude, com o intuito de compreender como a escritora Cora Coralina dispõe-se das escolhas léxico-gramaticais para referir-se à mulher. O *corpus* é composto pelos seguintes textos: Todas as vidas; Antiguidades; A escola da Mestra Silvina; As tranças de Maria, Mulher da vida; A lavadeira; Mãe; A gleba de terra; O lampião da rua de fogo; Ofertas de Aninha. A metodologia baseou-se na leitura e seleção dos textos literários com ênfase na figura feminina; em seguida, foi realizada a leitura dos textos teóricos. “A ferramenta computacional *WordSmith Tools*” Scott (2017) foi utilizada com a finalidade de quantificar os dados e apresentar com exatidão os resultados. Em seguida, tais dados foram categorizados, conforme a sua recorrência. O estudo fundamentou-se no sistema de Avaliatividade proposto por Martin e White (2005), o qual se baseia na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), elaborada por Halliday (1994). Pauta-se no subsistema de Atitude que faz parte do sistema de Avaliatividade e, que se divide em três subtipos: afeto, julgamento e apreciação. Este estudo visa trazer contribuições para pesquisas em textos literários que utilizem a LSF para análise do *corpus*. O arcabouço teórico principal se baseia nos estudos de Halliday (1994), Martin e White (2005), Almeida (2010), Fuzer e Cabral (2014), Vian Jr. (2010), dentre outros. Os resultados demonstraram uma expressividade maior da avaliação de julgamento, em relação às avaliações de afeto e apreciação. Uma das explicações do fato de a avaliação de julgamento se sobressair dentre as demais, envolve o contexto histórico que ditava os comportamentos que deveriam ser seguidos, principalmente, pelas mulheres. Dessa forma, a escritora deixa transparecer, na sua escrita, traços dessa imposição social. Percebe-se que existe uma reflexão por parte da poetisa em relação aos padrões e papéis que as mulheres deveriam assumir, e tais questionamentos tornam-se evidentes nas escolhas léxico-gramaticais que são realizadas por Cora Coralina. Por fim, esta pesquisa visa contribuir para a base de análise de textos utilizando o sistema de avaliatividade, como também para a área da Linguística Aplicada (LA). Acredita-se que as avaliações, presentes no discurso de Cora Coralina, promovem uma reflexão sobre o discurso acerca da mulher, contribuindo para a base de pesquisas no âmbito da LSF, bem como as opiniões se realizam linguisticamente no discurso. Além disso, visa trazer contribuições para pesquisas que têm como tema ‘a mulher’, promovendo questionamentos acerca dos desafios que ainda estão presentes na sociedade moderna.

Palavras-chaves: Cora Coralina. Avaliatividade. Atitude. Metafunções.

ABSTRACT

This research aims to investigate the lexical-grammatical elements in nine poems and a short story, based on the Appraisal subsystem, in order to understand how the writer Cora Coralina has the lexical-grammatical choices to refer to the woman. The corpus is composed of the following texts: *Todas as vidas*; *Antiguidades*; *A escola da Mestra Silvina*; *As tranças de Maria*, *Mulher da vida*; *A lavadeira*; *Mãe*; *A gleba de terra*; *O lampião da rua de fogo*; *Ofertas de Aninha.*; then the theoretical texts were read. "The WordSmith Tools computational tool" Scott (2017) was used to quantify the data and accurately present the results. These data were then categorized according to their recurrence. The study was based on the system of Appraisal proposed by Martin and White (2005), which is based on the Systemic-Functional Linguistics (LSF), elaborated by Halliday (1994). It is based on the attitude subsystem that is part of the system of appraisal, which is divided into three subtypes: affection, judgment and appreciation. This study aims to bring contributions to research in literary texts that use the LSF to analyze the corpus. The main theoretical framework is based on studies by Halliday (1994), Martin and White (2005), Almeida (2010), Fuzer e Cabral (2014), Vian Jr. (2010), among others. The results demonstrated a greater expressiveness of the evaluation of judgment, in relation to the evaluations of affection and appreciation. One of the explanations of the fact that the evaluation of judgment stands out among the others, involves the historical context that dictated the behaviors that should be followed, mainly by the women. In this way, the writer reveals, in her writing, traces of this social imposition. It is noticed that there is a reflection on the part of the poet in relation to the standards and roles that the women should assume, and such questions become evident in the lexico-grammatical choices that are made by Cora Coralina. Finally, this research aims to contribute to the basis of analysis of texts using the system of evaluation, as well as for the area of Applied Linguistics (LA). It is believed that the evaluations present in Cora Coralina's speech promote a reflection on the discourse about women, contributing to the research base within the scope of the LSF, as well as the opinions are realized linguistically in the discourse. In addition, it aims to bring contributions to research that has as a theme 'the woman', promoting questions about the challenges that are still present in modern society.

Keywords: Cora Coralina. appraisal system. Attitude. Metafunctions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estratificação dos planos comunicativos.....	28
Figura 2: Ambiente e o contexto.....	29
Figura 3: Os campos das metafunções.....	29
Figura 4: O sistema de Avaliatividade.....	33
Figura 5: O sistema de Transitividade.....	34
Figura 6: Funções da fala e resposta.....	36
Figura 7: Figura 8: <i>Wordlist</i> com todo o <i>corpus</i>	53
Figura 8: Lista de concordância com a palavra mulher.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação dos aspectos sistêmicos-funcionais.....	30
Quadro 2: O sistema de avaliatividade.....	40
Quadro 3: Tipologia de afeto.....	44
Quadro 4: Tipos de julgamento.....	45
Quadro 5: Lista de ocorrência de palavras relacionadas à mulher.....	56
Quadro 6: Lista de ocorrência de palavras relacionadas à mulher com mais recorrência:.....	57

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LA- Linguística Aplicada

LSF- Linguística Sistêmico-Funcional

SA- Sistema de Avaliatividade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	16
A ESCRITA DE CORA CORALINA.....	16
1.1 A crítica literária nas obras de Cora: O estado da arte.....	16
1.2 A voz para as mulheres.....	20
CAPÍTULO II.....	25
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1 Linguística Aplicada e Linguística Sistêmico-Funcional.....	25
2.1 As metafunções.....	32
2.2 O sistema de Avaliatividade.....	38
2.3 Os subsistemas.....	40
2.4 Atitude.....	41
2.4.1 Afeto.....	42
2.4.2 Julgamento.....	44
2.4.3 Apreciação.....	45
CAPÍTULO III.....	47
METODOLOGIA.....	47
3.1 Caracterização da pesquisa.....	47
3.2 Universo da pesquisa: contexto de cultura e contexto de situação.....	48
3.3. <i>O Corpus</i> (Coleta e seleção dos dados).....	49
3.4. O Programa computacional <i>WordSmith Tools</i>	50
3.5 Procedimentos de análise:.....	51
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS:.....	84
ANEXOS.....	89

INTRODUÇÃO

Este estudo fundamenta-se em pesquisas da área dos Estudos Linguísticos com ênfase na abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, estabelecida por Halliday (1994) e difundida pelos seus seguidores, quais sejam: Eggins (1994); Hunston; Thompsom (1999); Martin; White, (2005) entre outros. Em consonância com os estudos que estão sendo desenvolvidos no âmbito da LSF, os quais investigam a linguagem em variados contextos, levando em consideração o meio cultural e social, delimitamos esta pesquisa investigativa e exploratória para compreendermos como a linguagem da avaliação pode ser utilizada para analisar textos literários.

Considerando o sistema de Avaliatividade como condutor, o objeto de análise baseia-se na realização Interpessoal. Esta pesquisa, portanto, está situada no subsistema de Atitude. O critério de seleção do *corpus* baseou-se em textos que trazem como foco principal a figura da mulher e/ou elementos que remetem à figura feminina explicitamente ou implicitamente.

Sabemos que, por meio do arcabouço teórico e metodológico da LSF, é possível investigar como são constituídas as tramas que delineiam as escolhas léxico-gramaticais presentes em variados tipos de textos, tanto escritos como falados. Para tanto, foram selecionados dez textos da poetisa goiana Cora Coralina, sendo nove poemas e um conto, intitulados: *Todas as vidas*; *Antiguidades*; *A escola da Mestra Silvina*; *As tranças de Maria*; *Mulher da vida*; *A lavadeira*; *Mãe*; *A gleba de terra*; *O lampião da rua de fogo*; *Ofertas de Aninha*.

Em consonância com os estudos desenvolvidos por Martin e White (2005), compreendemos que o sistema de Avaliatividade é um recurso semântico discursivo utilizado para compreender os significados que são produzidos na avaliação da linguagem.

Ao utilizar este subsistema para adentrar as entrelinhas do discurso da escritora goiana, visamos compreender como as escolhas léxico-gramaticais utilizadas pela poetisa para avaliar a figura da mulher, levando em consideração as variadas vertentes semióticas que emergem a partir das avaliações que a escritora realiza.

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, exímia doceira da cidade de Goiás, mulher, criada em uma sociedade tradicional e patriarcal, rompeu diversos paradigmas em seu tempo e, por meio da escrita, registrou e fez poesia com a simplicidade do

seu olhar diante das experiências que demarcaram a sua vida e o contexto social no qual estava inserida.

Por meio da escrita literária e poética, a escritora ressaltou, com delicadeza e profundidade, diversos desafios que a vida e a sociedade lhe propuseram. Seus poemas exaltam nas entrelinhas textuais a sua personalidade, ressaltando as várias mulheres que delineiam sua individualidade e que representam a sua história, como poetisa, nas diversos escritos redigidos ao longo de seu percurso literário.

O objetivo geral deste estudo é compreender como a escritora Cora Coralina expressa as suas avaliações e opiniões sobre a mulher a partir de suas escolhas léxico-gramaticais avaliativas para referir-se à figura feminina. Os objetivos específicos visam: (i) Categorizar os elementos léxico-gramaticais que são utilizados para avaliar a mulher; (ii) Investigar como a mulher é representada nos textos analisados; (iii) Analisar como a escritora evidencia as limitações impostas as mulheres; (iv) Identificar e analisar as categorias de atitude são mais utilizadas para referir-se à mulher.

Este estudo também agrega contribuições para área da LA que trata da Linguística Aplicada que, conforme assegura Moita Lopes (1996), trata-se de uma ciência social de caráter interdisciplinar, levando em consideração a linguagem em variados contextos. Além disso, sabemos que a LA procura solucionar *déficits* em determinadas lacunas que ainda persistem em aparecer na realidade e que questionam assuntos emergentes que requerem atenção no campo de pesquisas.

As questões que nos inquietaram, enquanto pesquisadora, advém da realidade que as mulheres vivenciam(ram) no contexto sócio histórico, representado por lutas em busca de igualdade, respeito e conquista pelo seu espaço. Diversas formas de chamar a atenção da sociedade foram realizadas ao longo desse processo histórico, como: protestos, manifestações e também por meio de textos, como é o caso de Cora Coralina, que vale-se da escrita literária para abordar problematizações que permeiam o meio social.

Portanto, a motivação, que desencadeou a escrita deste trabalho, partiu da grande representatividade que a mulher desempenha nas várias esferas da sociedade, em destaque na esfera da literatura que possibilita ao escritor interagir com seu público. A escritora Cora Coralina, apresenta, denuncia, discorda, concorda e questiona diversos temas que impactam a sociedade e trazem à tona indagações que devem ser questionadas, mas que poucos tiveram tamanha sutileza e delicadeza de construir um enredo em torno do discurso do que é “ser mulher”.

A escrita, para Cora Coralina, tornou-se aliada para promover uma trajetória de memórias e experiências com múltiplos significados, adentrando as reminiscências da Cidade de Goiás que demarcam espaço e tempo de uma época de limitações para as mulheres.

Halliday (1994) divide a linguagem em três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Tais conceitos representam as escolhas léxico-gramaticais que são realizadas no ato da comunicação. Diante desse contexto, este estudo visa promover um estudo dentro da metafunção Interpessoal, já que pautamo-nos nas relações vivenciadas pela escritora, que são elencadas a partir da representatividade que a mulher adquire por meio das categorias que o subsistema de Atitude apresenta, e que fazem parte do sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005).

Com o intuito de direcionarmos os questionamentos que são pertinentes a este estudo, buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como Cora Coralina expressa suas avaliações sobre a mulher?
2. Quais as escolhas léxico-gramaticais avaliativas demarcaram a representatividade da mulher nas entrelinhas dos textos analisados?
3. Quais categorias de Atitude são utilizadas por Cora ao se referir à mulher?
4. Quais são as categorias de Atitude mais recorrentes e o que elas indicam?

A metodologia consistiu em selecionar os textos, que foram submetidos ao programa computacional *Wordsmith tools* (SCOTT, 2017). Almeida (2010, p.69) destaca as três ferramentas que o instrumento possui: “*wordlist* – é utilizada para se obter a lista de palavras mais frequentes no *corpus*, *keywords* – comparação de palavras-chave do banco de dados disponíveis, e a *concordance* – usada para se identificar qual o contexto que a palavra foi utilizada, mostrando sua posição na oração”.

Tendo em vista estas três ferramentas, utilizamos duas delas neste estudo: a *wordlist*, com o intuito de obter a frequência das palavras que mais aparecem no texto e a *concordance* para identificar as listas de concordâncias. Criamos uma lista no *concordance*, com o intuito de apresentar os processos mais recorrentes. Destacamos a palavra ‘mulher’ para gerar os processos mais relevantes que poderiam expressar atitude. A partir das listas de concordâncias,

foram categorizadas as avaliações de acordo com cada subtipo de atitude, sendo estes: afeto, julgamento e apreciação.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo traz considerações acerca da escrita de Cora Coralina. No segundo capítulo, são abordadas as noções de LSF e LA. Buscamos adentrar nos conceitos fundamentais da teoria proposta por Halliday (1994), assim como o prosseguimento de seus seguidores em relação à LSF, dentre eles, Martin; White (2005), que fala sobre sistema da Avaliatividade.

O terceiro capítulo trata dos processos metodológicos que constituem a pesquisa. São apresentados, de forma detalhada, todos os passos que foram realizados para o desenvolvimento das análises, desde a seleção do *corpus* até as análises propriamente ditas. O quarto capítulo é constituído pela análise do *corpus* e discussão dos dados obtidos. Por fim, apresentamos as considerações finais deste estudo, onde foram retomadas as perguntas de pesquisa. Ainda, nessa parte, apontamos as principais contribuições que foram obtidas. Em seguida, temos a listagem das referências e, por último, os anexos com a lista dos dez textos completos utilizados neste estudo.

CAPÍTULO I

A ESCRITA DE CORA CORALINA

Neste capítulo, apresentamos e discutimos alguns posicionamentos que permeiam a escrita de Cora Coralina. Procuramos apresentar opiniões críticas acerca das obras da poetisa e, além disso, são demonstradas as principais produções literárias. O capítulo está dividido em duas seções: a primeira diz respeito à crítica literária em geral, onde também são apresentadas algumas considerações sobre a vida da escritora e, na segunda parte, expusemos a imponência de sua produção literária para dar voz às mulheres.

1.1 A crítica literária nas obras de Cora: o estado da arte

A produção literária da poetisa goiana, por ser abrangente e diversificada, remete a diferentes aspectos de abordagem dos fatos simples que ocorrem no cotidiano, mas que ganham poeticidade quando estão na forma textual, às interpretações que emanam de seu discurso expressam, portanto, múltiplos significados.

No que tange à figura feminina, vários textos da poetisa abordam este tópico. Torna-se necessário aprofundar pesquisas sobre a sua vasta poesia, ingressar em vieses que abarquem novos olhares em seus escritos. Para entrar na escrita de Cora, é necessário conhecer um pouco de sua biografia, por isso, este capítulo também contempla algumas considerações sobre a sua trajetória pessoal.

Pereira (2009) afirma que Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 20/08/1889 e faleceu em 10/04/1985. Foi criada em uma sociedade patriarcal e machista, onde os posicionamentos da época idealizavam mulheres que fossem submissas à figura masculina.

Nesse sentido, o homem era responsável pelo sustento da casa, pelas decisões mais importantes, e era considerada a figura primordial da família, representando uma imagem imponente e respeitável. À mulher cabia apenas obedecer ao que o marido estabelecia, deveria se enquadrar nos padrões que a sociedade cultuava, sendo submissa e adotando atitudes consideradas ideais para ser uma boa esposa e boa mãe. Então, logicamente, ela se privava, muitas vezes, de suas decisões pessoais para atender às vontades do marido e dos filhos, ou seja, os posicionamentos destas mulheres eram sucumbidos, uma vez que elas não tinham voz.

No entanto, este contexto atingiu Cora Coralina de outra forma, pois tais padrões estabelecidos por aquela sociedade promoveram reflexões acerca de seu papel e suas vontades, enquanto mulher. Pode-se dizer que Cora revolucionou os pensamentos que até então eram considerados como padrões estabelecidos e consolidados e promoveu reflexões e questionamentos acerca deles.

No universo da escrita é importante ressaltar quem destacou a escrita de Cora como sendo literária. Ele, Carlos Drummond de Andrade, ao deparar-se com a poesia de Cora, surpreendeu-se e fez notória a sua admiração pelos textos da escritora. No trecho abaixo, retirado de texto de Amabile (2012, s.p), Drummond expressa a sua admiração:

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...)¹

‘Poemas dos becos de Goiás e estórias mais’ foi o primeiro livro de Cora Coralina e só foi publicado em 1965, quando a escritora completaria 76 anos. O fato de Carlos Drummond de Andrade apreciar a literatura da poetisa trouxe um grande holofote para seus textos e chamou a atenção do mundo.

Quando os escritos da literata tornaram-se nacionalmente conhecidos, houve um aceite positivo por parte dos leitores que começaram a se interessar pela forma como a escritora fazia poesia, pois ela utilizava o cotidiano como seu principal aliado. A partir de então, Cora Coralina tornou-se um ícone da literatura brasileira, tanto em âmbito nacional como internacional, compondo um extenso reservatório de escritos que possuem grande representatividade para o acervo literário, e que resguarda na escrita a memória do estado de Goiás.

Ao pesquisarmos sobre os estudiosos em geral que estudam sobre Cora Coralina, pudemos apresentar algumas das críticas literárias que são realizadas sobre a escrita da poetisa goiana. Para embasar de forma abrangente apontamentos realizados sobre escrita da literata, realizamos pesquisas em diversas plataformas *online* com o intuito de encontrar referenciais críticos que pudessem auxiliar na elucidação dos apontamentos acerca de suas obras; além disso, alguns livros que também contém um vasto conteúdo sobre a poetisa foram utilizados.

¹ Fonte: Disponível em: <http://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/o-dia-em-que-drummond-descobriu-cora-coralina/>. Acesso em: 10 Jul. 2018, às 14 h 37min.

Britto (2011) esclarece que Cora Coralina tem um estilo de escrita que remete a questionamentos daqueles que estão à margem da sociedade, tal característica funciona como uma particularidade em seus textos. Ao trazer para seus poemas assuntos que eram até então considerados como marginalizados, a poetisa abre possíveis reflexões sobre esta parte da sociedade que sempre foi desprezada.

A crítica literária, Darcy França Denófrío, autora de livros em áreas como: didática e crítica literária, direcionados para a divulgação da literatura goiana, tem vários livros escritos sobre Cora Coralina. Denófrío participou da organização, coordenação, prefácio e notas críticas como:

- *²Antologia do conto goiano I - dos anos dez aos anos sessenta.* [organização Darcy França Denófrío e Vera Maria Tietzmann Silva]. Goiânia: Editora da UFG, 1992; 2ª ed., revista e atualizada, [organização Darcy França Denófrío, Vera Maria Tietzmann Silva e Maria Zaíra Turchi]. Goiânia: Editora da UFG, 2013.
- *Antologia do conto goiano – Volume II - o conto contemporâneo.* [organização Darcy França Denófrío, Vera Maria Tietzmann Silva e Maria Zaíra Turchi]. 2ª ed., revista e atualizada, Goiânia: Editora UFG, 2013.
- *Léo Lynce: poesia quase completa.* [coordenação editorial, prefácio e notas críticas Darcy França Denófrío]. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- *Cora Coralina.* [coordenação, apresentação crítica e biografia Darcy França Denófrío]. (Coleção Melhores Poemas). São Paulo: Global, 2004.
- *Cora Coralina: celebração da volta.* [organização Darcy França Denófrío em parceria com Goiandira Ortiz de Camargo]. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

² Fonte: Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/01/darcy-franca-denofrio.html> Acesso em: 17 Jul. 2018, às 15 h 31 min.

Denófrio (2016) ressalta que Cora Coralina apropria-se de conjuntos discursivos que contornam as experiências pessoais e experienciais, baseando-se na própria história e a de seu povo para descrever uma sintonia com a realidade, demonstrando em seus versos o entendimento dos anseios dos goianos. A escritora tornou-se uma porta voz de uma época de intensas demagogias e estereótipos que faziam parte daquele contexto.

Britto e Seda (2009) afirmam que Cora Coralina desenvolveu uma imagem de inferioridade, pois sempre procurava apresentar em seus textos a menina inzoneira, ou aquela menina mal amada. Os autores ainda enfatizam que a escritora teve grande influência de sua mãe, que tinha um ideal de vida diferente para aquela época e isso influenciou Cora, de alguma forma, ajudando-a a ter uma personalidade diferente dos padrões sociais que eram estabelecidos no contexto da época.

Britto e Seda (2009) afirmam, ainda, que a escritora escreve sobre vários temas, dentre eles, a natureza. Sua poesia possui uma relação com o meio ambiente revelando sua preocupação em preservar a natureza e sua estreita relação com meio rural.

Outro estudioso de Cora, Ramón Pesquero (2003, p. 31), assevera sobre a vida da autora:

Casou-se com o advogado mineiro Dr. Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, de quem ficou viúva. Gerou seis filhos, dos quais dois Enéias e Ísis – faleceram na tenra idade. Além de Paraguassu, Cantídio, Jacinta e Vivência, Aninha, criou também Guajajá, sua filha adotiva. Seus filhos lhe deram 16 netos (um falecido) e 29 bisnetos.

Cora Coralina morou durante algum tempo em algumas cidades do estado de São Paulo, como em Jaboticabal, Penápolis e Andradina. A sua escolaridade foi um curso primário completo, com a Mestra Silvina Ermelinda Xavier de Brito. Ao longo de sua história ela escreveu as seguintes obras, conforme assevera Ramón Pesquero (2003, p. 31):

1965- Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, pela Editora José Olympio, São Paulo;

1976- Meu livro de cordel, pela P.D. Araújo Livraria e Editora Cultura Goiana, Goiânia;

1983- Vintém de cobre: meias confissões de Aninha, pela Editora da UFG, Goiânia;

1985- Estórias da casa velha da ponte (contos);

1996- Meninos verdes (infantil) (póstumo);

1999- A moeda de ouro que o pato engoliu (infantil) (póstumo);

2001-Vila boa de Goiás (poesia) (póstumo);

O prato azul pombinho (infantil) (póstumo);

Cora Coralina vivenciou as opressões que marcavam a luta da conquista das mulheres pelo seu espaço na sociedade, pois, na época, eram submetidas a viver em uma sociedade patriarcal, expostas aos desafios de não terem posicionamento, uma vez que a sociedade era e, ainda é, em sua quase totalidade, machista.

1.2 A voz para as mulheres

Atualmente as questões relacionadas ao papel que a mulher ocupa na sociedade é um dos assuntos que mais gera discussões. Com muita persistência, elas adquiriram ao longo do tempo alguns direitos, que até então sempre lhes foram negados. Dentre estas conquistas, o direito à educação é, sem dúvida, muito significativo. Por meio da escrita, pode-se registrar a realidade, criticar, refletir e questionar, e isso para o século XIX, por um lado, torna-se um avanço e, por outro, pode ser visto como um desvio aos padrões já consolidados.

No entanto, ao pensar pelo lado que entende essas questões como um avanço positivo, o caminho literário escolhido por Cora Coralina, para falar sobre o papel da mulher na sociedade, foi a escrita literária. Usando um pseudônimo, ela escreveu vários textos que foram aos poucos conquistando o público por revelar nuances até então deixadas de lado pela sociedade.

Nesse sentido, Britto (2011) assevera que Cora Coralina ao escrever sobre as mulheres em seus textos, busca evidenciar aquelas que são vistas com menosprezo pela sociedade. Isso inclui as prostitutas, as lavadeiras e as mulheres que viviam no campo, dentre outras. Os textos visavam abarcar temas que deveriam ser discutidos, mas que, por conta dos padrões da época, poucas pessoas ousavam tratar de tais problematizações de forma amistosa.

Sobre isso, Duarte (2012) afirma que, durante o século XIX, as mulheres vivenciavam uma realidade demasiadamente restritiva, por exemplo, o direito de saber ler e escrever era proibido, porque para os moldes daquela época isso era desnecessário. No entanto, algumas tiveram uma educação diferente e procuraram formas de estender o conhecimento que obtiveram para as demais que ainda vivenciavam as duras imposições estabelecidas pela sociedade tradicional.

Cora Coralina foi uma dessas mulheres, ela vivenciou essas mudanças ao longo de sua vida, já que nasceu no final do século XIX e logo percebeu que a escrita poderia lhe servir como um instrumento para denunciar, concordar, discordar; enfim, a escrita seria a sua aliada para se

expressar enquanto mulher e escritora. Apesar de a poetisa ter apenas a educação fundamental, isso não a impediu de produzir textos ricos em detalhes, sabedoria e um conteúdo que abrangesse questões emergentes daquela época e que, atualmente, ainda continuam sendo fonte de discussões.

A professora da Universidade Estadual de Goiás, Ebe Maria de Lima Siqueira (2015, s/p) opina sobre a escrita da poetisa afirmando que: “Eu vejo Cora como uma feminista de vanguarda”.³ É possível notar nas palavras de Siqueira, que há um reconhecimento da representatividade da poesia de Cora Coralina para o universo feminino, pois ao retratar de maneira poética e, ao mesmo tempo, criticar a realidade que vivenciavam as mulheres do século passado, os escritos caracterizam o posicionamento da difusão dos ideais feministas.

A também professora da Universidade Federal de Goiás, Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo (2015, s/p), assinala a importância do acervo de Cora Coralina em consonância aos posicionamentos pró-feminismo, apesar do lado conservador que dominava a sociedade, também havia mulheres que eram engajadas em causas que ressaltavam o potencial feminino: “Na cidade de Goiás, como antiga capital do estado, havia uma agitação cultural forte e mulheres inscritas no tradicionalismo, no conservadorismo da cidade, mas que também atuavam”.

Dénofrio e Camargo (2006) explicam sobre a influência da escrita de Cora Coralina, afirmando que a poetisa publicou seus primeiros textos no seminário *A Rosa*, dirigido pela própria escritora e demais mulheres que escreviam poesia. A professora esclarece ainda que a literata se inspirava em poetas como Almeida Garret e em textos que vinham de outros países.

Dénofrio e Camargo (2006, s/p) esclarecem que: “Ela estava alguns passos à frente dessas mulheres que escreviam nos moldes tradicionais, sonetos, poesia metrificada, ou simbolista ou parnasiana. Elas tinham medidas. Cora não, Cora era desmedida. Seus primeiros versos assustaram tanto as pessoas que os imputaram ao primo dela Luiz do Couto”.

A professora Maria Meire de Carvalho (2015, s/p), doutora em gênero e estudos feministas pela Universidade de Brasília (UnB), pontua que enxerga Cora Coralina como uma feminista de vanguarda. E, ainda, realiza alguns apontamentos:

Às vezes as mulheres têm medo de dizer que são feministas, porque pega mal. Mas esse pegar mal na sociedade já mostra a cultura machista. Uma feminista é aquela que tem metas que ultrapassam as impostas. E as ações de Cora estavam totalmente envolvidas no processo de emancipação das mulheres.

³ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/vida-e-obra-de-cora-coralina-sao-marcadas-por-ideais-feministas-e> acesso em: 30 Jan. 2019, às 00: 42.

Podemos deprender, então, que a literatura produzida por Cora Coralina gerou um impacto na sociedade conservadora do século XX. Os temas que a poetisa decidiu abordar, na sua escrita, trouxeram à tona questões que há anos estavam permeadas na sociedade e que implicavam diretamente em padrões comportamentais que foram repassados de geração a geração sem que houvesse mulheres questionando os seus posicionamentos na sociedade. A poetisa notou que, através da escrita, poderia dar voz às mulheres, especialmente, àquelas que eram excluídas da sociedade, pois essas precisavam ser acolhidas e na poesia da escritora encontram afago.

A professora de literatura Ebe Maria de Lima Siqueira (2015) ressalta que a escritora rompeu limites para aquela época, uma vez que o conservadorismo era algo que estava impregnado na formação dos indivíduos e foi criticado nos escritos de Cora. A professora esclarece, ainda, que, apesar da poetisa defender a independência da mulher, ela também foi mãe e esposa, participou da educação dos filhos até que tivessem idade suficiente para serem independentes. Mas este fato não exclui os ideais feministas que Cora Coralina buscava despertar nos seus escritos; pelo contrário, suas obras abordavam tais perspectivas, a fim de proporcionar reflexões sobre o que já era estabelecido e sobre como a sociedade enxergava as mulheres.

Para Maria Meire (2015, s/p), a crítica de Cora Coralina era um autorretrato da própria vida:

Ela fala muito de memórias da infância, ela tinha a perspectiva de que era a menina mal-amada, a menina feia da ponte da Lapa, aquela que estava fora dos padrões normativos, todos esses rótulos. E depois de ter a coragem de voltar à cidade, ainda continua sendo rotulada. Por isso que eu falo, não precisa descrever e colocar na testa de nenhuma mulher que ela é feminista. São suas ações que imprimem esses significados.

Atualmente as questões relacionadas à representatividade da mulher tornaram-se um dos assuntos mais pertinentes a serem discutidos, devido à importância do tema para a sociedade em geral e, sobretudo, para a figura feminina.

O espaço, que os grupos feministas vêm ocupando ao longo do tempo, indicam a ascensão e a força que as mulheres construíram para se mostrarem ativas. Isso não é fácil dentro de uma sociedade que ainda se mostra machista e carrega resquícios das imposições sociais que durante muitos anos foram fundamentais para determinar comportamentos e formar padrões.

De acordo com Ramón Pesquero (2003, p.51):

O feminismo de Cora Coralina não representa revolta nem rivalidade com a figura masculina. Nem tampouco é de passividade. Ela canta a glória anônima de sua grandeza, vivida e usufruída no silêncio obscuro do servir à causa da vida, nos mais humildes afazeres domésticos e vitais.

A poetisa expressa, em sua obra, reflexões sobre a realidade vivenciada durante uma época em que a mulher não tinha ‘empoderamento’ e nem a voz ativa que possui nos dias atuais. A exaltação da mulher nas suas obras deixa transparecer a sua própria identidade, trazendo uma consciência sobre afetividade com os laços pessoais de sua existência humana, como as memórias da vivência e das experiências que foram ilustradas.

A mulher sofreu e ainda sofre vários tipos de preconceitos na sociedade, e era vista, muitas vezes, como aquela que deve casar-se, ter um lar, ter filhos e ser uma boa esposa, uma boa mãe. No entanto, nem toda mulher imagina uma vida assim e a busca por outra realidade, por buscar seu espaço na sociedade sempre gerou discriminação.

Isso posto, importante destacar que esse estudo, por se tratar de um *corpus* literário, traz importantes considerações do livro *Verbal art and Language* de Hassan (1989), no qual a autora enfatiza alguns esclarecimentos acerca da descrição da linguagem literária. A autora apresenta um modelo linguístico utilizado para textos literários.

Sabemos que a literatura estabelece uma linguagem que torna a realidade passível de ficção e vice-versa, interpretar ou analisar um texto não é necessariamente algo que seja realizado por um conhecimento comum, é preciso que haja um entendimento mais profundo, capaz de explicar de forma clara e técnica os componentes textuais.

Hassan (1989) esclarece que os conhecimentos que se tem sobre a linguagem não são suficientes para atingir um esclarecimento conciso para o público, a menos que haja uma linguagem técnica coadjuvante nesse processo interpretativo. A autora enfatiza que isso auxilia na interpretação, promovendo, dessa forma, uma junção entre as possibilidades semióticas que um texto apresenta em consonância com uma linguagem que explicita de forma técnica estabelecendo um esclarecimento mais amplo.

Na sequência, apresentamos a fundamentação teórica, necessária para entendimento dos conceitos básicos para as reflexões e análises.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordamos os conceitos teóricos que configuram esta pesquisa. O item 2.1 fala sobre a Linguística aplicada (doravante LA) e a LSF. Teve-se como objetivo apresentar os teóricos que fundamentam este estudo. Inicialmente é exposto um breve panorama da LA, fundamentando-se no aporte teórico de Gomes de Matos (1976), Almeida Filho (1991), Celani (1992) e Moita Lopes (2006), dentre outros autores.

Em seguida, é discutido o aparato teórico referente à LSF, que fundamenta-se em Halliday (1994), Martin e White (2005), Almeida (2010), Barbara; Macêdo (2009), Gouveia (2009), Fuzer e Cabral (2014), Vian Jr. (2010), dentre outros teóricos que trazem contribuições pertinentes à área.

2.1 Linguística Aplicada e Linguística Sistêmico-Funcional

Conforme afirma Gomes de Matos (1976), a LA surgiu nos meados de 1950, originada pela junção da Linguística Descritiva e a Linguística Contrastiva. Esta área de estudo ficou conhecida como Linguística Geral ou Linguística teórica nos meados de 1965. Ao longo do tempo, a LA foi se expandindo no Brasil por linguistas como Maria Antonieta Alba Celani, uma das responsáveis pela disseminação desta área no país. Desde 1990, a LA foi difundida de forma enfática por Celani, que visava apresentar esta ciência como sendo interdisciplinar, e que apesar de fazer parte da Linguística Geral, é considerada uma área independente.

Celani (1992) destaca que a LA permite dialogar com outras áreas do conhecimento, como a Psicologia e Antropologia, desenvolvendo um modelo próprio de abordar a linguagem. Dessa forma, entende-se que a LA adentra em outras peculiaridades, questões mais profundas que envolvem a comunicação e problemas que se originam neste âmbito. Almeida Filho (1976) destaca a importância da Linguística Geral, mas ressalta que é insuficiente para atender à demanda de dificuldades que emergem na esfera da linguagem.

Moita Lopes (2006) afirma que a LA na atualidade visa questionar problemas que são referentes à linguagem, trazendo possíveis soluções que possibilitem adentrar nos espaços de situações de uso dos falantes. Assim, o contato com outras áreas da ciência é de significativa importância, pois promove diálogos que permitem adentrar em questões sociais e culturais que

emanam apoios favoráveis para a compreensão e solução de problematizações referentes à linguagem.

De acordo com Celani (2000, p.20):

Tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha papel instrumental na construção dos contextos sociais nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de ordem educacional, social, política e até econômica.

Considerando o posicionamento exposto por Celani em relação à LA, podemos depreender o quanto é importante uma conscientização linguística que promova a reflexão sobre os diferentes papéis que a linguagem possui e que permita disseminar valores na construção de indivíduos esclarecidos acerca da realidade social, tendo em vista os diferentes contextos que a linguagem está intrinsecamente inserida.

Na contemporaneidade, defende-se a visão interdisciplinar da LA, pois parte-se de problemas que são gerados na linguagem enquanto prática social e, a partir desse ponto, são elaboradas ações que consigam agregar possíveis soluções apoiando-se em diversas outras áreas do conhecimento, com o intuito de contribuir de forma efetiva com as noções de outros campos.

Conforme ressalta Moita Lopes (2006), à LA interessa falar sobre o mundo que vivemos, levando em consideração aspectos importantes sobre a linguagem, sendo esta responsável pelas nossas experiências nos conhecimentos adquiridos, pensar no existir e nas práticas sociais, atravessando fronteiras. Sabemos que, para difundir o conhecimento atualmente, devemos fundamentar-nos em outras áreas para ir além do tradicional, e atingir novos patamares, no que diz respeito à construção de sujeitos que reflitam sobre a realidade que estão imersos.

Diante dos variados aspectos que a LA possui, em especial, destacamos a preocupação com a linguagem. Ela funciona como intermediadora entre a comunicação e as mudanças que ocorrem de acordo com os avanços do mundo moderno. A busca de melhorias, que solucionem tais problemas, impulsionam as pesquisas que focam justamente no contexto social, político e econômico.

Vian Jr. (2014) afirma que o modelo sistêmico-funcional trata de uma teoria desenvolvida por Halliday (1994) com o intuito de compreender a linguagem considerando as diversas funções que existem no contexto que as envolve. No geral, podemos afirmar que a LSF

é uma teoria que enxerga a língua perante os diversos aspectos sociais, assim como uma metodologia de análise para a descrição linguística.

Os estudos de Halliday (1994) apresentam a linguagem como um sistema semiótico usado pelos usuários da língua para selecionar os elementos linguísticos desejados para construir um discurso. A LSF se diferencia da linguística tradicional por considerar o contexto que um texto foi produzido gerando significados tanto individuais como sociais.

Halliday e Matthiessen (2004) asseveram que a LSF parte do princípio de que o uso da língua envolve relações sociais e escolhas léxico-gramaticais, realizadas pelos participantes dentro de um determinado contexto. O ambiente que um discurso foi realizado, também importante, permite que haja diferentes interpretações semióticas.

Conforme afirmam Martin e White (2005, p. 7):

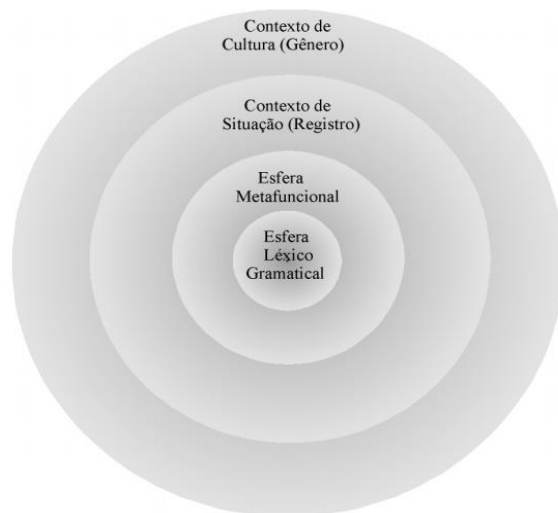
At heart SFL is a multi-perspectival model, designed to provide analysts with complementary lenses for interpreting language in use. One of the most basic of these complementarities is the notion of kinds of meaning – the idea that language is a resource for mapping ideational, interpersonal and textual meaning onto one another in virtually every act of communication.⁴

A LSF é um modelo de múltiplas perspectivas, afinal, a língua é considerada resultado das relações socioculturais. A LSF preocupa-se com a forma com que a linguagem se estrutura em diferentes contextos de situação, uma vez que é, por meio da comunicação, que o indivíduo demonstra traços de seu meio cultural e as interações comunicativas que são produzidas através da linguagem. A relação entre contexto e cultura demonstra o quão intrínsecos são um ao outro.

Levando em consideração que a linguagem para a LSF é utilizada para trocar significados, interagir, e que permite construir as relações sociais de modo organizado, a figura (1) demonstra como se estruturam tais aspectos:

Figura 1: Complexo Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday.

⁴ Na realidade, a LSF é um modelo de múltiplas perspectivas, projetado para fornecer aos analistas lentes complementares para interpretar a linguagem em uso. Uma das mais básicas dessas complementaridades é a noção de tipos de significado - a ideia de que a linguagem é um recurso para mapear o significado ideacional, interpessoal e textual entre si em praticamente todos os atos de comunicação.



Fonte: Complexo Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday.

RODRIGUES, JUNIOR (2006, p.40)

A figura 1 apresenta a ordem que a linguagem se constitui pelo complexo sistêmico-funcional. Tem-se a dimensão mais abrangente que é a da cultura, que engloba o contexto de situação e este engloba a esfera de contexto de situação (registro). No centro, tem-se a esfera léxico-gramatical. Isso demonstra como o contexto de cultura realiza as escolhas em detrimento ao contexto de situação ao qual a língua se constitui.

A figura (2) ilustra como se dá a conexão entre texto oral e escrito:

Figura 2: Conexão entre o texto (oral e escrito)



Fonte: Almeida (2008, p.8) traduzido de Martin (1992)

A figura 2 demonstra como a linguagem se interage para produzir significados, envolvendo os aspectos de cultura, situação, semântica, léxico-gramática, fonologia e grafologia. Os significados que são produzidos na esfera de contexto e cultura geram opções léxico-gramaticais que dependem do contexto que são utilizados.

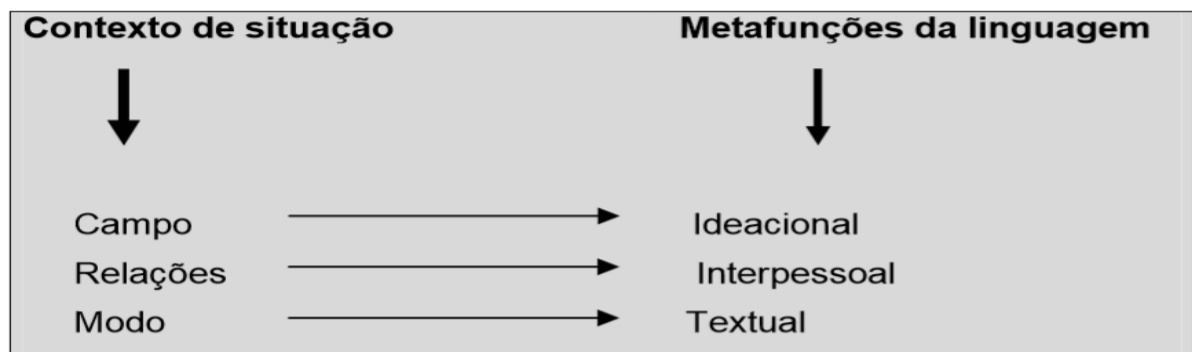
Almeida (2008, p.08) explica que:

No nível não linguístico, encontram-se o contexto de situação e o contexto de cultura. Essas duas dimensões permitem caracterizar o contexto social das escolhas linguísticas de um determinado texto: as teorias de gênero e de registro. No nível não linguístico, encontram-se o contexto de situação e o contexto de cultura. Essas duas dimensões permitem caracterizar o contexto social das escolhas linguísticas de um determinado texto.

Halliday (1994) esclarece que o contexto de situação se divide em três variáveis de registro: o campo, as relações e o modo.

Na figura (3) nota-se a relação entre o contexto de situação e as metafunções da linguagem:

Figura 3: Relação do contexto de situação com as metafunções da linguagem



Fonte: Almeida (2008, p.9)

Notamos que a figura (3) apresenta os três contextos de situação e as metafunções da linguagem. O campo se realiza pela metafunção ideacional, trata das experiências sobre o mundo externo e interno. Já as relações se realizam na metafunção interpessoal, que implica nas trocas que são realizadas durante a interação da fala. O terceiro é o modo que se realiza na metafunção textual, responsável pela organização da mensagem que se deseja transmitir.

Sobre isso, Almeida (2008, p. 10), ainda, esclarece que:

Considerando os aspectos de relações, de campo e de modo, é importante lembrar ainda - que por meio destas variáveis - percebe-se o texto como um processo de escolhas semânticas que determinam padrões léxico-gramaticais sistemáticos característicos em determinados textos ou discursos.

Os tipos de variáveis de situação são utilizados, juntamente com as metafunções da linguagem, para se referirem às escolhas semânticas que são concretizadas no discurso, implicando nas escolhas que os falantes/escritores utilizam nos diferentes contextos.

A fim de esclarecermos as dimensões que a linguagem se apresenta, o quadro abaixo elaborado por Vian Jr.(2014) expõe os aspectos sistêmicos-funcionais:

Quadro 1: Aspectos sistêmicos-funcionais

	Dimensão	Princípio	Ordem
1	Estrutura (eixo sintagmático)	Ordem	Oração ~ grupo ou frase ~ palavra ~ morfema
2	Sistema (eixo paradigmático)	Delicadeza	Gramática ~ léxico ~ [léxico-gramática]
3	Estratificação	Realização	Semântica ~ léxico-gramática- fonologia ~ fonética
4	Instanciação	Instanciação	Potencial ~subpotencial ou tipo de instância ~ instância
5	Metafunção	Metafunção	Ideacional [lógica ~ experiencial ~interpessoal ~ textual]

Fonte: Adaptação de Vian Jr. (2014, p. 426), traduzido de Halliday e Matthiessen (2004, p. 20)

Notamos que o quadro (1) está estruturado em três aspectos: dimensão, princípio e ordem. Este modelo permite visualizar como se estruturam os fenômenos linguísticos, levando-se em consideração que a língua trata-se de um complexo sistema sobre o qual emergem diferentes níveis e estratos. Conforme mencionado, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a LSF envolve vários aspectos sociosemióticos que são baseados nas escolhas que os falantes/escritores realizam considerando diferentes contextos de uso (cultura e situação).

Ainda sobre a organização da língua para a LSF, Vian Jr. (2010, p. 427) afirma:

Os sistemas grafológico e fonológico localizam-se no nível da expressão, isto é, ao falamos ou escrevemos para nos expressar a partir dos conteúdos existentes para isso: a léxico-gramática e a semântica. Tomando como base também o fato de que a língua é um sistema semiótico estratificado que envolve três ciclos de codificação em diferentes níveis de abstração, a noção de realização estabelece a relação entre os estratos, pois a língua é apenas um dentre os vários sistemas semióticos.

O autor compreende também que os sistemas grafológicos e fonológicos são responsáveis por estabelecer a gramática e a semântica no discurso, possibilitando aos usuários da língua utilizá-la para comunicação, tendo em vista que a língua possui diferentes aspectos pelos quais é possível nos expressar.

Conforme afirmam Fuzer e Cabral (2014), a LSF permite investigar o uso linguístico dentro de variados contextos e pauta-se no envolvimento gerado dentro de um determinado contexto. Isso influencia nos aspectos sociais nos quais a comunicação se organiza, levando em conta que a linguagem é um sistema semiótico responsável por estabelecer a comunicação.

Para Halliday (1994), o texto sempre está inserido em dois contextos: o contexto de situação e o contexto de cultura. A linguagem é, então, um sistema semiótico, e que, ao elaborar um discurso, o falante/escritor seleciona determinados elementos linguísticos que serão apropriados de acordo com cada situação.

O texto traz evidências do contexto em que foi produzido e, logo que as variações acontecem no contexto de situação, ocorrem, também, as modificações no contexto de situação. A fim de compreender um texto de forma adequada, é necessário que haja um conhecimento detalhado do contexto de situação, que se caracteriza em ter discernimento da situação que foi produzido. Por isso, o contexto de situação pode revelar elementos que favoreçam a compreensão do discurso.

Halliday e Hasan (1989) asseguram que o contexto de situação se desenvolve em três variáveis de discurso, sendo: campo, relações e modo. Sobre essas variáveis, Fuzer e Cabral (2014, p. 30) esclarecem que:

O *campo* remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico. As *relações* envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle sobre o outro, a relação entre eles (hierárquica ou não) e a distância social ou o grau de formalidade (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem). O *modo* refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação. Trata-se do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal).

Partindo do pressuposto de que a língua pauta-se nas esferas de cultura e situação para se concretizar, podemos dizer que a LSF busca no contexto cultural a realização dos subsídios que fomentem a realização linguística. Os discursos, tanto escritos como falados, geram

significados diferentes, conforme o contexto no qual estão inseridos, repercutindo no ambiente sociocultural. É importante salientar que o contexto de cultura relaciona-se com as perspectivas que são desenvolvidas ao longo do tempo, resultado dos valores e crenças que foram desenvolvidos durante muito tempo e que culminaram na obtenção de costumes e práticas atuais.

Vian Jr. (2010) afirma que:

Como a LSF não estuda a língua exclusivamente a partir de uma perspectiva intralinguística, é necessário que se considere o estrato extralinguístico, isto é, os elementos do contexto de cultura e de situação que também contribuem para a construção de significados nos textos. Temos um contexto mais amplo, o contexto de cultura, no qual está inserido o sistema linguístico, além do contexto mais imediato do texto, o contexto de situação, em que a língua está inserida. Há, dessa forma, um contínuo entre a cultura e a situação e entre a língua e o texto: os textos produzidos em seus contextos são porções de uma cultura mais ampla, são instâncias dessa cultura e os textos são instâncias do sistema linguístico.

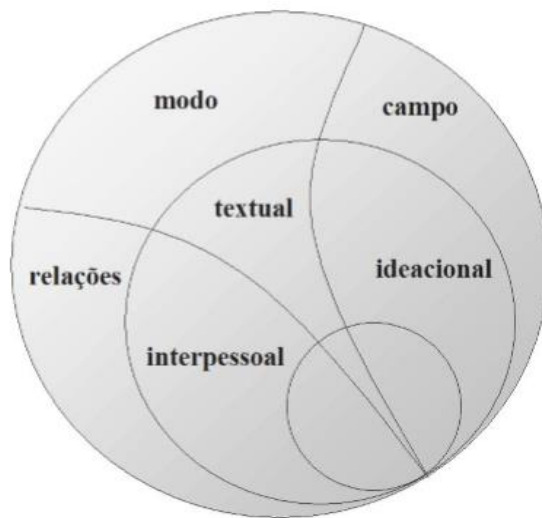
O autor ressalta que a LSF compreende a língua pela perspectiva extralinguística. O contexto de cultura, que é mais amplo, abrange o sistema linguístico. O contexto de situação abarca o local que auxilia na construção dos significados de um texto. Dessa forma, ambos são complementos um do outro.

2.1 As metafunções

Halliday (1994) divide a linguagem em três metafunções que são chamadas de: Ideacional, Interpessoal e Textual. Elas abrangem as avaliações que são realizadas na linguagem e funcionam como um sistema multifacetado de significados, que ocorrem simultaneamente. Desse modo, podemos dizer que são responsáveis pela descrição sobre a experiência de mundo, organizando o posicionamento do falante/escritor.

Vejamos, a seguir, a figura (4), que ilustra como as metafunções se organizam:

Figura 4: Metafunções da linguagem



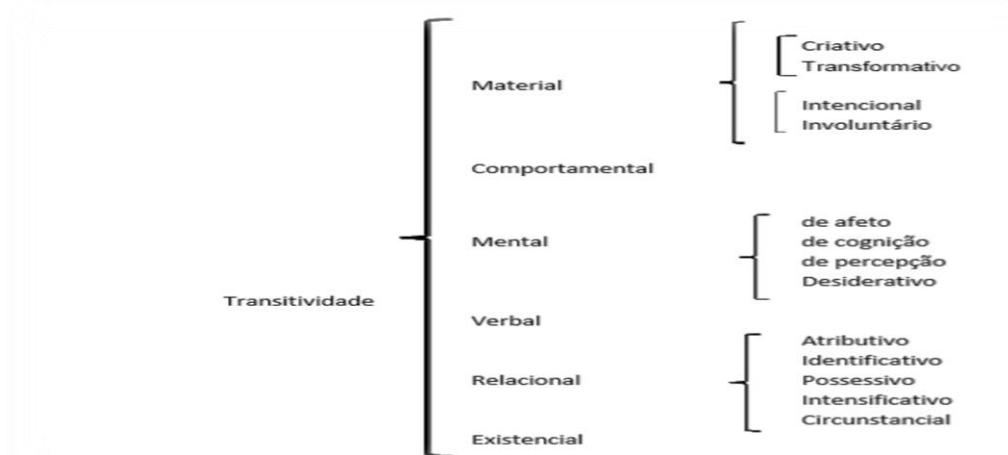
Fonte: Almeida (2010, p.21).

Halliday (1994) assegura que a metafunção ideacional é responsável por tratar a língua como representação, isto é, compreender as experiências sobre mundo e consciência, pelo ângulo da percepção e do sentido. Desse modo, o falante/ escritor utiliza-se das manifestações que são geradas a partir dos acontecimentos que ocorrem no ambiente externo e também do interno (consciência) para descrever a sua visão sobre o mundo.

A ideacional é responsável por estabelecer uma estrutura linguística capaz de explicar a experiência humana, é o chamado sistema de *transitividade*. As estruturas de uma oração vistas pela perspectiva desta metafunção são descritas como: (i) o processo, que equivale ao grupo verbal; (ii) o participante, que são realizados pelos nominais e (iii) a circunstância que se referem ao grupos adverbiais. (HALLIDAY, 1994).

Na sequência, a figura (5) demonstra a organização do sistema de transitividade.

Figura 05: Sistema de transitividade



Fonte: Almeida (2008, p. 21)

Almeida (2010, p. 32) esclarece que a transitividade dos processos é dividida em: 1) processos materiais; 2) processos mentais; 3) processos comportamentais; 4) processos verbais; 5) processos existenciais e 6) processos relacionais.

Já a metafunção interpessoal é responsável por estabelecer a interação entre falante/ escritor. Para Bárbara e Macêdo (2009, p.100):

[...] a metafunção interpessoal parte da variável de contexto de situação Relações. Ela representa os falantes, suas intenções, relações; é através da metafunção interpessoal que se manifesta a interação entre os participantes da situação e deles com a sociedade, como interage o grau de distância/proximidade ou de poder/solidariedade existente entre eles, a responsabilidade que assumem quanto à mensagem que transmitem, se o fazem de maneira assertiva/categórica, ou não. Tem, portanto, a ver com a mensagem, enquanto na gramática funcional, esse significado materializa-se na estrutura da língua pelas escolhas feitas quanto ao modo e à modalidade.

A metafunção interpessoal entende a oração como troca de significados. Nesta metafunção, a linguagem se constitui através das escolhas que os participantes realizam, sendo organizados em duas sentenças que os constituem: o Modo Oracional e o Resíduo. Conforme enfatiza Almeida (2010, p.22), o Modo Oracional possui dois elementos constitutivos: o Sujeito e o Finito. O sujeito diz respeito à proposição.

A proposição é responsável pela troca de informação, possibilitando que o falante/ escritor realize diversos tipos de argumentações em relação ao que está sendo trocado. Conforme exemplifica Almeida (2010), “afirmar ou negar”, “duvidar”, “contradizer”, “reforçar”, “aceitar com restrições”, “amenizar”, “lamentar” etc. O finito diz respeito às relações temporais e modais da proposição.

Halliday (1994) enfatiza que a metafunção interpessoal é responsável por explicar os papéis da fala, os quais implicam em dar e receber ou ordenar algo em resposta. Ao interagir através da linguagem verbal, os participantes de um determinado discurso estabelecem entre si uma interação que permite uma troca nos papéis na fala. Almeida (2008) esclarece que: “Os papéis básicos assumidos pelos interlocutores são: de ‘oferecer’ e de ‘pedir’, sendo que o ‘oferecer’ torna o outro convidado a ‘receber’ e ‘pedir’ coloca o ouvinte na posição de ‘obrigado a dar’.”

Eggins (1994) esclarece que esta metafunção explora os significados que emanam da oração como troca. Em outras palavras, a metafunção interpessoal é responsável pela interação entre os participantes do discurso. Para realizar a troca de significados, esta função se baseia no sistema de modo. Martin, Matthiessen e Painter (1997, p. 57) *apud* Almeida (2010, p. 22) esclarecem que: “O sistema de modo pertence à metafunção interpessoal, e é um recurso gramatical utilizado para realizar um movimento interativo no diálogo; sua função é organizar uma sentença em dois constituintes: Modo oracional e o Resíduo”.

Fuzer e Cabral (2014, p.108) elucidam:

O sujeito é tipicamente um grupo nominal, que pode ser reintegrado no texto por pronomes pessoais ou demonstrativos. Em língua portuguesa, pode também ser omitido, quando a desinência do verbo estiver indicando a pessoa do discurso, ou ficar em elipse quando o sujeito da oração for o mesmo da oração anterior.

Halliday (1994) reitera que a interação entre falante/escritor acontece, além da representação da realidade, uma troca de informações que estabelece no diálogo com o seu interlocutor. Existe uma troca de informações que permite uma troca de papéis.

Nessa troca, Fuzer e Cabral (2014, p.105) enfatizam que:

Na troca de bens e serviços, o indivíduo usa a linguagem para influenciar o comportamento de alguém. É nesse sentido que a linguagem é instituída como instrumento de ação. A expectativa do falante é que o interlocutor faça aquilo que foi enunciado.

A figura (6), a seguir, apresenta como são organizadas as funções da fala:

Figura 6: Funções da fala e resposta

Papel de fala	Função de fala		Resposta pressuposta
Oferecer bens e serviços	Oferecimento	Propostas	Aceitar ou recusar a oferta
Pedir bens e serviços	Pedido		Cumprir ou rejeitar o pedido
Oferecer informações	Declaração	Proposições	Concordar ou discordar da declaração
Pedir informações	Interrogação		Responder ou ignorar a interrogação

Fonte: Almeida (2008, p. 14)

Ao solicitarmos algo, espera-se um retorno como resposta. Cada papel que a fala oferece tem uma ênfase na função da fala. Dessa forma, cada uma dessas funções relacionadas à fala estabelece uma resposta em decorrência do enunciado que é oferecido. Fuzer e Cabral (2014, p.105) afirmam:

Quando a língua é usada para trocar informações, a oração tem a forma de uma preposição. Uma preposição é algo sobre o que se pode argumentar, seja negando-a, afirmando-a, colocando-a em dúvida, etc. Quando a língua é usada para trocar bens e serviços (atividades), a oração não pode ser negada ou afirmada e é chamada proposta.

Por meio do diálogo, a linguagem pode ser utilizada para pedir algo a alguém, por exemplo: “feche a porta”, ou solicitar algo: “me empresta a caneta”. No caso, o que é repassado é considerado como não verbal, ou seja, é explícito que o gesto não tem a obrigatoriedade de responder, apenas realizar o que foi solicitado. Nesse sentido, entende-se que o bem requisitado pode ser um objeto ou uma ação e, neste caso, a linguagem funciona como facilitadora, sendo denominada como uma troca de bens e serviços.

Fuzer e Cabral (2014, 106) esclarecem sobre o sistema de Modo: “Esse sistema apresenta diferentes alternativas para a realização da interação, tendo em vista o papel exercido pelo interactante e a natureza da negociação que está sendo realizada. Esse sistema realiza, no nível léxico-gramatical, as proposições e as propostas”.

Almeida (2010, p.22) afirma que:

O resíduo é composto por três elementos: o predicador (elemento lexical ou parte do constituinte do grupo verbal); o complemento (elemento que tem o potencial para realizar o sujeito, mas não o faz) e os Adjuntos (elementos oracionais que contribuem com informações que completam o sentido da preposição, mas não essenciais).

Explicando o Sistema de Modo, Almeida (2010) acrescenta que, na perspectiva deste sistema, a oração organiza-se como um evento interativo, considerando o falante/ escritor e seus interlocutores. No momento da interação, o falante atribui a si mesmo o papel da fala, e ao interlocutor, o papel de ouvinte, como, por exemplo, a interação entre um escritor e o leitor, o escritor (falante) e o leitor (ouvinte).

Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a interação, que ocorre no momento da fala, explicita dois tipos de valores, sendo eles: i) “dar algo (bens ou serviços ou informações); ii) “pedir algo” (bens, serviços ou informações). Conforme assinala Almeida (2010, p. 23), “A interação pode girar em torno tanto em torno de uma troca de informação quanto de uma troca de bens e serviços”.

As orações no sistema de Modo se apresentam em três modos: interrogativo, declarativo, (ou indicativo) e imperativo. Fuzer e Cabral (2014, p.107) esclarecem:

As orações no modo *interrogativo* podem realizar-se através de perguntas QU- ou de questões que suscitam respostas do tipo Sim/ Não. Realizam, tipicamente, perguntas e ofertas. [...] As orações no modo *declarativo* podem ser exclamativas. Realizam, tipicamente, declarações. [...]. As orações *imperativas*, por sua vez, são indicadas por um verbo que expressa uma ordem. Realizam, tipicamente, comandos. [...]

Dessa forma, qualquer interação acontece dentro de dois movimentos: oferta de pedido, informação e oferta ou pedido de bens e serviços. Os movimentos que foram referidos acima determinam as funções que a fala desempenha, classificando-se quatro, sendo eles: oferecimento, que diz respeito à aceitação e recusa a ofertas; ordem= para bens e serviços, está relacionada a cumprir ou recusar a ordem; declaração; interrogação= para informação.

A última metafunção, descrita por Halliday (1994), é a textual que é responsável pela organização da mensagem que se deseja transmitir, envolvendo as outras metafunções (ideacional e interpessoal). Fuzer e Cabral (2014, p. 131) elucidam que: “O *tema* é o elemento colocado em posição inicial na oração funcionando como ponto de partida da mensagem[...] Na parte que corresponde ao Rema, desenvolvem-se as ideias de que estão sendo veiculadas pelo Tema.

2.2 O sistema de Avaliatividade

O sistema de avaliatividade (SA) trata-se de um recurso semântico investigativo desenvolvido por Martin e White (2005). Estes estudiosos foram seguidores de Michael Halliday e, ao longo do tempo, elaboraram mecanismos estruturais que fossem capazes de analisar a avaliação presente na linguagem. O intuito era compreender como os usuários da língua demonstram posicionamentos positivos e negativos realizados pelo falante/escritor ao se comunicarem com seu interlocutor.

O termo utilizado para se referir à avaliatividade é *Appraisal*. Almeida (2010, p.38) afirma que: “existem várias sugestões para a escolha do termo *Appraisal*, como, por exemplo: valoração, apreciação, teoria avaliativa e avaliatividade.” Vian Jr. (2009) defende o termo avaliatividade para referir-se à *Appraisal*; por isso, utiliza esta nomenclatura por concordar com o posicionamento do autor, qual seja: de que este abrange mais significados avaliativos disponibilizados no sistema linguístico.

A respeito dos estudos em avaliatividade, Almeida (2010, p.36) esclarece que:

Os estudos iniciais sobre o sistema de avaliatividade foram marcados pela publicação da revista *Text*, em 1989, editada por Ochs (1989), cujo tema era “*Potencial of language to express different emotions and degrees of emotional intensity*” Nesse mesmo período, um grupo de sistemicistas em Sydney, liderado por Martin, começou a desenvolver uma estrutura que fosse capaz de analisar a avaliação no discurso (cf. MARTIN, 2003, p.171).

Com o tempo, os estudos, desenvolvidos por este grupo de pesquisadores, adquiriu uma vasta área de amplitude permitindo o desenvolvimento de outras pesquisas utilizando a avaliação interpessoal do discurso como base principal. Almeida (2010, p. 36) cita alguns estudos que foram desenvolvidos nesta época, a saber: a análise de narrativas na escola fundamental (ROTTERY & STENGLIN, 1997); a produção de histórias na escola secundária (COFFIN, 1997); o discurso da mídia (WHITE, 1997, 2000); ciência popular (FULLER, 1998); análise de conversa cotidiana (EGGINS & SLADE); discurso médico, entre outros.

A linguagem é utilizada, em todo momento, para avaliar. Por meio dela, expõem-se opiniões acerca do mundo. Por meio das escolhas léxico-gramaticais, podemos compreender o porquê de determinadas escolhas ao invés de outras, dando maior ou menor ênfase no discurso escrito/falado (HALLIDAY, 1994).

De acordo com Almeida e Vian Jr. (2018, p. 276):

O SA abrange as avaliações realizadas no discurso. Como as opiniões e valores acerca das pessoas, coisas são desenvolvidas nos textos. Dito de outra forma, o SA trata de um recurso semântico-discursivo que serve para realizar os significados interpessoais referentes às avaliações, posicionamentos, opiniões referentes ao comportamento das pessoas, às coisas e objetos e aos sentimentos envolvidos nessas avaliações.

Compreendemos que a avaliação ocorre em discursos escritos ou falados e, que as escolhas oriundas de determinados contextos geram interpretações distintas, pois possuem uma carga de significado diferente da outra, conseqüentemente implicando em interpretações semânticas variadas. De acordo com Martin (2005), existem as avaliações explícitas e implícitas; as explícitas são visivelmente encontradas no texto, já as implícitas, para serem identificadas, precisam de uma atenção maior.

O SA, desenvolvido por Martin e White (2005), é formado por três recursos semânticos: Atitude, Engajamento e Gradação. Tais subsistemas visam deliberar significados que são gerados através dos textos, demonstrando, desse modo, a semântica do discurso presente nas entrelinhas.

Martin e White (2005) asseveram que são três tipos de atitude (emoção, julgamento e apreciação) e estão baseados nos sentimentos, formados a partir de experiências que estão diretamente ligadas às emoções, e estas podem se relacionar tanto em sentimentos exteriores, como interiores. No que tange à emoção, o afeto é responsável por representar os sentimentos interiores. O julgamento já está relacionado com os sentimentos que são institucionalizados, isto é, sentimentos que emanam normas sobre os comportamentos. Já a apreciação, diz respeito às avaliações que são realizadas sobre coisas e objetos, indicando o valor.

Vejamos o quadro (2), que apresenta de forma sucinta, o sistema de avaliatividade.

Quadro 2: O sistema de avaliatividade

O sistema de Avaliatividade	
Atitude	Afeto; Julgamento; Apreciação.
Engajamento	Monoglóssico Heteroglóssico

Gradação	Força Foco
-----------------	---------------

Fonte: elaborado pela autora baseando-se em Martin e White (2005)

Conforme assinalam Martin e White (2005), a avaliatividade possui três domínios de interação, sendo eles: atitude, engajamento e gradação. A atitude está relacionada aos sentimentos e emoções, aos julgamentos de comportamento e também às avaliações sobre coisas, objetos e situações. O engajamento diz respeito à origem que a atitude foi gerada, assim como as vozes que são motivadas a partir das opiniões que foram concebidas no discurso. A gradação trata da amplificação que os sentimentos apresentam.

A seguir, apresentamos os subsistemas pertencentes ao sistema de avaliatividade.

2.3 Os subsistemas

De acordo com Martin (2005), o sistema de avaliatividade realiza-se em três domínios interacionais: atitude, engajamento e gradação. Com o intuito de apresentar cada um dos subsistemas pertencentes ao sistema de avaliatividade, pautamo-nos em Almeida e Vian Jr. (2018, p.277) que remetem à Martin (2000) para explicar como são constituídos os três subsistemas: Engajamento, Gradação e Atitude.

O subsistema de Engajamento “[...] trata da fonte das avaliações e o papel das vozes sobre as opiniões no discurso. A noção de dialogismo de Bakhtin é essencial para que se compreenda o subsistema de engajamento, pois é, por meio dele, que os produtores textuais assumem posicionamentos em relação a seus interlocutores e em relação aos textos que produzem [...]”. O Engajamento diz respeito às vozes que configuram a trama do texto. E o subsistema de gradação tem a ver com o uso dos elementos léxico-gramaticais com o intuito de intensificar as avaliações que advém do subsistema de Atitude.

O sistema de avaliatividade é um dos principais recursos semânticos discursivos. Ele é utilizado na realização dos significados interpessoais, relacionados às avaliações que são realizadas em relação às coisas, comportamentos e sentimentos. Os três subsistemas que foram explicados anteriormente, se interacionam, ou seja, um complementa o outro. Portanto, a atitude concerne às avaliações que foram realizadas em um determinado texto; o engajamento busca as origens e fontes que geraram a atitude e, a gradação procura o nível de intensidade que as avaliações produzem.

Martin; White (2005)⁵ asseveram que os recursos ideacionais estão preocupados com a experiência de interpretar: o que está acontecendo, incluindo quem está fazendo o quê, a quem, onde, quando, o porquê e como é a relação lógica de um para outro. No que diz respeito aos recursos interpessoais, estes estão preocupados com a negociação de relações sociais: como as pessoas estão interagindo, incluindo os sentimentos que tentam compartilhar.

Por fim, os recursos textuais estão preocupados com o fluxo de informações: as maneiras pelas quais os significados ideacionais e interpessoais são distribuídos em ondas de semiose, incluindo as interconexões entre as ondas e entre linguagem e modalidades de atendimento (ação, imagem, música etc.).

2.4 Atitude

Como já expusemos ao longo do trabalho, o foco deste estudo está no sistema de atitude por tratar das avaliações positivas e negativas que são realizadas em um determinado discurso e, que, conforme mencionado, apresenta três campos semânticos: afeto, julgamento e apreciação.

Almeida (2010, p.34), ao referir-se ao subsistema de atitude, afirma que: “[...] a atitude é um dos subsistemas da avaliatividade que é responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas, abrangendo três regiões semânticas: a emoção, a ética e a estética”.

A atitude tem a ver com a abordagem que a língua é utilizada para apresentar como os falantes/ escritores realizam as suas avaliações sobre “O subsistema de atitude ocupa um lugar central no processo avaliativo, uma vez que seus subtipos revelam os níveis em que a avaliatividade é desenvolvida e expressa no discurso.” (ALMEIDA & VIAN JR. 2018, p. 277).

O subsistema de atitude objetiva apresentar a intensidade dos níveis discursivos no texto. Martin e White (2005) subdivide o sistema de Atitude em: afeto, julgamento e apreciação. Em relação aos três subtipos, Almeida e Vian Jr. (2018, p.) complementam: “[..]Todos eles

⁵ Ideational resources are concerned with construing experience: what’s going on, including who’s doing what to whom, where, when, why and how and the logical relation of one going-on to another. Interpersonal resources are concerned with negotiating social relations: how people are interacting, including the feelings they try to share. Textual resources are concerned with information flow: the ways in which ideational and interpersonal meanings are distributed in waves of semiosis, including interconnections among waves and between language and attendant modalities (action, image, music etc.). (MARTIN; WHITE , 2005, p. 7)

envolvem sentimento, mas o julgamento e a apreciação são disposições das emoções que foram institucionalizadas para que pudéssemos entrar nas comunidades uns dos outros.”

Martin e White (2005) asseguram que o sistema de avaliatividade caracteriza-se como um sistema de significados interpessoais que são utilizados na negociação de emoções, julgamentos e avaliações, sendo responsável por explicar os papéis que são assumidos pelos participantes de um discurso.

2.4.1 Afeto

Martin (2005) assevera que o afeto trata-se de um recurso semântico que é responsável por descrever as emoções. Este subsistema pauta-se nos sentimentos de falantes/escritores que são manifestados através do discurso e das escolhas léxico-gramaticais. Martin e White (2005) ainda esclarecem que o afeto trata dos sentimentos positivos e negativos, sobre estar feliz, triste, confiante, ansioso.

Como intuito de exemplificarmos como ocorrem as avaliações no subsistema de afeto, selecionamos um trecho de um poema de Cora Coralina:

Exemplo:

<p>“Creio na superação dos erros e angústias do presente.”</p>

Fonte: Poema Ofertas de Aninha

No trecho (1), observamos que há uma avaliação de afeto. Neste caso, é negativo de infelicidade. Observamos que a escritora avalia o presente negativamente angústia. Martin e Rose (2003/2004) asseguram que o afeto pode se subdividir em explícito e implícito. O explícito ocorre quando é facilmente identificado e implícito, quando é necessário adentrar mais minuciosamente nos detalhes que o texto possui.

Martin e White (2005) asseguram que o afeto se expressa por meio de diversas estruturas gramaticais. Martin (2000) *apud* Almeida (2010, p. 45) apresenta as estruturas gramaticais que expressam do afeto:

- O afeto expressando uma qualidade. Nesse caso, os participantes são qualificados por meio de Epítetos:

Afeto expressando qualidade. Os participantes são qualificados por meio de Epítetos.

Ex: A **happy** boy.

(Epíteto)

- Afeto atribuindo qualidade aos participantes:

Ex: The boy was **happy**.

(Atributo)

- O afeto qualificando, por meio de Adjuntos de circunstância, a forma pela qual os processos são realizados:

Ex: The boy played **happily**.

Almeida (2010) esclarece que, nos Atributos, o epíteto equivale à função de adjetivo, o Atributo equivale ao predicativo do sujeito, o adjunto de circunstância acrescenta uma característica da situação. São os sentimentos considerados positivos ou negativos relacionados à emoção. Martin e White (2005) afirmam que os sentimentos positivos são aqueles são bons de experienciar. Já os negativos são aqueles que não são agradáveis de sentir.

Almeida (2010, p. 49) ressalta os seis fatores que contemplam a identificação do afeto baseado em Martin (2005): Ex: *The boy was happy* – afeto positivo. Ex: *The boy was sad*- afeto negativo. (2) emanam emoções que contemplam sentimentos positivos e negativos que se apresentam em variados tipos de estado emotivo. (3) Os sentimentos são advindos de alguma reação externa, que podem ser provocados por uma atitude ou uma reação emocional. Para saber, realizam-se as perguntas: “Por que você está mentindo assim?” “eu não tenho certeza/não sei ao certo”. (4) A gradação ocorre do menos intenso até o mais intenso. (5) Sentimentos que envolvem mais intenções do que reações. E, por último (6), destacamos os tipos de emoções relacionadas às emoções, a fim de apresentar de forma mais dinâmica os tipos de afeto, conforme quadro (4), a seguir:

Quadro 3: Tipologia de afeto

In/ felicidade	tristeza, ódio, felicidade e amor.
----------------	------------------------------------

In/segurança	ansiedade, temor, confiança.
In/satisfação	tédio, desprazer, desgosto, curiosidade, respeito.

Fonte: baseado em Martin e White (2005)

Conforme observamos no quadro (3), a felicidade diz respeito às emoções relacionadas ao amor. A insegurança está relacionada ao bem social e a satisfação diz respeito à satisfação obtida por alguma realização. Essas emoções são de caráter avaliativo, pois são utilizadas para avaliar os sentimentos oriundos de cada indivíduo que as vivencia, podendo se apresentar de forma negativa ou positiva sobre os gostos e desgostos.

2.4.2 Julgamento

Martin e White (2005) asseveram que o julgamento é a categoria utilizada para avaliar o comportamento das pessoas. Almeida (2008, p. 46) afirma que: “Esse recurso semântico ressalta as qualidades do falante/ escritor, podendo ser realizado gramaticalmente por Epítetos e Atributos”.

O julgamento é dividido em dois segmentos: a estima social e a sanção social. O julgamento de estima social refere-se ao comportamento, como as pessoas devem ou não seguir. O de sanção social tem a ver com as implicações legais. Para identificarmos como ocorrem os subtipos de julgamento, algumas perguntas são sugeridas para facilitar a identificação.

Para melhor visualização, apresentamos um quadro a fim de demonstrar os tipos de julgamento:

Quadro 4: Tipos de julgamento

Normalidade	O comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?
Capacidade	O indivíduo é capaz, competente?
Tenacidade	O indivíduo é confiável, dependente?
Veracidade	O indivíduo é honesto?

Fonte: baseado em Almeida (2008, p. 49)

Almeida (2010, p. 53) esclarece que o julgamento de estima social envolve admiração e crítica legais, enquanto que o de sanção social implica em elogio e condenação, geralmente em complicações legais.

A fim de demonstrarmos como o subtipo de julgamento se apresenta, expusemos o exemplo a seguir:

“Mulher da Vida, minha irmã. **Pisadas, espezinhas, ameaçadas.**”

Fonte: poema “mulher da vida”

Notamos que foi realizada uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade.

2.4.3 Apreciação

Martin e White (2005) esclarecem que esta categoria semântica tem a ver com as avaliações que são realizadas sobre os objetos e coisas e se subdivide em três tipos: reação, composição, e valoração.

Almeida (2010, p. 57) afirma que: “A apreciação é realizada pelos elementos lexicais, bem como pelas orações completas. Ambas as palavras ou orações podem codificar a expressão de gostos ou desgostos e a nossa avaliação pessoal sobre as pessoas, os objetos ou entidades concretas com que nos deparamos”.

Eggins e Slade (2007) asseveram que a apreciação é considerada um dos mais abrangentes recursos atitudinais disponíveis utilizado para avaliar fenômenos e textos. Para Almeida (2010, p. 57) *apud* Martin e Rose (2003-2007, p. 37), [...] a apreciação diz respeito às avaliações feitas sobre *shows*, filmes, livros, CDS, obras de arte, casas, prédios, parques, recitais, espetáculos ou performances de qualquer tipo, fenômenos da natureza, relacionamentos e qualidades de vida”.

Existem três modalidades de apreciação, a saber: valoração, reação ou composição. A reação se subdivide em impacto e qualidade, a composição também se subdivide em proporção e complexidade. A seguir, apresentamos cada uma destas modalidades detalhadamente:

- Reação

Martin e White (2005) afirmam que esta modalidade corresponde às reações que as coisas geram.

Existem dois tipos de reações, sendo elas:

(1) reação de impacto: esta representa o impacto que as coisas provocam.

Indicando encantamento ou cativação.

(2) reação-qualidade: indica se houve ou não agrado sobre o que é avaliado.

- Composição

Almeida (2010) esclarece que esta modalidade refere-se ao modo de percepção que temos sobre as coisas e se realiza em dois tipos: proporção e complexidade.

(1) Composição-proporção – é referente ao equilíbrio.

(2) Composição-complexidade – diz sobre a complexidade dos objetos.

- Valoração: está relacionada com a significação do valor atribuído a coisas e objetos.

Com o intuito de exemplificarmos o subtipo de apreciação, apresentamos, a seguir, mais um exemplo:

**“Minha identificação profunda e amorosa
com a terra e com os que nela trabalham.**

A gleba **me transfigura**. Dentro da gleba,
ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,
o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães, eu me identifico”.

Fonte: poema “A gleba de terra”

Notamos uma avaliação de apreciação positiva de composição do tipo reação de impacto, uma vez que observamos como a autora utiliza os Epítetos, de forma profunda e amorosa, para expressar um sentimento de intrínseca relação com o contexto rural.

Na sequência, importante se faz apresentarmos os procedimentos metodológicos como forma de mostrar como foi organizada a pesquisa.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Este capítulo apresenta detalhadamente os procedimentos metodológicos de coleta e categorização dos dados. São apresentados: a caracterização da pesquisa, *o corpus*, a coleta e a seleção de dados, os procedimentos de análise e as principais funções da ferramenta computacional *WordSmith tools* e a organização das análises.

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa insere-se na base da Sistêmico-Funcional e, a metodologia, conforme ressalta Vian Jr. e Ikeda (2006), caracteriza-se por ser exploratória e não interpretativa. Procuramos identificar os significados que são produzidos com uma determinada finalidade em textos literários. A análise linguística pelo viés da LSF busca investigar as hipóteses e possíveis motivações que geraram as escolhas dos elementos léxico-gramaticais em decorrência do contexto social e cultural.

O nível metodológico deste estudo é a análise léxico-gramatical, conforme sugere Vian Jr. e Ikeda (2006), uma vez que são destacados os elementos linguísticos presentes nos textos de Cora Coralina. Os elementos linguísticos produzem sentidos e estes são responsáveis por caracterizar os objetivos e intencionalidades do falante/escritor. O foco das análises baseou-se no âmbito da avaliação, tendo como base o Sistema de Avaliatividade.

Conforme mencionado, reforçamos que a investigação utiliza a análise léxico-gramatical, levando em consideração o subsistema de atitude como condutor. Na análise linguística, sob a perspectiva sistêmica, é importante destacarmos as possíveis hipóteses e intencionalidades motivacionais, que desempenham as seleções gramaticais dentro do âmbito contextual e social em questão.

A abordagem que foi utilizada é a quantiquantitativa, pois foram utilizados os métodos quantitativos e qualitativos para análise dos dados. Dörnyei (2007) nomeia este método de (*mixed methods*), mesmo os procedimentos sendo distintos um do outro, eles podem se aliar de forma complementar. Segundo o autor, as combinações em pesquisas “QUAL-QUAN”⁶ vêm

⁶ Nomenclaturas utilizadas por Dörnyei (2007) para referir-se à pesquisa qualitativa- “QUAL” e quantitativa “QUAN”.

umentando no contexto acadêmico, isso se explica pelo fato desse tipo de pesquisa apresentar mais vantagens por abranger duas perspectivas ao mesmo tempo.

Desse modo, o viés qualitativo neste estudo apresentou-se em maior ênfase, pois os métodos e objetivos são característicos da abordagem qualitativa, apesar de utilizarmos os dados estatísticos para uma visão geral do *corpus*. Portanto, na pesquisa, visamos analisar o discurso sobre a mulher, presente em dez poemas de Cora Coralina.

3.2 Universo da pesquisa: contexto de cultura e contexto de situação

Conforme mencionado ao longo do texto, importante se faz resumir que a LSF estabelece dois tipos de contextos: o contexto situação e o de cultura. Conforme assinala Halliday e Hassan (1989), o contexto de situação diz respeito ao ambiente no qual o texto foi produzido e se subdivide em três dimensões, sendo: campo, relações e modo. O contexto de cultura tem a ver com as relações que são geradas a partir da interação cultural, levando em consideração as práticas culturais que são realizadas pelos participantes envolvidos em um determinado grupo social.

O objeto de análise deste estudo foi composto por textos literários da poetisa goiana Cora Coralina que evidenciassem, de forma explícita ou implícita, a figura feminina. Os critérios para seleção dos textos foram:

- i) Serem textos da escritora Cora Coralina;
- ii) Terem como foco a figura da mulher no conteúdo;
- iii) Serem poemas ou contos.

Na atualidade, as lutas feministas são frequentes, tendo em vista que as mulheres conquistaram muitos direitos, mas que ainda têm muito a conquistar. Por isso, ocorrem muitos protestos de diferentes formas com o intuito de chamar a atenção da sociedade para questões que ainda são fonte de impasses. Cora Coralina, já em sua época, produzia uma literatura que ia além de ser poética e adentrava em questões mais densas do meio social, principalmente, em relação à mulher.

O percurso histórico que as mulheres promoveram ao longo dos anos em busca de igualdade, respeito e, sobretudo, reivindicações para a conquista de seu espaço, foi fundamentalmente importante para que, na atualidade, houvesse maiores oportunidades na

vontade de escolhas e decisões, sem que houvesse imposição de padrões tradicionalistas e patriarcais.

Voltamos a dizer que, em virtude de Cora Coralina ter vivido em tempos em que os direitos das mulheres eram suprimidos, que estas não tinham voz ativa devido aos padrões que eram impostos pela sociedade, a escritora foi uma grande aliada para abordar tais problematizações que permearam sociedade e que, de certa forma, é um tema atual e que gera controvérsias até nos dias de hoje.

3.3. O Corpus (Coleta e seleção dos dados)

Considerando os processos estabelecidos para a seleção do *corpus*, os textos que o compõe estão disponíveis nos livros da poetisa ou são facilmente encontrados em *sites*. Neste caso, foram utilizados os textos disponibilizados na *internet* com o intuito de otimizar o processo, tornando mais prática a sua inserção na pesquisa.

O primeiro passo foi realizar uma leitura criteriosa nas obras de Cora Coralina. Esse procedimento foi fundamental para a decisão da escolha de quais textos iriam compor o *corpus* de pesquisa. Logo em seguida, foi realizada a seleção dos dez textos, cujo foco é a figura da mulher, sendo estes: 1) Todas as vidas; 2) Antiguidades; 3) A escola da Mestra Silvina; 4) As tranças de Maria; 5) Mulher da vida; 6) A lavadeira; 7) Mãe; 8) A gleba de terra; 9) O lampião da rua de fogo; 10) Oferta de Aninha. É importante destacar que todos os textos foram extraídos da internet.

A organização dos dados foi realizada pela ferramenta computacional *WordSmith Tools*. Neste programa, utilizamos a ferramenta computacional *wordlist* com o intuito de obter uma lista com as palavras mais frequentes presentes no *corpus* todo, tendo em vista as palavras que pudessem expressar algum tipo de avaliação. Logo em seguida, utilizamos a ferramenta *concordance* que possibilitou-nos realizar uma lista de concordância com a palavra mulher que pudesse ter algum tipo de avaliação relacionada ao subtipo de atitude.

A partir da coleta dos dados extraídos da lista de concordância, tivemos uma totalidade de 26 concordâncias, mas apenas 24 destes dados continham avaliação. Pelo pequeno número, notamos que este *corpus* era muito reduzido para realizar as análises que pretendíamos. Então, na tentativa de explorar de forma profunda o conteúdo dos textos, decidimos identificar os demais trechos do *corpus* que tivessem avaliação e que estivessem relacionados à figura feminina. As avaliações implícitas também foram contempladas.

3.4. O Programa computacional *WordSmith Tools*

Os grandes avanços tecnológicos que ocorreram nas últimas décadas trouxeram diversas possibilidades de uso dos computadores, dentre elas, a utilização de programas computacionais que auxiliem na investigação da linguagem e em pesquisas linguísticas. De acordo com as palavras de Berber Sardinha (1999, p.1):

Em uma esfera da atividade humana, contudo, a adoção do computador como ferramenta de trabalho tem acontecido de modo mais tardio: a análise da linguagem. A bem da verdade, o emprego de computadores no armazenamento de dados para análise linguística já tem por volta de 40 anos, contados a partir do início da coleta do *corpus* Brown, o primeiro corpus linguístico computadorizado. Desde então, e devido à popularização dos computadores nas universidades, tem havido um aumento vertiginoso de estudos que se valem do computador como instrumento de análise ou armazenamento de dados. Mesmo assim, a parcela da pesquisa linguística assistida por computador ainda é minoritária. A maioria dos estudos da linguagem ainda se faz em cima de pequenas quantidades de dados, coletados, mantidos, e analisados à mão. O comentário de Phillips (1989) de 20 anos atrás segundo o qual a linguística se limita à análise de dados que cabem no quadro-negro ainda se aplica aos dias de hoje, infelizmente.

O programa *WordSmith tools* desenvolvido em 1996 por Mike Scott no Reino Unido, na Universidade de Liverpool, funciona como suporte em estudos que envolvem a investigação e descrição de elementos léxico-gramaticais, fornecendo ao pesquisador maior exatidão das informações analisadas pelo programa.

Dentre as vantagens em utilizar programas computacionais para análise de *corpus*, algumas se destacam, conforme assinala Beber Sardinha (1999), o fato de os programas computacionais fornecerem ferramentas que possibilitam a contagem das palavras, identificação de termos, classificação da ordem dos itens listados dentre outras funções que permitem realizar análises com base na frequência e na ocorrência no *corpus*.

Por se tratar de um programa destinado a análises linguísticas, o *WordSmith Tools* se caracteriza por ser a totalidade de programas integrados com o intuito de facilitar análises linguísticas.

Berber Sardinha (1999) apresenta os componentes do programa computacional *WordSmith Tools*, que é utilizado para análise linguística, baseando-se em três princípios básicos:

WordList

Esta ferramenta propicia a feitura de listas de palavras. O programa é pré-definido para produzir, a cada vez, duas listas de palavras, uma ordenada alfabeticamente (identificada pela letra ‘A’ entre parênteses) e outra classificada por ordem de frequência das palavras (com a palavra mais frequente encabeçando a lista). Cada uma destas listas é apresentada em uma janela diferente, e juntamente com as duas janelas correspondentes à lista alfabética (‘A’) e por frequência (‘F’), o programa oferece uma terceira janela (‘S’) na qual aparecem estatísticas relativas aos dados usados para produção das listas. Assim, para cada vez que o *WordList* é chamado para fazer uma lista de palavras, três janelas são produzidas: uma contendo uma lista de palavras ordenada por ordem alfabética, outra com uma lista classificada pela frequência das palavras, e uma terceira janela com estatísticas simples a respeito dos dados.

KeyWords

Esta ferramenta permite a seleção de itens de uma lista de palavras (ou mais) por meio da comparação de suas frequências com uma lista de referências. *KeyWords* contrasta uma lista de palavras (ou mais de uma) de um corpus de estudo com uma lista de palavras de um corpus de referência. O resultado do contraste é uma lista de palavras chave, ou palavras cujas frequências são estatisticamente diferentes no corpus de estudo e no corpus de referência.

Concord

Essa ferramenta produz concordâncias, ou listagens das ocorrências de um item específico (chamado palavra de busca ou nóculo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto). Há vários tipos de concordância possíveis, de acordo com a posição do item de busca na listagem. A mais comum é a KWIC, sigla de ‘*KeyWord in Context*’, ou ‘palavra chave7 no contexto’.

Para esta pesquisa, utilizamos dois componentes do programa computacional: o *wordlist* e o *concord*. O primeiro foi usado com o intuito de listar as palavras mais recorrentes; em seguida, utilizou-se o *concord* para criar uma lista de concordância com a palavra mulher, com o objetivo de tornar mais clara a identificação das avaliações.

Ao criar uma *wordlist* com todas as palavras presentes no *corpus*, foi possível notarmos que existem mais palavras positivas ou negativas relacionadas à mulher. Isso facilitou a investigação, pois foi possível criarmos uma lista com as palavras que mais se sobressaem diante das demais e identificá-las. Em um segundo momento, criamos uma tabela para apresentar as palavras relacionadas aos aspectos negativos e positivos.

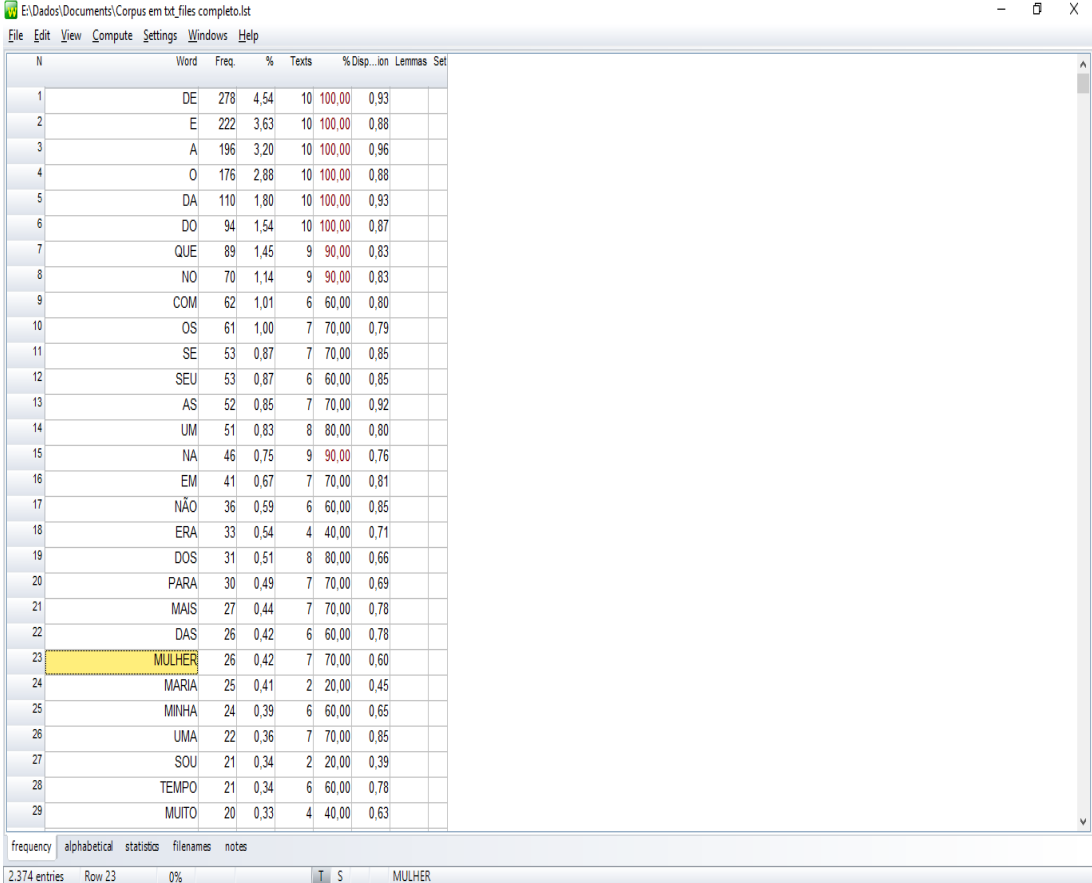
3.5 Procedimentos de análise

Para as análises do subsistema de atitude presente no discurso de Cora Coralina, fundamentou-se na proposta avaliativa de Eggins & Slade (1997), que sugere a seguinte

sequência: (I) Identificação dos itens avaliativos, (II) classificação e resumo dos itens avaliativos, (III) interpretação dos itens avaliativos.

As análises foram realizadas considerando a seguinte ordem: (1) realizamos a leitura e seleção do *corpus*; em seguida, os textos foram submetidos no programa *Wordsmith tools*. Utilizando a ferramenta *Wordlist* criamos uma lista de palavras para observar a sua recorrência. Em seguida, realizamos uma lista de concordância na função *concordance*, tendo como foco a palavra ‘mulher’. Nesta função, estabelecemos a recorrência de todas as palavras em todo o *corpus*. Observamos que a frequência da palavras com a palavra mulher em todo o *corpus* é de 26 recorrências e destas 24 são avaliações:

Figura (7): *Wordlist* com todo o *corpus*:



N	Word	Freq.	%	Texts	% Disp...ion	Lemmas	Set
1	DE	278	4,54	10	100,00	0,93	
2	E	222	3,63	10	100,00	0,88	
3	A	196	3,20	10	100,00	0,96	
4	O	176	2,88	10	100,00	0,88	
5	DA	110	1,80	10	100,00	0,93	
6	DO	94	1,54	10	100,00	0,87	
7	QUE	89	1,45	9	90,00	0,83	
8	NO	70	1,14	9	90,00	0,83	
9	COM	62	1,01	6	60,00	0,80	
10	OS	61	1,00	7	70,00	0,79	
11	SE	53	0,87	7	70,00	0,85	
12	SEU	53	0,87	6	60,00	0,85	
13	AS	52	0,85	7	70,00	0,92	
14	UM	51	0,83	8	80,00	0,80	
15	NA	46	0,75	9	90,00	0,76	
16	EM	41	0,67	7	70,00	0,81	
17	NÃO	36	0,59	6	60,00	0,85	
18	ERA	33	0,54	4	40,00	0,71	
19	DOS	31	0,51	8	80,00	0,66	
20	PARA	30	0,49	7	70,00	0,69	
21	MAIS	27	0,44	7	70,00	0,78	
22	DAS	26	0,42	6	60,00	0,78	
23	MULHER	26	0,42	7	70,00	0,60	
24	MARIA	25	0,41	2	20,00	0,45	
25	MINHA	24	0,39	6	60,00	0,65	
26	UMA	22	0,36	7	70,00	0,85	
27	SOU	21	0,34	2	20,00	0,39	
28	TEMPO	21	0,34	6	60,00	0,78	
29	MUITO	20	0,33	4	40,00	0,63	

Fonte: tela do *Wordsmith* na função *Wordlist*

A partir da lista que foi gerada no *Wordlist*, identificamos as concordâncias que apresentavam avaliações. Segue o exemplo da lista de concordância com a palavra ‘mulher’ gerada no *Wordsmith tools*:

Figura (8): Lista de concordância com a palavra mulher

The screenshot shows the Wordsmith tools interface with a concordance table. The table has columns for N, Concordance, Set, Tag, Word #, Sent #, Para #, Para #, H..., H..., Sect, Sect, File, Date, and %. The concordance text is highlighted in yellow in the original image. The table lists 26 concordance items with their respective word counts and percentages.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent #	Para #	Para #	H...	H...	Sect	Sect	File	Date	%
1	Mulher da Vida, minha irmã. De todos os tempos			1	0	0	0	0	0	0	0	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	0%
2	filhos. Seus vinte netos. Vive dentro de mim a mulher da vida. Minha irmãzinha... tão			153	34	7	0	152		0	152	Todas as vidas.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	85%
3	verde de são-caetano. Vive dentro de mim a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute			68	11	7	0	67		0	67	Todas as vidas.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	35%
4	coco. Pisando alho-sal. Vive dentro de mim a mulher do povo. Bem proletária. Bem linguaruda,			102	21	7	0	101		0	101	Todas as vidas.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	55%
5	de chinelinha, e filharada. Vive dentro de mim a mulher roceira. – Enxerto da terra, meio			123	24	7	0	122		0	122	Todas as vidas.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	67%
6	de terra. Eu me procuro no passado. Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros. Procuro			264	18	4	0	263		0	263	A gleba de terra.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	43%
7	terra milenária, eu venho de milênios. Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e			589	45	5	0	588		0	588	A gleba de terra.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	98%
8	dos mais torpes sinônimos, apelidos e apodos: Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida,			37	4	21	0	36		0	36	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	8%
9	Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou			4	0	3	0	3		0	3	Oferta de.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	2%
10	, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à-toa. Mulher da Vida, minha irmã. Pisadas,			47	5	2	0	46		0	46	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	11%
11	mão, a levante, e diga: minha companheira. Mulher da Vida, minha irmã. No fim dos tempos.			311	31	2	0	310		0	310	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	82%
12	a palavra de equidade: "Ninguém te condenou, mulher... nem eu te condeno". A Justiça pesou a			199	24	13	0	198		0	198	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	54%
13	de boas-vindas mais ou menos calorosas da mulher. Bebeu um cordial. Meteu-se na cama e			1.417	100	17	0	...	6	0	...	O Lampião da.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	71%
14	, que o entregavam aos cuidados da mulher. Esta, acostumada, embora com a sina			123	7	22	0	122		0	122	O Lampião da.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	6%
15	dá proteção. E quem já alcançou o ideal dessa mulher, que um homem a tome pela mão, a			297	30	9	0	296		0	296	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	79%
16	da Terra. Um dia, numa cidade longínqua, essa mulher corria perseguida pelos homens que a			134	20	8	0	133		0	133	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	38%
17	Essa Mulher... Tosca.Sentada. Alheada... Braços			2	0	1	0	1		0	1	A lavadeira.txt.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	0%
18	vestindo o quaradouro de cores multicores Essa mulher tem quarentanos de lavadeira. Doze filhos			92	13	40	0	91		0	91	A lavadeira.txt.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	45%
19	identificação com a gleba e com sua gente. Mulher da roça eu o sou. Mulher operária,			474	34	2	0	473		0	473	A gleba de terra.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	80%
20	de ser mãe Em ti está presente a humanidade. Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal			74	11	2	0	73		0	73	Mae.txt.2018/jul/07 00:	2018/jul/07 00:	68%
21	Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à-toa. Mulher da Vida, minha irmã.			45	4	29	0	44		0	44	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	11%
22	desligues da tua força maternal. Que pretendes, mulher? Independência, igualdade de condições.			46	6	4	0	45		0	45	Mae.txt.2018/jul/07 00:	2018/jul/07 00:	40%
23	e apodos: Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à-toa. Mulher da Vida,			43	4	27	0	42		0	42	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	10%
24	e com sua gente. Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira, abelha no seu			480	35	2	0	479		0	479	A gleba de terra.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	81%
25	, de todos os povos, de todos os tempos. Mulher da Vida, minha irmã.			381	37	2	0	380		0	380	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	99%
26	sinônimos, apelidos e apodos: Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à-toa.			40	4	24	0	39		0	39	Mulher da vida.2018/mai/01 00:	2018/mai/01 00:	9%

Fonte: Tela do programa Wordsmith tools na função concordance.

Na segunda fase, que embasa os procedimentos de análises, as avaliações foram categorizadas, conforme a avaliação expressa atitude, classificando-as em afeto, julgamento ou apreciação. Na sequência, apresentamos algumas considerações relevantes em relação ao programa computacional *WordSmith tools*.

Vale destacar que a organização das análises baseou-se na adequação dos excertos dos textos a cada macro categoria. Após este processo, realizamos as análises utilizando o subsistema de atitude para identificar os itens léxico-gramaticais, que foram identificados com destaque em negrito das partes que contém avaliação. Logo em seguida, tais itens foram

detalhadamente explicados utilizando os subtipos de atitude, levando em consideração a representação para explicar cada análise.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados das análises que foram realizadas em nove poemas e um conto da poetisa Cora Coralina. Ressaltamos que o interesse deste estudo centra-se em compreender como a escritora Cora Coralina apresenta a figura da mulher, a partir das escolhas léxico-gramaticais presente no *corpus* desta pesquisa. Nesse sentido, buscamos interpretar os significados que são gerados sobre a mulher.

Para tanto, este capítulo está organizado da seguinte maneira: inicialmente apresentamos os dados quantitativos que deram origem às macro-categorias; posteriormente, passamos para as análises do subsistema de atitude presentes em cada macro-categoria, juntamente com as análises das representações da mulher.

Para iniciar, retomamos o conceito do subsistema de Atitude. Ele é um dos sistemas de Avaliatividade, que se subdivide em três subtipos: afeto, julgamento e apreciação. As análises foram realizadas, pautando-se no subsistema de Atitude, presentes no discurso de Cora Coralina. Para tanto, pautamo-nos em Eggins e Slade (1997), partindo da perspectiva de identificar os itens avaliativos. Em seguida, foi preciso classificá-los e, por fim, interpretá-los. É importante também retomarmos o sistema de Avaliatividade e destacarmos os subsistemas que o compõe (atitude, engajamento e gradação).

No sistema de Atitude, as realizações léxico-gramaticais se realizam por meio dos seguintes elementos: as nominalizações, que exercem o papel de substantivos; os processos que equivalem aos verbos; os Epítetos que dizem respeito aos adjetivos; os Atributos que estão relacionados aos predicativos do sujeito e Adjuntos de circunstâncias.

4.1 Dados quantitativos:

A fim de apresentarmos os dados quantitativos das ocorrências das palavras utilizadas para referirmos à mulher, o quadro, a seguir, mostra os dados gerais das palavras relacionadas à mulher que o *WordSmith Tools* identificou.

Quadro 5: Lista de ocorrência de palavras relacionadas à mulher com mais recorrência:

Palavras	Ocorrências	Porcentagem
Maria	25	0,41%
Dona	13	0,21%

Placidina	13	0,21%
Velha	12	0,20%
Mestra	11	0,18%
Ela	7	0,11%
Moça	7	0,11%
Aquela	6	0,10%
Badia	6	0,10%
Aninha	5	0,08%
Essa	5	0,08%
Filha	5	0,08%
Irmã	5	0,08%
Amigas	4	0,07%
Comadres	4	0,07%
Lavadeira	4	0,07%
Viúva	4	0,07%
Mãe	3	0,05%
Menina	3	0,05%
Mulheres	3	0,05%
Noiva	3	0,05%
Silvina	3	0,05%
Abadia	2	0,03%
Albertina	2	0,03%
Ambrosina	2	0,03%
Bisavó	2	0,03%
Madrugadeira	2	0,03%
Roceira	2	0,03%
Tia	2	0,03%
Tosca	2	0,03%
Acocorada	1	0,02%
Amiga	1	0,02%

Fonte: *WordSmith tools* (2017)

Posteriormente, realizamos as listas de concordância com as palavras mais recorrentes, a fim de identificarmos elementos avaliativos referentes à figura feminina. A partir desses dados, criamos 05 macro-categorias que abarcam as representações da mulher presentes nos textos de Cora, a saber: (1) a mulher que sofre preconceitos; (2) a mulher que sofre injustiças; (3) a mulher que é vulnerável; (4) a mulher e sua relação com o contexto rural e (5) a mulher que conquista o seu espaço. Essas macro-categorias foram elaboradas a fim de contemplar todas as nuances apresentadas na obra analisadas de Cora Coralina (1) a mulher que sofre preconceitos; (2) a mulher que sofre injustiças; (3) a mulher que é vulnerável; (4) a mulher e sua relação com o contexto rural e (5) a mulher que conquista seu espaço.

4.2 Dados qualitativos

4.2.1 Macro categoria 1: A mulher que sofre preconceitos

Esta categoria contempla as análises que apresentam a mulher, vítima de preconceitos, dos mais variados tipos. O intuito é realizarmos uma reflexão sobre como as escolhas linguísticas da escritora implicam nos significados que são gerados a partir de cada excerto.

Portanto, esta categoria visa adentrar na representação de preconceito, explorando minuciosamente cada detalhe que transpareça esse quesito. Discutimos as representações que podem ser geradas a partir das avaliações feitas pela poetisa, levando-se em conta a categoria a que tal avaliação se insere.

Exemplo (4):

“**Mulher da vida**, [Julg.+ Sanção Social/propriedade.] **minha irmã. De todos os tempos**”
[Julg.+ Est.Social/Norm.]

Exemplo (5):

“Vive dentro de mim a mulher da vida. **Minha irmãzinha...** [Af.+Felicidade] **tão desprezada, tão murmurada...**” [Julg.- Est.Social/Tenacidade]

No exemplo (4), observamos uma avaliação implícita de julgamento negativo de sanção social do tipo tenacidade. Esse tipo de avaliação, segundo Martin e White (2005), é utilizado para se referir às avaliações que tem a ver com questões éticas e legais.

Acreditamos que Cora Coralina preocupa-se em discutir esse tipo de tema, com o intuito de questionar o papel que estas mulheres ocupam ao longo de milênios na sociedade, sobretudo por serem hostilizadas e vitimadas por diversos tipos julgamentos. Além disso, notamos que a poetisa enfatiza um discurso em defesa dessas mulheres, valendo-se da nominalização “irmã” para expressar proximidade e igualdade a elas.

Já em (5), depreendemos uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo tenacidade. No trecho: ‘vive dentro de mim a mulher da vida’, é possível refletir sobre a intrínseca relação que a poetisa estabelece com a essência feminina. A escritora busca exaltar a figura ‘mulher’, lançando um olhar social sobre as mulheres da vida, desmitificando os preconceitos e julgamentos que lhes são atribuídos. Assim, ao utilizar o diminutivo ‘irmãzinha’, a autora vale-se de avaliações de afeto positivo de felicidade para mostrar uma proximidade e carinho com essa mulher.

Ao utilizar o intensificador “tão” juntamente com os Epítetos negativos “desprezada” e “murmurada”, entendemos de que trata-se de uma avaliação do tipo julgamento negativo do estima social tenacidade; porém, ao utilizar esses elementos, na realidade, Cora Coralina faz uma avaliação positiva dessa mulher, enaltecendo sua força, apesar da sua situação.

Os dois exemplos enfatizam a realidade destas mulheres que estão à margem da sociedade e que são a inspiração para os poemas da escritora. Dessa forma, a representação de preconceito é projetada na representação da mulher que, mesmo estando imersa no contexto de prostituição, é valorizada e colocada em nível de igualdade a outras mulheres pela poetisa.

Ao referir-se às prostitutas, a escritora reafirma o desprezo que a sociedade lhes confere e recorre à escrita como forma de defendê-las, buscando enaltecer a fragilidade que as permeia. Cora Coralina expõe uma condição de igualdade em relação a elas, expondo, em seu texto, a realidade difícil à qual estão submetidas.

Exemplo (6):

“[...] Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à-toa. Mulher da Vida, minha irmã. Pisadas, espezinhas, ameaçadas. [Julg. – Est. Social/ normal.] Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito. [Julg. – sanç. Social/Propried.] Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis. [...]”
[julg. - Est. Social/ Norm.]

No exemplo (6), percebemos uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade, ao utilizar os Epítetos: “perdida”, “pisadas”, “espezinhas”, “ameaçadas”, “desprotegidas”, “exploradas”, “ignoradas”, “indestrutíveis”, a escritora busca mostrar como a sociedade discrimina e abomina a promiscuidade. Fuzer e Cabral (2014) esclarecem que os Epítetos equivalem aos adjetivos utilizados pela autora.

No trecho “Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito”, a escritora realiza uma avaliação de julgamento negativo de sanção social do subtipo tenacidade. Estas mulheres são consideradas indignas, são condenadas socialmente e o direito que é comum a todos, para elas é obstruído ou até mesmo negado. Dentre as várias possibilidades de escolhas léxico-gramaticais, a escritora utiliza palavras que causam impacto ao leitor. Tais elementos linguísticos representam como a figura feminina, vista pelo ângulo que foge do que é tradicional e comum a todos, e adentra em um lado que é pouco questionado: a essência daquela mulher que está se prostituindo.

Vale ressaltar que, ao referir-se a essas mulheres ‘desprotegidas e exploradas’, a escritora toca em um ponto que é importante de ser questionado: o fato de essas mulheres serem

exploradas, não só sexualmente, mas também, economicamente. Em alguns casos em que elas precisam do apoio da justiça, este lhes é negado, muitas vezes, pelo fato de a sociedade enxergar somente aquela mulher que se submete à “vida fácil”, mas que, na realidade, deveria ser vista como um ser humano e que, perante a lei, deveria ter os direitos preservados.

O Epíteto ‘indestrutível’ pode remeter a duas possibilidades de representações. A primeira é que a escritora procura destacar que estas mulheres sempre existiram e continuarão presentes na sociedade. A segunda alternativa seria o fato de serem persistentes, pois ao vivenciarem a desigualdade, a invisibilidade e o preconceito todos os dias, ainda assim não desistem, mantendo-se fortes.

Exemplo (7):

“Na fragilidade de sua carne maculada esbarra a exigência impiedosa do macho. Sem cobertura de leis e sem proteção legal, ela atravessa a vida ultrajada e imprescindível, pisoteada, explorada, nem a sociedade a dispensa nem lhe reconhece direitos nem lhe dá proteção. [Julg. – Sanç. Social/ Proprie.] E quem já alcançou o **ideal** dessa mulher, que um homem a tome pela mão, **a levante**, e diga: **minha companheira.**” [julg. + Est. Social. Norm.]

Em (7), observamos que a escritora aborda sobre o reconhecimento dos direitos que resguardam a mulher, ‘que trabalha na vida’ e que, muitas vezes, não possui reconhecimento devido ao tipo de serviço que exerce. Ao utilizar os Epítetos: “fragilidade”, “maculada”, “impiedosa”, “ultrajada”, “imprescindível”, “pisoteada” e “explorada”, a poetisa está avaliando negativamente os posicionamentos que a sociedade mantém sobre estas mulheres.

No trecho seguinte, notamos uma avaliação de estima social positiva do subtipo normalidade. Martin e White (2005) esclarecem que isso tem a ver com o grau de individualidade das pessoas. O Epíteto “ideal” possui a função de qualificador da nominalização “mulher”, juntamente como os demais citados acima. Estes significados interpessoais expressam linguisticamente o desprezo conferido a estas mulheres, expressando uma avaliação negativa para avaliar as condições das relações sociais que permeiam o contexto em que estão inseridas, questionando o universo machista que vivenciam.

Compreendemos que a escritora vale-se de avaliações negativas que foram atribuídas à figura feminina, vislumbrando atingir um reconhecimento sobre a desaprovação e até mesmo repúdio que é atribuído às prostitutas. A poetisa menciona a figura masculina em dois momentos: no primeiro, o homem é representado pela escolha linguística “exigência impiedosa” que remete aos desejos carniais. É como se a mulher fosse somente um objeto de prazer utilizado e deixado de lado.

Em um segundo momento, a escritora refere-se ao homem que esteja disposto a ter esta mulher, que há anos, vem sendo julgada e condenada pela sociedade. O homem que reconhece a existência de outras perspectivas em relação a essas mulheres, como projetos e desejo de mudança de vida. Isso é o reconhecimento de que tais perspectivas e valores o convençam a tê-la como companheira. A figura masculina, neste caso, revela duas nuances: i) a que a explora sexualmente e ii) aquela que pode apresentar a esta mulher outra realidade, além daquela que ela vivencia.

Exemplo (8):

“**Ela** vem do fundo imemorial das idades e **carrega a carga pesada** dos mais torpes sinônimos, apelidos e apodos: **Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à-toa. Mulher da Vida, minha irmã.** [...]” [Julg. – estima social. Norm.]

No exemplo (8), é apresentada uma avaliação explícita de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. A poetisa avalia o percurso que estas mulheres enfrentaram, sendo chamadas dos mais diversos apelidos. Podemos inferir, portanto, que há uma preocupação por parte da escritora em retomar o percurso que estas mulheres enfrentaram ao longo da vida.

A poetisa busca, então, desconstruir um padrão de opinião que vem sendo cultivado ao longo de muitos anos. Na tentativa de aproximar o leitor da realidade cruel a que estas mulheres são submetidas, a escritora utiliza a nominalização “minha irmã” como um Atributo positivo, pois resulta no grau de afinidade que a escritora exerce com essas mulheres.

O uso deste recurso semântico é utilizado para demonstrar uma condição de igualdade com este público que há anos vem sendo criticado e excluído da sociedade. A poetisa, ao optar por tal escolha léxico-gramatical, exprime uma nova perspectiva de interpretar a figura feminina. Nesse caso, podemos afirmar que trata-se de uma avaliação implícita, pois exige uma reflexão mais profunda do que está exposto.

Os significados, que são gerados a partir das considerações utilizadas para falar sobre uma mulher da vida, muitas vezes focalizam somente os aspectos negativos. No entanto, o que a escritora procura explorar, é o lado oposto, o lado em que a mulher é submetida a vender seu próprio corpo para se sustentar e, em muitos dos casos, sustentar a própria família.

Entendemos que trata-se de uma condição que expõe a mulher a vivenciar as mais pesadas críticas e acusações, mas que, ao invés de as pessoas agregarem somente críticas

negativas, a escritora abre a possibilidade de lançar um novo olhar sobre estas mulheres, um olhar mais humano.

Exemplo (9):

“Sobreviventes. Possuídas e infamadas sempre por aqueles que um dia as lançaram na vida. Marcadas. Contaminadas, Escorchadas. Discriminadas.”

No exemplo (9), trata-se de uma avaliação explícita de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. A escritora vale-se dos Epítetos ‘sobreviventes’, ‘possuídas’, ‘infamadas’, ‘marcadas’, ‘contaminadas’, ‘escorchadas’ e ‘discriminadas’ para expressar como a mulher sofre discriminação e preconceito por parte da sociedade.

Almeida (2010, p.52) assevera que: “o julgamento tem a ver com as questões de ‘ética’, uma análise normativa do comportamento humano baseado em regras ou convenções de comportamento”. Dessa forma, depreendemos que a escritora utiliza a seleção léxico-gramatical para se referir à condição de fragilidade e consternação que a ‘mulher da vida’ vivencia há milênios. Portanto, fica evidente a preocupação da escritora em destacar o respeito à dignidade dessas mulheres, pois acima de todas as implicações negativas que lhe são atribuídas, na verdade, elas geram um fortalecimento da essência feminina.

Resumo da categoria de preconceito:

Nesta categoria, predominou a avaliação de julgamento de estima social do tipo normalidade; houve uma avaliação com tenacidade. Observamos que a escritora vale-se de avaliações negativas com o intuito de ressaltar o que é positivo. Para isso, a poetisa realiza seleções linguísticas que possibilitam questionar os vários tipos velados e explícitos de preconceitos.

Cora Coralina utiliza, predominantemente, Epítetos negativos para avaliar a figura feminina, mas isso se explica pelo fato de a escritora ressaltar, em seu discurso, como essas mulheres são vistas pela sociedade. O fato de a poetisa avaliar a mulher, utilizando Epítetos negativos, não quer dizer que ela as desconsidere enquanto mulher; pelo contrário, a escritora utiliza tais seleções para chamar a atenção para os aspectos positivos. Além disso, notamos a empatia da poetisa com a figura feminina, mostrando uma condição de igualdade, especialmente, quando se refere às prostitutas como ‘irmãs’.

Vale salientar que a interpretação dos elementos avaliativos de atitude predominou no subtipo de julgamento. Isso reforça que a escritora, ao avaliar a mulher, opta por seleções léxico-gramaticais que refletem discursivamente as condições de que propiciavam rótulos preconceituosos.

Macro-categoria (2): A mulher que sofre injustiças:

Exemplo(10):

A Justiça estendeu sua destra poderosa e lançou o repto milenar: [Julg. – sanç.social/ Prop.] “Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”. As pedras caíram e os cobradores deram as costas. O Justo falou então a palavra de **equidade**: “**Ninguém te condenou, mulher... nem eu te condeno**”. [Julg.- Sanç. Social/ Prop.]

O exemplo (10) apresenta uma avaliação de julgamento negativo de sanção social do tipo propriedade. Martin e White (2005) asseveram que esse recurso é utilizado para referir-se ao quão ético o indivíduo é. Ao falar de justiça, na verdade, a escritora está se referindo aos condenamentos que são proferidos à figura da mulher que se prostitui. Ao utilizar o Epíteto ‘equidade’, a escritora busca destacar a imparcialidade em relação ao modo de agir e opinar que deveria ser prioridade para julgar.

Cora Coralina remete à passagem bíblica de João, capítulo 8, no qual Jesus não condena Maria Madalena, por se prostituir, e a livra da condenação que, naquela época, era o apedrejamento. A escritora faz uma analogia sobre a prostituta, vista por dois ângulos:1) o posicionamento da sociedade que condena esta mulher, levando em consideração que seria justo puni-la devido aos erros que ela havia cometido e 2) ao mesmo tempo, expressa como esta mulher é vista para falar dos direitos suprimidos da mulher, promovendo reflexões das influências que a sociedade gera e julga as condições que a sociedade ignora, mas que acima de tudo, essas mulheres, que são condenadas, são seres humanos e os sentimentos vinculados a elas vão além das opiniões dos que consideram justos.

As escolhas linguísticas da escritora evidenciam as possibilidades de pensar sobre as condenações que estas mulheres sentem, evidenciando que, muitas vezes, a sociedade as enxerga como seres indestrutíveis.

Excerto (11)

No fim dos tempos.

No dia da Grande Justiça
do Grande Juiz.
**Serás remida e lavada
de toda condenação.** [Julg. – Sanç. Social/ tenacid.]
**E o juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco em
novo batismo de purificação.
Limpará as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível
da sociedade,
de todos os povos,
de todos os tempos.
Mulher da Vida, minha irmã.** [Julg. – Estim. Social/normal.]

No excerto (11), observamos uma avaliação de julgamento negativo de sanção social do tipo tenacidade, pois a escritora utiliza os Epítetos: ‘remida’ e ‘lavada’ para remeter a um novo recomeço na vida desta mulher, levando em conta o aspecto religioso para julgá-la. A poetisa vale-se de avaliações que expressam o perdão dos erros que esta mulher da vida cometeu, tendo em vista que a justiça divina a julgará com equidade.

Martin e White (2005) ressaltam que a sanção social determina os julgamentos que tem a ver com questões relacionadas à verdade e à ética. Verificamos que a escritora vale-se de questões relacionadas à justiça e ao direito da mulher de ser perdoada, para remeter as injustiças que elas vivenciam. Cora Coralina utiliza os Epítetos: “humilhada” e “sacrificada”, com o intuito de avaliar negativamente a experiência da vida dessas mulheres, tendo em vista os preconceitos e discriminações que vivenciam da sociedade.

Constatamos, também, uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade, ao utilizar os Epítetos: ‘máculas’, ‘humilhada’ e ‘sacrificada’, a escritora avalia negativamente a conduta que a sociedade delibera a respeito da figura feminina. A literata remete ao cunho religioso para se referir à renovação desta mulher, tomando como base o renascimento, fundamentando-se nos preceitos cristãos, os quais afirmam que após um novo batismo, os pecados serão redimidos.

Tendo em vista que a categoria de julgamento, que conforme afirma Martin e White (2005), é utilizada para avaliar os comportamentos das pessoas, o subtipo normalidade, identificado neste excerto, leva em consideração o convívio social, instaurando questionamentos dentre os quais implicam em saber se é comum, especial ou usual.

Neste caso, observamos que a escritora avalia o comportamento feminino como incomum perante as tantas críticas que o caracteriza, a mulher da vida ao passar por esta redenção concebida pelo batismo recomeça uma nova trajetória, tendo em vista as dificuldades que experienciam, torna-as indestrutíveis.

Exemplo (12):

“Um dia, numa cidade longínqua, **essa mulher corria perseguida** pelos homens que a tinham maculado. **Aflita**, ouvindo o tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras, ela encontrou-se com a Justiça [...]”. [julg. - Est. Social. tenac.]

No exemplo (12), no primeiro trecho em destaque, notamos uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo tenacidade, ao utilizar o processo “perseguida”, a escritora avalia o comportamento da mulher que está correndo em desespero e que procura socorro, provavelmente com o intuito de desvencilhar-se daqueles homens que haviam lhe feito mal. Martin e White (2005) afirmam que o subtipo tenacidade diz respeito ao indivíduo que é confiável, dependente, quando a poetisa realiza este tipo de avaliação, expõe o comportamento dos homens, como agiram com uma conduta inapropriada. Compreendemos que, ao utilizar o julgamento negativo do subtipo tenacidade, a escritora procura demonstrar o quanto a mulher se encontra desamparada, pois os homens que a tinham ‘maculado, podem ser entendidos como covardes.

O Epíteto “aflita” expressa uma avaliação de afeto negativo, pois trata do sentimento prejudicial em que a personagem está envolvida, remete ao desespero, angústia. Além disso, o trecho aponta que, apesar do desespero que a personagem vivenciou, ela encontrou ajuda para o mal que haviam lhe feito.

Excerto (13)

“Nenhum direito lhes assiste. Nenhum estatuto ou norma as protege. Julgamento Sanção Social propriedade negativo] Sobrevivem como erva cativa dos caminhos, pisadas, maltratadas e renascidas. Flor sombria, sementeira espinhal gerada nos viveiros da miséria, da pobreza e do abandono, enraizada em todos os quadrantes da Terra” [julg. – est. Soci./ norm.]

No excerto (13), a escritora realiza uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. O processo “sobrevivem” remete às dificuldades que estas mulheres enfrentam, trata-se de uma avaliação explícita realizada pelos Epítetos: “maltratadas” e

“renascidas” que avaliam negativamente como estas mulheres vivenciam as dificuldades e desafios impostos no percurso de vida.

Martin e White (2005) destacam que o julgamento do tipo normalidade é responsável por emitir as avaliações que dizem respeito ao comportamento do indivíduo que é usual, neste caso, por ser negativo.

Percebemos que Cora Coralina compara a figura feminina destas mulheres com uma flor, remetendo a delicadeza de sua essência feminina, mas ao mesmo tempo, realizando ressalvas sobre o contexto que vivem remetendo à pobreza e ao abandono que permeiam a difícil realidade que a vivenciam.

A escritora, ao ressaltar que nenhum direito é responsável por protegê-las, as mulheres são conseqüentemente injustiçadas por estarem desprovidas de respaldos legais. Ao dizer que as prostitutas estão em todos os lugares e que, apesar de vivenciarem tantas injustiças, continuam subsistindo na sociedade, a escritora, na verdade, quer demonstrar que estas mulheres.

Excerto (14)

A Justiça pesou a falta pelo peso do sacrifício e este excedeu àquela. **Vilipendiada, esmagada. Possuída e enxovalhada, ela é a muralha que há milênios detém as urgências brutais do homem** para que na sociedade possam coexistir **a inocência, a castidade e a virtude.**
[Julg. – Est. Social. Normal.]

No excerto (14), a poetisa realiza uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. A avaliação é apresentada de forma explícita nos Epítetos: “vilipendiada”, “esmagada”, “possuída” e “enxovalhada”, remetendo as injustiças que estas mulheres vivenciam por estarem à margem da sociedade.

É possível afirmar que a escritora realiza uma crítica sobre o machismo, pois, no trecho ‘ela é muralha que detém as urgências brutais do homem para que na sociedade possa coexistir a inocência, a castidade e a virtude’, a escritora expressa a controvérsia que existe entre uma sociedade que critica e, ao mesmo tempo, contribui, de forma direta, para que estas mulheres mantenham-se nesta vida. Além disso, depreendemos que a escritora as enxerga como ‘muralhas’, ou seja, suportam os anseios masculinos para manter a ‘inocência’ que assegura a existência da família tradicional.

Os recursos léxico-gramaticais utilizados pela poetisa reforçam os preconceitos que são mantidos sobre elas, mas, ao trazer estes aspectos em seu texto, a poetisa retoma reflexões sobre a forma com que estas mulheres resistem e persistem para sobreviverem em sociedade.

Resumo Macro-categoria (2): A mulher que sofre injustiças

Nesta macro-categoria, encontramos cinco excertos que expressam atitude e que são relacionados à mulher que sofre injustiças. Observamos também a ocorrência de cinco avaliações que, em sua maioria, contemplam a categoria de julgamento. Outra observação importante é que a escritora traz questionamentos referentes aos julgamentos que a sociedade geralmente lança sobre as mulheres, em especial, à mulher que é prostituta e que sofre injustiça por estar numa sociedade, a qual julga e condena a mulher que promíscua.

A escritora vale-se de Epítetos, em sua maioria, negativos, com o intuito de ressaltar as opiniões que, há anos vêm sendo direcionadas à figura feminina, demonstrando, dessa forma, as injustiças que as mulheres vêm enfrentando. Observamos que as avaliações se alternam em sanção social e estima social, isso demonstra que a escritora preocupa-se em ressaltar julgamentos proferidos pela sociedade em geral e pela justiça, que se omite em alguns momentos, deixando de exercer o papel de igualdade que deveria prevalecer para todos.

Macro categoria (3): A mulher que é vulnerável

Excerto (15):

“Essa Mulher...Tosca. Sentada. Alheada... Braços cansados descansando nos joelhos... olhar parado, vago, perdida no seu mundo de trouxas e espuma de sabão - é a lavadeira. [...]”. [julg. - Est. Social/ normal]

No exemplo (15), para referir-se à mulher, a escritora realiza escolhas léxico-gramaticais referentes a uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. Tem-se a ideia de infelicidade por conta da exaustiva rotina do ofício de ser lavadeira. Conforme já exposto anteriormente, a avaliação de estima social, segundo Martin e White (2005), admiração e crítica de comportamento sem que haja implicações legais. Notamos que a avaliação de estima social do tipo normalidade representa a autenticidade da personagem. Percebemos que a avaliação expõe uma condição de aceitação por parte da mulher em relação ao ato de lavar roupas e de estar inserida naquele contexto.

Durante o século passado, uma das profissões que as mulheres exerciam, era de ser lavadeira. Essa profissão teve grande destaque, devido às mulheres não terem como sustentarem a sua família, muitas vezes se viam obrigadas a trabalhar exaustivamente para sustentar os filhos. Muitas esposas eram abandonadas pelo marido e, sem terem como manterem seu lar, trabalhavam lavando roupas, pois este serviço era considerado simples de ser realizado. Constatamos, então, que Cora Coralina ao trazer a realidade da lavadeira, explicita nas entrelinhas de seu poema, a falta de perspectiva de vida dessas mulheres diante da vida.

Excerto (17):

“Essa mulher tem quarenta anos de lavadeira. Doze filhos crescidos e crescendo. Viúva, naturalmente. **Tranqüila, exata, corajosa. Temente dos castigos do céu. Enrodilhada no seu mundo pobre. Madrugadeira [...]**” [Julg. – est. Social/normal]

No excerto (17), verificamos que a escritora realiza uma avaliação de julgamento positivo, pois ao traçar o perfil da lavadeira, utiliza os Epítetos “tranquila, exata, corajosa, madrugadeira”, com o intuito de demarcar a personalidade de resistência da mulher. A poetisa, ao descrever a lavadeira utilizando estas escolhas léxico-gramaticais, traz aspectos que delineiam a personalidade feminina que é construída diante das difíceis fases que esta mulher (a lavadeira) enfrenta no decorrer da vida. Notamos que, ao dizer a quantidade de anos que é exercida a profissão de lavadeira, a poetisa procura demonstrar o quanto tempo essa mulher dedicou-se ao sustento de seu lar, isso provavelmente se deve ao fato de ser viúva e ter que garantir a sobrevivência de seus filhos.

Quando observamos o trecho “enrodilhada no seu mundo pobre”, fica implícito que, apesar de exercer vários anos de trabalho, esta mulher não atinge uma vida confortável. Isso talvez ocorra, pelo fato de toda a sua renda se destinar à criação de seus doze filhos. Ao referir-se ao item léxico-gramatical “madrugadeira”, fica explícito que se trata de uma mulher que acorda cedo todos os dias para conseguir trabalhar o máximo de tempo possível e levar o sustento para família.

Observamos que a figura feminina que Cora Coralina constrói sobre a lavadeira, é de uma mulher temente a Deus e aos castigos provenientes da crença religiosa que fazia parte da cultura que cercava aquele meio que esta mulher estava inserido. Visto desta forma, a religião se torna parte dos receios que instaura ainda mais cuidados com as atitudes e comportamentos que a sociedade considerava normais a serem seguidos por uma mulher, viúva e mãe de doze filhos.

Excerto (18):

**“Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas,
Escorchadas. Discriminadas.
[Julg. – est. Social/ normali.]”**

No excerto (18), temos uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade, pois ao referir-se às essas mulheres que estão à margem que a sociedade, a poetisa remete a aspectos culturais e sociais que permeiam aquela sociedade e que condicionam a figura feminina como desprezível. Ao usar a nominalização “minha irmã”, a poetisa aproxima-se dessas mulheres e transparece uma proximidade de igualdade à essência feminina.

Ao aplicarmos os Epítetos “pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas”, a escritora retoma o quão impiedosos são os julgamentos que recaem sobre as mulheres da vida. Ao apontar o fato de serem ignoradas pela lei, é notório que há uma intenção de demonstrar o desconhecimento das condições que estas mulheres se submetem. A escritora vislumbra questionar o abandono da sociedade gerada por uma sociedade patriarcal.

Exemplo (19):

**“Mãos rudes, deformadas.
Roupa molhada.
Dedos curtos.
Unhas enrugadas.
Córneas.
Unheiros doloridos
passaram, marcaram.
No anular, um círculo metálico
barato, memorial.
[julg. – est. Social/ normal.]”**

No exemplo (19), identificamos uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. Constata-se que a escritora ao fazer as seleções dos Epítetos “rudes”, “deformadas”, “curtos”, “doloridos”, “barato”, e “memorial”, a mulher enquanto viúva e que necessita de sustentar o lar. Constatamos também que a escritora preza em ressaltar as incertezas que fazem parte do cotidiano e que as impossibilita de enxergar uma outra realidade além daquela que lhe imposta.

A utilização dos Epítetos demarca como estas mulheres experienciam o ofício de ser lavadeira, expondo outra nuance que remete à independência da mulher que trabalha para sustentar a casa e cuidar de seus filhos. As escolhas léxico-gramaticais expressam a fragilidade que caracteriza a lavadeira do rio vermelho; além disso, implica na influência do contexto, tornando-a ausente de outras perspectivas e realidades que poderiam se concretizar, caso pudesse se deparar com outro contexto e época.

Resumo da macro-categoria (3): A mulher que é vulnerável

Nesta macro-categoria, fizemos quatro avaliações, sendo que todas foram categorizadas como julgamento negativo. Notamos que a escritora descreve como a mulher é vulnerável a diversas condições sociais já estabelecidas naquele contexto e, que fazem parte da realidade do século XIX. Sabe-se que, nesta época, a figura feminina não tinha voz diante das imposições que a sociedade considerava comum e as condições de independência ocorriam em caso de viuvez.

Dentre as quatro avaliações, notamos que todos os julgamentos foram negativos e implicaram em estima social do subtipo normalidade. Isso ocorre pelo fato de a escritora avaliar como a sociedade enxerga a mulher, expressando opiniões que demarcam as opiniões, que são direcionadas à figura feminina.

Macro categoria (4) A mulher e sua relação com o contexto rural

Esta macro-categoria visa abranger as avaliações que têm a ver com a mulher e o contexto rural.

Exemplo (20):

“Eu me procuro no passado. Procuro **a mulher sitiante**, neta de sesmeiros. Procuro Aninha, **a inzoneira** que conversava com as formigas, e seu comadrio com o ninho das rolinhas. Onde está Aninha, a **inzoneira**, menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestra Silvina... [...]”
[julg. + est. Soci./ normal.]

No exemplo (20), observamos que ocorre uma autoavaliação de julgamento positivo de estima social do tipo normalidade. Ao remeter-se à busca no passado por aquela menina, a poetisa designa seleções léxico-gramaticais que trazem significados referentes ao contexto que a cercava, remetendo à realidade por uma perspectiva lúdica.

A poetisa confere uma busca pelos valores que a caracterizaram no passado, remetendo a escolhas linguísticas que demarcam a sua relação como as lembranças da infância. O Epíteto

“sitiante” diz respeito a sua origem; além disso, a poetisa enfatiza que é “neta de sesmeiros”, esta palavra sesmeiro é utilizada para referir-se a pessoas que recebem pequenos terrenos destinados ao cultivo de diversas formas de plantações.

Excerto (21):

“Vive dentro de mim a mulher roceira. – Excerto da terra, meio casmurra. Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta. [...]” [Julg. + estim. Social./ norm.]

No exemplo (21), observamos uma avaliação de estima social do tipo normalidade, a escritora ressalta a mulher do campo, utilizando escolhas léxico-gramaticais que expressam a indissociável relação entre o contexto rural e mulher que vive nesse meio. É possível afirmar que Cora Coralina realiza uma autoavaliação, pois provavelmente tais escolhas são provenientes das reminiscências que fazem parte da essência da escritora, uma vez que é notória a sua identificação com o meio rural e com a identidade da mulher que vive neste contexto.

A avaliação é explícita, pois a escritora valida claramente as suas percepções sobre a mulher do campo, expondo algumas características que remetem também ao seu percurso histórico, ressaltando o fato de ser mulher, viver e trabalhar na roça, acordar cedo, ser analfabeta. Destacamos, ainda que, ao valer-se da escolha “excerto da terra”, remete a uma avaliação de Apreciação de composição, pois há avaliação sobre a terra ao atribuir a relação de qualidade quando se refere à mulher pertencente ao contexto rural.

São utilizados os Epítetos “trabalhadeira, madrugadeira e analfabeta”, que expressam o sentimento quanto à relevância em ser aquela mulher que possui várias vertentes dentro de si, demonstrando a sua persistência em meio ao contexto que está inserida, é possível afirmar que a poetisa constrói uma figura de uma mulher forte que, em meio ao contexto rural, se constitui personalidade.

Excerto (22):

“Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira. Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios. Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada no ventre escuro da terra. [...]” [Aprec. + valor.]

No excerto (22), temos uma autoavaliação de Apreciação de valoração positiva, pois a escritora menciona o ambiente rural e os objetos pertencentes àquele local. Esse tipo de

avaliação, conforme sugere Martin e White (2005), contempla as avaliações sobre objetos e coisas. Almeida (2010, p. 60) ainda acrescenta que a avaliação de valorização tem a ver com as percepções sobre os objetos.

Compreendemos que a escritora retoma artefatos que fazem parte de sua época e que demarcaram a sua história, promovendo interesse ou afeição pelos objetos rurais como: “o velho paiol”, e a “velha tulha roceira”.

O pronome ‘eu’ demonstra a forma indissociável da relação de Cora com o contexto rural, pois ao utilizar o Epíteto ‘velho ’ para ‘velho paiol’ e ‘velha tulha roceira’, a poetisa resgata parte da memória que estes objetos representam para ela. Essas peças são utilizadas no meio rural, o paiol é o local de armazenamento do milho e a tulha é um cesto feito de bambu, que é trançado e é utilizado para o armazenamento de mantimentos. Tais elementos aparecem em seu discurso possivelmente para demonstrar ao leitor, de forma explícita, a proximidade com aquele meio.

Ao afirmar na autoavaliação que é “a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada no ventre escuro da terra”, a escritora busca, além de demonstrar sua proximidade com o contexto do campo, reiterar o pertencimento aquele local. A sua vida é pertencente às experiências que vivenciou naquele contexto.

Excerto (23):

“Minha identificação com a gleba e com sua gente. Mulher da roça eu sou. Mulher operária, doceira, abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira. A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra. Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo. [...]” [Ap. + comp.]

Percebemos que, no excerto (23), há uma autoavaliação da escritora ao expor a intrínseca relação com a terra. Notamos que é uma avaliação de apreciação positiva do tipo composição, pois Cora Coralina relaciona a sua essência feminina com a gleba de terra. A escritora retrata de forma explícita a íntima relação com o meio rural e, utiliza seleções léxico-gramaticais que evidenciam como o meio cultural implica diretamente na formação de sua personalidade feminina.

Ao retomar o ofício de doceira, trabalho o qual Cora Coralina exercia, deixa evidente que esta era uma de suas habilidades, dentre as outras que são citadas, como a de ser boa cozinheira e boa lavadeira. Ao avaliar o gleba de terra, a poetisa explicita a estreita proximidade com ambiente ruralesco, remetendo à semente e à pedra, provavelmente para evidenciar a que as suas raízes (origem) pertencem ao contexto que circunda a sua vida.

Excerto (24)

“Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira, abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira. A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra [...]” [Julg. + estim. Social/ normal.]

Em (24), inicialmente notamos uma autoavaliação de julgamento positivo. O pronome “eu” expressa avaliações sobre o seu jeito de ser. Pode-se afirmar que é uma avaliação explícita. Em seguida, ao se referir ao trabalho que a mulher exerce, a poetisa utiliza Atributos positivos: operária, doceira, boa cozinheira, boa lavadeira. A avaliação se enquadra no tipo julgamento por normalidade. Martin (2005) esclarece que esse tipo de julgamento tem a ver com a individualidade e particularidades de cada indivíduo, expressando o quanto elas são comuns e especiais. Dessa forma, podemos afirmar que a mulher apresentada neste trecho, é uma figura que se encontra inserida nas particularidades que o contexto rural a condiciona como pertencente àquele lugar.

Excerto (25):

“Sinto que sou a abelha no seu artesanato.

Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.

Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.” [Ap. + reaç.]

No excerto (25), notamos uma autoavaliação de Apreciação positiva do tipo reação. Observamos que a poetisa demonstra por meios das escolhas léxico-gramaticais, uma íntima relação com contexto rural. Ao se referir a seus versos, evidencia que estes por serem tão referentes ao contexto do campo, possuem características semelhantes à realidade.

Martin e White (2005) afirmam que este tipo de avaliação tem a ver com afeição e emoção que o objeto provoca. A poetisa, ao avaliar o estreito laço que a une com o contexto rural, expressa positivamente esta relação com o meio rural.

Excerto (26):

“Amo a terra de um místico amor consagrado, num esposal sublimado, procriador e fecundo.

Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,

suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.

Plantei e colhi pelas suas mãos calosas

e tão mal remuneradas.” [Ap. + comp. Reaç. impacto]

No exemplo (26), a escritora utiliza o Epíteto “amo” para avaliar a terra. É uma avaliação de Apreciação positiva de composição do tipo reação-impacto. Ao efetuar esse tipo de avaliação, a escritora fortalece os argumentos avaliativos que descrevem o contexto da roça e, dessa forma, aproxima o leitor da perspectiva do meio rural.

Almeida (2010, p. 59) assevera que: “a avaliação de impacto corresponde ao impacto que os objetos causam nas pessoas”. Podemos depreender que as avaliações expressam como a escritora avalia a terra de forma afetiva e afetuosa expressando seu encantamento pelo contexto rural.

Exemplo (27):

**“Amo a terra de um velho amor consagrado
através de gerações de avós rústicos, encartados
nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.[Af.+]
Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.
Sou a formiga incansável, diligente, comendo seus abastos.
Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando
para a colheita das gerações.” [Ap. + comp. Reaç. impacto]**

Neste exemplo, constatamos uma avaliação de apreciação positiva de composição do tipo reação-de-impacto, a poetisa avalia positivamente o sentimento de amor que sente pela terra, neste caso, o sentimento amar refere-se ao afeto positivo.

A escritora exprime os sentimentos mais profundos que sente pelo contexto rural, expressando as avaliações de forma intrínseca com o ambiente rural. Ao se comparar com os animais, que são típicos do contexto rural como a cigarra e a formiga, a escritora realiza uma autoavaliação por estabelecer a proximidade com o contexto rural.

Resumo da macro-categoria (4): A mulher e sua relação com o contexto rural

A macro-categoria 4 demonstrou as avaliações que dizem respeito à mulher que vive no contexto rural. Foram constatadas oito avaliações do tipo apreciação e as outras três são de julgamento. A poetisa, ao avaliar, por meio de apreciações, demonstra o quão importante é este contexto para ela. Notamos que as realizações léxico-gramaticais ocorrem predominantemente

pelos Epítetos positivos. Isso demonstra que, para falar do contexto rural e para avaliar a mulher que vive nele, a poetisa vale-se de avaliações positivas, enquanto nas demais macro-categorias, que avaliam a mulher, expressam negativamente as opiniões que a sociedade lança sobre essas mulheres.

O fato de as demais macro-categorias abordarem esse tipo de julgamento negativo e esta macro-categoria em questão aborda de maneira positiva, permite compreender que existe por parte da escritora uma preocupação em destacar como a sociedade discrimina a mulher que se diferencia do que é tradicional. Já para avaliar a mulher camponesa, Cora Coralina vale-se de avaliações positivas que expressam uma mulher que sofre menos represálias comparada com aquelas que estão transgredindo a espaço que vivem.

Macro categoria (5): A mulher que conquista o seu espaço

A macro-categoria 5 evidencia as avaliações que expressam como a mulher conquista o seu espaço.

Exemplo (28):

“Vive dentro de mim **a mulher do povo. Bem proletária. Bem linguaruda, desabusada, sem preconceitos, de casca-grossa, de chinelinha, e filharada.** [...]” (julg. + est. Soci./ normal.)

No exemplo (28), é possível notar que as escolhas léxico-gramaticais dizem respeito à uma autoavaliação de julgamento positivo do tipo normalidade. Notamos que a escritora detém-se em ressaltar tais escolhas léxico-gramaticais para evidenciar a sua personalidade, sendo uma avaliação de sanção social de veracidade, exprimindo sua autenticidade.

Martin e White (2005) asseveram que a estima social tem a ver com os julgamentos que são realizados sobre éticas do comportamento humano. Constata-se que a escritora vale-se da estima social para expressar positivamente como a mulher é avaliada pela sociedade, tendo em vista a mulher que extrapola os padrões que eram estabelecidos.

É perceptível que a escritora descreve a sua postura diante daqueles que são suprimidos pela sociedade e acaba por abordar temas considerados marginalizados. Temas que circundam as esferas da sociedade, neste caso, os trechos acima demonstram aquela mulher que não detém as suas opiniões, que se expressa e não tem receio das críticas a seu respeito.

Tais escolhas léxico-gramaticais são fontes de questões reflexivas que visam promover questionamentos sobre a mulher que se encontra além de seu tempo. Nos excertos destacados, observamos que Cora Coralina conduz o leitor a refletir acerca do papel da mulher, da opinião

formada acerca disso ela evidencia em seu discurso, ela denuncia o quanto essa mulher é discriminada pelas pessoas.

Exemplo (29): “**Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal somente de prazer e às vezes nem mais isso. Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar. Tumultuada, fingindo ser o que não és [...]**” [Julg. – est. Social/ normal.]

No excerto (29), observamos uma avaliação de julgamento negativo de estima social, do tipo normalidade, pois a escritora questiona a condição da mulher ser mãe. Notamos que há uma ideia negativa, por parte da poetisa, ao referir-se à possibilidade de a mulher interferir no percurso natural de ser progenitora.

Podemos afirmar que Cora Coralina indaga a condição de ser mulher e mãe, uma vez que as escolhas léxico-gramaticais são atribuídas à figura feminina, com o intuito de criticar a interferência de um dom que é natural e que deveria ser aceito, mas que, em muitos casos, é impedido.

Excerto (30):

“Que pretendes, mulher? **Independência, igualdade de condições...** Empregos fora do lar? **És superior àqueles que procuras imitar. Tens o dom divino de ser mãe. Em ti está presente a humanidade.**” Julg. – est. Social/ normal.]

O excerto (30) apresenta uma avaliação de julgamento positivo de estima social do tipo normalidade, pois a escritora refere positivamente à mulher e às condições de igualdade da condição feminina. Ao ressaltar a questão da humanidade que está presente na mulher, a escritora avalia a figura feminina como progenitora da humanidade. Notamos que há uma preocupação, por parte da poetisa, em salientar o quão imponente e representativo é ser mãe.

Excerto (31):

“**Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou.**[Af. +] **Ensinou a amar a vida. Não desistir da luta. Recomeçar na derrota. Renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos. Ser otimista [...]**” [Julg.+ est. Social. Normal.]

Nesse trecho, observamos que a escritora realiza uma autoavaliação de julgamento positivo de estima social do tipo normalidade. Notamos também que há uma avaliação de apreciação positiva, pois a escritora avalia como o tempo influencia na sua percepção sobre os aprendizados e experiências que ocorreram ao longo da vida. Observamos que a escritora

ressalta a importância que tais circunstâncias podem influenciar no otimismo que a escritora transparece no seu discurso.

Excerto (32):

**“Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal - sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.”** [Ap.- comp. Reaç. Impacto]

Ao avaliar a escola, a escritora realiza uma avaliação de Apreciação negativa do tipo composição do tipo reação-de-impacto. Entendemos que, ao realizar as escolhas “Sem cânticos, sem merenda”, a poetisa busca ressaltar que as condições favoráveis ao conforto e bem estar para os alunos são precárias na escola onde estudava. Em seguida, a poetisa acrescenta que a palmatória era utilizada para manter a disciplina no contexto escolar. Ao remeter a este fato, é importante ressaltar que, naquela época, a punição em sala de aula era considerada algo positivo para o bom comportamento do aluno, haja vista que era uma forma disciplinar que era permitida no contexto escolar.

A poetisa vale-se dos Epítetos “boa, velha, cansada, aposentada”. Realiza-se, então, uma avaliação de julgamento positivo para demonstrar que as decisões que a mestra tomava em sala de aula deveriam ser respeitadas, pois além da experiência que ela impunha, havia também o respeito que havia de ser preservado entre professor e aluno.

Excerto (33):

**“A gente chegava ‘ - Bença, Mestra.’
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.”** [Ap. – comp. Reaç.impacto]

No exemplo (33), observamos uma avaliação de Apreciação negativa de composição do tipo reação de impacto. Ao falar dos bancos da escola, a poetisa expressa o desconforto de sentar nos bancos da escola. São utilizados os Epítetos “compridos, escorridos, sem encosto” para referir-se à desconfortável estrutura do banco, no qual utilizavam para sentar em sala de aula. Ao avaliar o abecedário, livro que era utilizado para alfabetizar, a poetisa utiliza o Epíteto

“velho” para se referir àquele livro que já foi utilizado por várias gerações que estudaram com a mestra.

Excerto (34):

**“Não havia chamada
e sim o ritual
de entradas, compassadas.
“- Bença, Mestra...”**

**Banco dos meninos.
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.” [Julg. – est. Social/ normal.]**

No excerto (34), notamos que a escritora utiliza a expressão “Não havia chamada e sim um ritual”, expressando uma avaliação de julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. O respeito à mestra é ressaltado, uma vez que o cumprimento “Bença mestra” demonstrado ao entrar na sala de aula, era uma forma de respeito que a professora exercia no contexto escolar.

Ao falar sobre a separação das meninas dos meninos, percebemos que esta seria uma forma de estabelecer a obediência dos alunos em sentar em bancos separados para evitar que houvesse uma aproximação entre ambos. Mesmo sendo crianças, a rigidez das escolas antigas deveriam ser seguidas de forma exemplar.

A escritora enfatiza o respeito que era estabelecido dentro da sala de aula quando a professora ali estava. O intensificador “muito” juntamente com o Epíteto “respeito” demonstram que há uma preocupação em enfatizar a obediência.

Exemplo (35):

**Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências do presente.
Aprendi que mais vale lutar
Do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar. [julg. +est. Social. Normal.]**

No exemplo (35), observamos uma avaliação de julgamento positivo de estima social do tipo normalidade. Cora Coralina avalia o comportamento dos moços, referindo-se à juventude e à inovação que os mais jovens proporcionam para a humanidade.

Ao avaliar como positivo este tipo de comportamento, a escritora demonstra apoio aos jovens que investem nos estudos para o avanço da ciência. Dessa forma, entendemos que a escritora acredita, de forma veemente, nos avanços tecnológicos que podem ser gerados pela geração mais jovem.

Percebemos que a poetisa demonstra empatia com os mais jovens e, expressa, por meio de suas escolhas léxico-gramaticais, confiança nas novas gerações. Predominantemente, as avaliações são realizadas pelos processos de acreditar, exaltar, crer e aprender.

Excerto (36):

Num prego de forja, **saliente** na parede,
estirava-se a palmatória.
 Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
 Um pote d'água.
 Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
 Minha escola da Mestra Silvina...
 Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
 Era todo o nome dela.

Neste trecho, notamos que a escritora realiza uma avaliação de Apreciação de composição do tipo complexidade ao usar o Epíteto “saliente”, “tacheadas”, “velha”, “coletiva” e “enferrujada”. Martin (2000) esclarece que o subtipo composição complexidade está relacionado aos detalhes que são descritos sobre os objetos ou sobre o assunto que é avaliado. Neste caso, o exemplo (29) expressa o detalhamento dos objetos naquele contexto.

Resumo da macro-categoria (5): A mulher que conquista o seu espaço

Esta macro-categoria objetiva apresentar como as avaliações implicam nas conquistas do espaço das mulheres em uma sociedade que é predominantemente machista. Observamos se as avaliações caracterizam um discurso que apresenta aquela mulher que busca independência e direitos iguais, a mulher além de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção apresenta os resultados e reflexões que este estudo nos proporcionou. Orienta-se nos objetivos geral e nas questões que geraram a escrita desta pesquisa.

Por meio das análises que foram realizadas, pudemos identificar aspectos típicos da escrita de Cora Coralina. Percebemos também que seus textos apresentam aspectos relacionados à sociedade, a lugares e a pessoas que delineiam a existência da escritora. Este aspecto é tão recorrente que, muitas vezes, personagem e escritora tornam-se uma só pessoa e, para o leitor, é perceptível que há uma estreita relação sobre a vida pessoal e a literatura produzida por Cora Coralina. Neste caso, identificamos como autoavaliação.

No primeiro momento do estudo, fez-se necessária a identificação dos trechos que expressavam algum tipo de avaliação, tendo em vista que o foco desta pesquisa é a figura feminina. Baseamo-nos nesse quesito para a realização da pesquisa, partindo desta perspectiva analisou-se como a escritora avalia a mulher.

As avaliações foram classificadas conforme modelo teórico e analítico de Martin e White (2005). Importa ressaltar que as avaliações de afeto aparecem em poucas análises, aparecem quando a escritora estabelece a proximidade sentimental e humana em relação de proximidade com as mulheres. Já as atitudes de julgamento predominaram nas análises, valendo-se de atitudes de estima social e de sanção social.

Pudemos constatar que os textos de Cora Coralina possuem um interesse em expressar as desigualdades que as mulheres enfrentaram de uma sociedade patriarcal e permeada de preconceitos, em especial, as avaliações que tratam da mulher prostituta e que manifesta os diversos tipos de posicionamentos que vão contra aos padrões já estabelecidos para época.

Notamos que a escritora apresentou em suas avaliações uma preocupação em promover um discurso que fosse de apoio à mulher, que é discriminada, que sofre preconceitos e não atende aos padrões que eram cultuados naquela época. Essa defesa, que a escritora apresenta em seu texto, reforça o seu comprometimento com um dos aspectos que caracteriza a sua escrita: a abordagem com assuntos que estão à margem da sociedade, no caso deste estudo, nota-se que a escritora enfatiza a figura da mulher, que intenta a criar seu espaço na sociedade, extrapolando os padrões estabelecidos.

Um fato que nos chamou muito a atenção neste estudo, foi a escritora construir um discurso baseado em avaliações de julgamento negativo, mas que, na verdade, remetem ao lado

positivo que a poetisa deseja apresentar em seu discurso. A grande incidência de avaliações negativas acaba por expressar a avaliação que a sociedade realiza sobre as mulheres.

A categoria de apreciação ocorreu com mais predominância para expressar a estreita relação da mulher com o contexto rural. A escritora demonstrou que o meio rural representa em grande parte a sua essência da mulher com o campo. Observamos que a poetisa expressa esta relação de proximidade com o contexto por meio de avaliações apreciativas que remetem a objetos e animais que são pertencentes ao meio rural.

Estes resultados evidenciam que Cora Coralina avalia os comportamentos que a sociedade mantém em relação à figura feminina. É notório que existe um interesse da poetisa em ressaltar tal aspecto como forma de chamar atenção para questões que fazem parte da realidade daquele contexto histórico, uma vez que o *corpus* evidenciou os julgamentos, em especial, os negativos que foram responsáveis por apontar as opiniões que são geradas para mencionar a figura feminina.

O sistema de avaliatividade foi o responsável por estabelecer este olhar mais atento para as entrelinhas dos textos de Cora Coralina, adentrando em aspectos aos qual não ficariam evidentes somente com uma leitura comum, mas com a investigação léxico-gramatical foi possível observar novos aspectos fazendo parte do discurso da poetisa e que se concretiza no texto escrito.

As análises que foram realizadas amparam-se nos trechos que o programa *Wordsmith tools* destacou e em outros trechos que expressavam avaliação que foram identificados com uma leitura criteriosa.

Percebemos que muitos fragmentos, que foram identificados nos poemas, evidenciam os costumes da época, emitem os princípios morais característicos de uma sociedade baseada em costumes religiosos, nos quais prezavam os preceitos religiosos, em destaque, a religião católica. Pelo fato de ser uma sociedade que prezava costumes tradicionais, as mulheres do lugar deveriam ter o compromisso de manterem-se virgens e resguardadas até o casamento. Caso contrário, eram culpabilizadas e julgadas pela sociedade por esquivarem dos valores e costumes que deveriam ser mantidos, isso gerava comentários maldosos e a mulher era totalmente culpada pelos seus atos.

Nos poemas de Cora Coralina, observamos que a figura feminina é remetida às mulheres fortes, destemidas que buscam romper com as regras que eram mantidas pela sociedade e que procuram avançar além de seu tempo. As escolhas léxico-gramaticais, realizadas por Cora

Coralina, demonstram uma preocupação com a mulher desvincular-se dos parâmetros considerados tradicionais.

Há tempos, a mulher vivencia as limitações de sua independência, sendo restringida de vontades próprias e sendo submetida a uma sociedade em que os valores patriarcais possuíam o domínio da sociedade. Incontáveis obstáculos favoreceram para a configuração de padrões considerados aceitáveis para o contexto daquela época, mas algumas mulheres questionaram o que era estabelecido e aceitável e, procuraram formas de avançar de alguma forma de desvencilhar dos parâmetros consolidados que estavam estabelecidos.

Uma das formas de levantar questionamentos e repensar o que era imposto, foi a escrita, numa perspectiva de alçar novos olhares sobre a sociedade, expressar opiniões e, além disso, escrever sobre o que as interessa aprofundando desta forma as mais variadas problematizações de uma época.

As reivindicações das mulheres, que escreviam utilizando pseudônimos, tinham o intuito de criar discussões acerca da realidade que as cercava. Dessa forma, a escrita torna-se uma aliada na libertação das imposições, exigindo no discurso igualdade de oportunidades, não apenas o consentimento dos paradigmas que existem.

Retomamos os objetivos específicos desta dissertação de mestrado:

- (i) Categorizar os elementos léxico-gramaticais que são utilizados para avaliar a mulher;
- (ii) Investigar como a mulher é representada nos textos analisados;
- (iii) Analisar como a escritora evidencia as limitações impostas às mulheres;
- (iv) Identificar e analisar as categorias de atitude que são mais utilizadas para referir-se à mulher.

Para alcançar tais objetivos, realizamos a análise de dez textos da escritora Cora Coralina, para compreender como a escritora Cora Coralina expressa as suas avaliações e opiniões sobre a mulher a partir de suas escolhas léxico-gramaticais avaliativas para referir-se à figura feminina. Realizamos, então, os procedimentos que levariam a obtenção dos resultados deste estudo.

Com o intuito de contemplar as respostas que foram feitas na introdução deste trabalho, retomamos estes questionamentos:

1. Como Cora Coralina expressa suas avaliações sobre a mulher?

A escritora usa avaliações de julgamento negativo na maioria de seus textos, ela vale-se das limitações do contexto que estas mulheres encontram-se inseridas para trazer questionamentos sobre a sociedade e sobre os posicionamentos que são dirigidos a elas. O fato de a poetisa utilizar avaliações negativas, explica-se porque a escritora descreve como a sociedade enxerga estas mulheres, ou seja, a escritora tem uma preocupação em ressaltar em seus textos como a sociedade enxerga estas mulheres.

Por se tratar do contexto do século XIX, os preconceitos em relação à independência da mulher eram demasiadamente limitados, isso ocorre porque a mulher naquela época deveria ser submissa aos padrões que eram considerados comuns e aceitáveis para que fosse mulher com boa procedência, que sabia cuidar da casa e exercer outras funções que eram consideradas obrigações e que deveriam ser cumpridas.

A escritora, ao falar de mulheres que não estavam inseridas nos quesitos que a sociedade considerava aceitáveis para aquela época, levanta questionamentos que deveriam ser debatidos e que provavelmente gerava discussões favoráveis e desfavoráveis as opiniões da poetisa. Constatamos que a escritora acolhe, com os seus escritos, aquela mulher que era excluída e, muitas vezes, era julgada, de forma negativa, pelas pessoas que prezavam os costumes tradicionais.

É imprescindível destacar que a figura feminina para Cora Coralina vai além dos rótulos, preconceitos e xingamentos que a sociedade estipula sobre as mulheres. Notamos que a poetisa vai, além disso, se preocupar com a essência desta mulher, com os valores que realmente importam, promovendo um olhar mais humano e fraternal aquelas mulheres que são transgressoras dos padrões tradicionais e que buscam um espaço que as acolha sem restrições.

2. Quais as escolhas léxico-gramaticais avaliativas demarcaram a representatividade da mulher nas entrelinhas dos textos analisados?

As escolhas léxico-gramaticais, que demarcaram o discurso de Cora Coralina, teve como predominância os Epítetos negativos para referir-se à figura feminina. Observamos que a escritora também utiliza os processos para construir a sua escrita.

3. Quais categorias de Atitude são utilizadas por Cora ao se referir à mulher?

As categorias de atitude que mais foram utilizadas pela escritora foi a de julgamento e a de apreciação.

4. Quais são as categorias de Atitude mais recorrentes e o que elas indicam?

As duas categorias mais utilizadas foram a de julgamento e a de apreciação. Elas indicam que a escritora preocupa-se em ressaltar a figura feminina em aspectos que remetem ao contexto da época e ao papel que as mulheres ocupavam na sociedade.

As possíveis pesquisas, que podem contribuir para dar continuidade a este estudo, poderão analisar outras perspectivas, além da figura feminina, como aspectos culturais que culminaram nas escolhas linguísticas que a escritora utilizou para redigir seus textos. Os resultados apresentados, neste trabalho, demonstraram que os estudos, utilizando a sistêmico-funcional para textos literários, podem gerar novas nuances de perspectivas significativas de que um texto é capaz de atingir.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Maneiras de compreender a linguística aplicada. **Revista Letras**, n.2, Linguística Aplicada, 1991.
- ALMEIDA, F.A.S.D. **Os recursos léxico-gramaticais de Atitude no discurso de dois professores universitários**. Tese de doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC-SP. 2008.
- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. **Os elementos de Atitude no discurso do professor: um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira; VIAN JR., Orlando, O Estudos em avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun. 2018.
- AMABILE, Luís Roberto. **O dia que Drummond descobriu Cora Coralina**. Disponível em: <http://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/o-dia-em-que-drummond-descobriu-cora-coralina/>. Acesso em: 10 Jul. 2018, às 14 h 37 min.
- BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria Macêdo de. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v.10, n 1, p. 89-107, 2009.
- BEZERRA, Kátia da Costa. Cora Coralina e o discurso da memória: um retrato da velha Goiás. In: **Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina**. Goiânia: Kelps, 2009.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- BRITTO, Clóvis Carvalho. **Economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina**, Hilda Hilst e Ana Cristina César (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. **A relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira**. In: FORTKAMP, M.B.M. Aspectos da Linguística Aplicada. Florianópolis: Insular, 2000.17-32
- _____. Afinal, o que é linguística aplicada? In: _____.; PASCHOAL, Maria Sofia Zanoto. (Orgs.). **Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992, p.15-23.
- Cora Coralina é a inspiração para artesãs e doceiras na cidade de Goiás**. Agência Brasil, cidade de Goiás, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/cora-coralina-e-inspiracao-para-artesas-e-doceiras-na-cidade-de-goias>> Acesso em: 30 de Novembro de 2018, às 22 h 40.
- CORALINA, Cora, 1889. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais/ Cora Coralina**. 23 ed. São Paulo: Global, 2006.
- DÖRNYEI, Zoltán. **Research Methods in Applied Linguistics: Quantitative, Qualitative, and Mixed Methodologies**. Oxford University Press, 2007.

- DENÓFRIO, Darcy França.; CAMARGO, Goiandira Ortiz (Orgs.). **Cora Coralina A celebração da volta**. Goiânia: Cãnone editorial, 2006.
- DUARTE, Constância Lima. Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina. In: **WERKEMA**, Andrea Sirihalet al Literatura Brasileira 1930, Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter Publishers, 1994.
- EGGINS, S.; MARTIN, J. Genres and registers of discourse. In: DIJK, Teun A. Van. (ed.). **Discourse as Structure and Process: Discourse Studies: a Multidisciplinary Introduction**. London: Sage, 1997.
- EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. **Analysing casual conversational**. Cambridge: Cassel, 1997.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). Darcy França Denófrío - ensaísta e poeta goiana. **Templo Cultural Delfos**, janeiro/2016. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/01/darcy-franca-denofrio.html>. Acesso em: 17 Jul. 2018 às 15 h 31 min.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- GOMES DE MATOS, Francisco. Dez anos de Linguística Aplicada no Brasil (1965/1975). **Revista de Cultura Vozes**. Ano 70. LXX n.1, 1976.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Matraca**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. p-13,47.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 4th edition. London and New York, Routledge, 2004.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to Functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.
- HASAN, R. Linguistics, **Language and Verbal Art**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HUSTON, S; THOMPSON, G. **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- JORNAL MULIER. **Poetisa, ensaísta, jornalista, doceira, Cora Coralina foi uma destemida e lutou contra preconceitos de sua época para tornar públicas as suas ideias**, 2013. Disponível em: <<http://jornalmulier.com.br/poetisa-ensaista-jornalista-doceira-cora-coralina-foi-uma-destemida-e-lutou-contra-preconceitos-de-sua-epoca-para-tornar-publicas-as-suas-ideias/>>. Acesso em 25 de Junho de 2018 às 10:57.
- MARTIN, J. R. & ROSE. D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. London. Continuum. 2003/ 2007.
- MARTIN, James Robert. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, Susan.; THOMPSON, Geoff. **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J. R. (1992) **English text: System and Structure**. Philadelphia. Jonh Benjamins Publishing Company.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Cora Coralina: o mito de Aninha**. Ramón. Goiânia: ed. da UFG; ed. da UCG, 2003.

RODRIGUES, JR. Adail Sebastião (2006). **A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução: As Aventuras de um Garoto de Programa**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

SARDINHA, Tony Berber. **Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem**. Scrib, 1999. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/> Acesso em: 09 jan.2019.

SCOTT, Michael. WordSmith Tools manual: version 7.0. **Lexical Analysis Software Ltd**. Oct, 2017.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA** [online]. 2009, vol.25, n.1, pp.99-129. ISSN 0102-4450. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502009000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 Jan. 2019, às 14 h 54 min.

IKEDA, S.N.; VIAN, JR., O. A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional. In LEFFA, V. J. Pesquisa em linguística aplicada temas e métodos. Pelotas. EDUCAT, 2006.

VIAN JR, O.; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN JR., Orlando. Linguística Sistêmico-Funcional, Linguística Aplicada e Linguística Educacional. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festchrift para Antonieta Celani**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VIAN JR., Orlando. Linguística Sistêmico-Funcional. In: **Ciências da linguagem: o fazer científico**. Volume 2 / GONÇALVES, Adair Vieira, GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (organizadores). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

Vida e obra de Cora Coralina são marcadas por ideais feministas e libertários. Agência Brasil. Cidade de Goiás, 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/vida-e-obra-de-cora-coralina-sao-marcadas-por-ideais-feministas-e>>. Acesso em: 30 Nov. 2018, às 22 h 40 min.

ANEXOS

Texto 1: A ESCOLA DA MESTRA SILVINA

Minha escola primária...
 Escola antiga de antiga mestra.
 Repartida em dois períodos
 para a mesma meninada,
 das 8 às 11, da 1 às 4.
 Nem recreio, nem exames.
 Nem notas, nem férias.
 Sem cânticos, sem merenda...
 Digo mal - sempre havia
 distribuídos
 alguns bolos de palmatória...
 A granel?
 Não, que a Mestra
 era boa, velha, cansada, aposentada.
 Tinha já ensinado a uma geração
 antes da minha.
 A gente chegava “- Bença, Mestra.”
 Sentava em bancos compridos,
 escorridos, sem encosto.
 Lia alto lições de rotina:
 o velho abecedário,
 lição salteada.
 Aprendia a soletrar.
 Vinham depois:
 Primeiro, segundo,
 terceiro e quarto livros
 do erudito pedagogo
 Abílio César Borges -
 Barão de Macaúbas.
 E as máximas sapientes
 do Marquês de Maricá.

 Não se usava quadro-negro.
 As contas se faziam
 em pequenas lousas
 individuais.

 Não havia chamada
 e sim o ritual
 de entradas, compassadas.
 “- Bença, Mestra...”

 Banco dos meninos.
 Banco das meninas.
 Tudo muito sério.

Não se brincava.
 Muito respeito.
 Leitura alta.
 Soletrava-se.
 Cobria-se o debuxo.
 Dava-se a lição.

Tinha dia certo de argumento
 com a palmatória pedagógica
 em cena.
 Cantava-se em coro a velha tabuada.
 Velhos colegas daquele tempo...
 Onde andam vocês?

A casa da escola inda é a mesma.
 - Quanta saudade quando passo ali!
 Rua Direita, nº 13.
 Porta de rua pesada,
 escorada com a mesma pedra
 da nossa infância.

Porta do meio, sempre fechada.
 Corredor de lajes
 e um cheirinho de rabugem
 dos cachorros de Samélia.
 À direita - sala de aulas.
 Janelas de rótulas.
 Mesorra escura
 toda manchada de tinta
 das escritas.
 Altos na parede, dois retratos:
 Deodoro, Floriano.

Num prego de forja, saliente na parede,
 estirava-se a palmatória.
 Porta de dentro abrindo
 numa alcova escura.
 Um velhíssimo armário.
 Canastras tacheadas.
 Um pote d'água.
 Um prato de ferro.
 Uma velha caneca, coletiva,
 enferrujada.
 Minha escola da Mestra Silvina...
 Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
 Era todo o nome dela.

Velhos colegas daquele tempo,
 onde andam vocês?

Sempre que passo pela casa
 me parece ver a Mestra,
 nas rótulas.
 Mentalmente beijo-lhe a mão.
 “- Bença, Mestra.”
 E faço a chamada de saudade
 dos colegas:
 Juca Albernaz, Antônio,
 João de Araújo, Rufo.
 Apulcro de Alencastro,
 Vítor de Carvalho Ramos.
 Hugo da Tropas e Boiadas.
 Benjamim Vieira.
 Antônio Rizzo.
 Leão Caiado, Orestes de Carvalho.
 Natanael Lafaiete Póvoa.
 Marica. Albertina Camargo.
 Breno - “Escuto e tua voz vai
 se apagando com um dolente ciciar
 de prece”.
 Alberico, Plínio e Dante Camargo.
 Guigui e Minguito
 de Totó dos Anjos.
 Zoilo Remígio.
 Zelma Abrantes.
 Joana e Mariquinha Milamexa.
 Marica Albertina Camargo.
 Zu, Maria Djanira, Adília.
 Genoveva, Amintas e Teomília.
 Alcides e Magnólia Craveiro.
 Pequetita e Argentina Remígio.
 Olímpia e Clotilde de Bastos.
 Luisita e Fani.
 Nicoleta e Olga Bonsolhos.
 Laura Nunes.
 Adélia Azeredo.
 Minha irmã Helena.
 (Eu era Aninha.)
 Velhos colegas daquele tempo.
 Quantos de vocês respondem
 esta chamada de saudades
 e se lembram da velha escola?

E a Mestra?...
 Está no Céu.
 Tem nas mãos um grande livro de ouro
 e ensina a soletrar
 aos anjos.

Texto 2: A GLEBA ME TRANSFIGURA

Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
 Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
 Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
 Amo a terra de um místico amor consagrado, num
 esponsal sublimado,
 procriador e fecundo.
 Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,
 suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.
 Plantei e colhi pelas suas mãos calosas e mal
 remuneradas.
 Participamos receosos do sol e da chuva em
 desencontro,
 nas lavouras carecidas.
 Acompanhamos atentos, trovões longínquos e o riscar
 de relâmpagos no escuro da noite, irmanados no
 regozijo
 das formações escuras e pejudas no espaço
 e o refrigério da chuva nas roças plantadas, nos pastos
 maduros
 e nas cabeceiras das aguadas.
 Minha identificação profunda e amorosa
 com a terra e com os que nela trabalham.
 A gleba me transfigura. Dentro da gleba,
 ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
 o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,
 o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães,
 eu me identifico.
 Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,
 sou graveto, sou mato, sou paiol
 e sou a velha da tulha de barro.
 Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras
 e coaxam as rãs, magem todas as boiadas que vão pelas
 estradas.
 Sou a espiga e o grão que retornam à terra.
 Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,
 é o arado milenário que sulca.
 Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e
 peso de machado.
 Cheiro de currais e gosto de terra.

 Eu me procuro no passado.
 Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.
 Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as
 formigas,

e seu comadrio com o ninho das rolinhas.
 Onde está Aninha, a inzoneira,
 menina do banco das mais atrasadas da escola de
 Mestre Silvina...
 Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha
 escola primária?
 Minha mestra... Minha mestra... beijo-lhe as mãos,
 tão pobre!...
 Meus velhos colegas, um a um foram partindo,
 raleando a fileira...
 Aninha, a sobrevivente, sua escrita pesada, assentada
 nas pedras da nossa cidade...

Amo a terra de um velho amor consagrado
 através das gerações de avós rústicos, encartados
 nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.
 A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.
 Identificada com seus homens rudes e obscuros,
 enxadeiros, machadeiros e boiadeiros, peões e
 moradores.
 Seus trabalhos rotineiros, suas limitadas aspirações.
 Partilhei com eles de esperança e desenganos.

Juntos, rezamos pela chuva e pelo sol.
 Assuntamos de um trovão longínquo, de um fuzilar
 de relâmpagos, de um sol fulgurante e desesperador,
 abatendo as lavouras carecidas.
 Festejamos a formação no espaço de grandes nuvens
 escuras
 e pejadas para a salvação das lavouras a se perderem.
 Plantei pelas suas enxadas e suas mãos calosas.
 Colhi pelo seu esforço e constância.

Minha identificação com a gleba e com a sua gente.
 Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,
 abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.
 A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.
 Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.
 Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se
 chama Vida.
 Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus
 abastos.
 Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e
 sobrevive.
 Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
 Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai
 sulcando
 para a colheita das gerações.
 Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.
 Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.

Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e
fecundada
no ventre escuro da terra.

Texto 3: A LAVADEIRA

Essa Mulher...
 Tosca.Sentada. Alheada...
 Braços cansados
 Descansando nos joelhos...
 olhar parado, vago,
 perdida no seu mundo
 de trouxas e espuma de sabão
 - é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.
 Roupa molhada.
 Dedos curtos.
 Unhas enrugadas.
 Córneas.
 Unheiros doloridos
 passaram, marcaram.
 No anular, um círculo metálico
 barato, memorial.

Seu olhar distante,
 parado no tempo.
 À sua volta
 - uma espumarada branca de sabão

Inda o dia vem longe
 na casa de Deus Nosso Senhor
 o primeiro varal de roupa
 festeja o sol que vai subindo.

vestindo o quaradouro
 de cores multicores

Essa mulher
 tem quarenta anos de lavadeira.

Doze filhos
crescidos e crescendo.

Viúva, naturalmente.
Tranqüila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu.
Enrodilhada no seu mundo pobre.

Madrugadeira.

Salva a aurora.
Espera pelo sol.
Abre os portais do dia
entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.
Enquanto a filharada cresce
trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume
na vasca, no gramado.
No arame e prendedores.
Na tina d'água.
De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando. Vai levando.
Levantando doze filhos
Crescendo devagar,
enrodilhada no seu mundo pobre,
dentro de uma espumarada
branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho
da minha terra faço deste pequeno poema
meu altar de ofertas.

Texto 4 – Antiguidades

Quando eu era menina bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana
se fazia um bolo,
assado na panela
com um testo de borralho em cima.

Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal que muito ruim.)

Eu era menina em crescimento.
Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo
que me parecia tão bom
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa
cortava aquele bolo
com importância.
Com atenção. Sericamente.
Eu presente.
Com vontade de comer o bolo todo.

Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.
Minha irmão mais velha
governava. Regrava.
Me dava uma fatia,
tão fina, tão delgada...
E fatias iguais às outras manas.
E que ninguém pedisse mais !
E o bolo inteiro,
quase intangível,

se guardava bem guardado,
com cuidado,

num armário, alto, fechado,
impossível.

Era aquilo, uma coisa de respeito.
Não pra ser comido
assim, sem mais nem menos.
Destinava-se às visitas da noite,
certas ou imprevistas.
Detestadas da meninada.

Criança, no meu tempo de criança,
não valia mesmo nada.
A gente grande da casa
usava e abusava
de pretensos direitos
de educação.

Por dá-cá-aquela-palha,
ralhos e beliscão.
Palmatória e chineladas
não faltavam.
Quando não,
sentada no canto de castigo
fazendo trancinhas,
amarrando abrolhos.
"Tomando propósito".
Expressão muito corrente e pedagógica.

Aquela gente antiga,
passadiça, era assim:
severa, ralhadeira.

Não poupava as crianças.
Mas, as visitas...
- Valha-me Deus !...
As visitas...

Como eram queridas,
recebidas, estimadas,
conceituadas, agradadas !

Era gente superenjoada.
Solene, empertigada.
De velhas conversar
que davam sono.
Antiguidades...

Até os nomes, que não se percam:

D. Aninha com Seu Quinquim.

D. Milécia, sempre às voltas
com receitas de bolo, assuntos
de licores e pudins.

D. Benedita com sua filha Lili.

D. Benedita - alta, magrinha.

Lili - baixota, gordinha.

Puxava de uma perna e fazia crochê.

E, diziam dela línguas viperinas:

"- Lili é a bengala de D. Benedita".

Mestre Quina, D. Luisalves,

Saninha de Bili, Sá Mônica.

Gente do Cônego Padre Pio.

D. Joaquina Amâncio...

Dessa então me lembro bem.

Era amiga do peito de minha bisavó.

Aparecia em nossa casa

quando o relógio dos frades

tinha já marcado 9 horas

e a corneta do quartel, tocado silêncio.

E só se ia quando o galo cantava.

O pessoal da casa,
como era de bom-tom,
se revezava fazendo sala.

Rendidos de sono, davam o fora.
 No fim, só ficava mesmo, firme,
 minha bisavó.

D. Joaquina era uma velha
 grossa, rombuda, aparatosa.
 Esquisita.
 Demorona.
 Cega de um olho.
 Gostava de flores e de vestido novo.
 Tinha seu dinheiro de contado.
 Grossas contas de ouro
 no pescoço.

Anéis pelos dedos.
 Bichas nas orelhas.
 Pitava na palha.
 Cheirava rapé.
 E era de Paracatu.
 O sobrinho que a acompanhava,
 enquanto a tia conversava
 contando "causos" infindáveis,
 dormia estirado
 no banco da varanda.
 Eu fazia força de ficar acordada
 esperando a descida certa
 do bolo
 encerrado no armário alto.
 E quando este aparecia,
 vencida pelo sono já dormia.
 E sonhava com o imenso armário
 cheio de grandes bolos
 ao meu alcance.

De manhã cedo
 quando acordava,
 estremunhada,
 com a boca amarga,

- ai de mim -
via com tristeza,
sobre a mesa:
xícaras sujas de café,
pontas queimadas de cigarro.
O prato vazio, onde esteve o bolo,
e um cheiro enjoado de rapé.

Texto 5: As tranças de Maria

O caso do Izé da Badia...
 Era do que a gente falava.
 Era só o que se ouvia.
 O Izé ficou leso, atoadado pelos campos...
 Perdeu sua fé de vaqueiro
 consagrado nas vaquejadas.
 Não mais seu canto violeiro,
 seu chamado boiadeiro.
 O aboio do seu berrante
 que a gente ouvindo distante
 dava a pinta do ponteiro:
 Lá evai o Izé da Badia,
 o rei dos vaqueiros.
 Chamava, o boi escutava.
 Falava, o zaino entendia.
 Cantava, as moças sorriam.
 E agora... Tanta moça pelo mundo
 e ele à procura de Maria.
 Maria que sumiu
 buscando seu pote d'água
 no corgo de vista a casa.
 O pote cheio, já no barranco.
 A rodilha posta de lado.
 A cuia se balançando.
 E Maria... Aonde foi Maria?
 Na garupa de um vaqueiro
 desconhecido dali
 buscando boi de arribada .
 Falavam rindo as comadres
 pelas portas, conversando.
 Moça não tem pensar...
 Noiva do Izé da Badia.
 Memória já no dedo.
 Bragal bordado na arca.
 Vestido branco rendado.
 Vestido de damacê.
 Banhos já recorridos.
 Casamento certo, marcado
 no dia da Santa Assunção,
 sendo padrinho o patrão
 dono de campos e gado.
 E agora... aquela armada.
 A moça no seu sumiço.
 O Izé leso sem mais ideias
 pelos campos sem destino
 à procura de Maria.

Galhofa dos companheiros...
 “Cadê o sedém da Maria, Izé?”...

Os sedelhos da Maria...
 Seus cabelos ondulados.
 Mantos solto se penteava.
 Nua, encobria as formas.
 Basta cabeleira negra
 dos joelhos vinham abaixo,
 Dos tornozelos passavam.
 Duas tranças bem trançadas
 - rédea dos corações.

Izé da Badia, moço, vaqueiro de fama
 amarrado para sempre
 no sedenho da Maria.

A mãe de Maria
 novenou a Santo Antônio.

Reza nova emprazou:
 Menino de Jesus de Praga.
 Foi no Centro de Kardec,
 fez grandes invocações.

Baixou o Espírito Guia:
 - Maria desencarnada.

Espírito limpo no espaço.
 Fizessem suas boas preces.
 Não mais chorassem por ela.
 Sinalassem, pediu a Mãe.
 Sinais, teriam a seu tempo.

Resumiu o guia pela boca do aparelho.

Maria com seu pote de barro
 buscando água no riachinho.
 O pote cheio já no barranco.
 A rodilha posta de lado.
 A cuia se balançando.
 E Maria nunca mais voltou.

Ninguém viu nada.
 Ninguém ouviu nada.

O mato guardou seus segredos escuros.

Maria se foi na garupa
 de um vaqueiro, desconhecido dali,
 buscando boi de arribada.
 Tagarelavam as comadres
 nos fuxicos de terreiro
 pelas portas conversando.
 Falhou a velha Ambrosina:
 - No mato tem bicho ruim...

A triste sorte da moça
 fora dessas conversas...
 Tia s'tá caducando...

um corguinho desses nada
 tem bicho fera nenhum...
 Isso sim cabeceiras altas,
 volumes de água lagoas... pode sê.
 Não esse corguinho, coisinha
 tão à toa!...

Tem brejo nas cabeceiras...
 Catando lenha eu vi
 o espojeiro da bicha,
 faz tempo, ninguém me tira...
 Voltei lá mais não.

Ao demais, seu Malaquias
 viu o sujo dela detrás do toco do embiruçu
 e lá no embrejado, tejuco amassado,
 e a porca de seu Ricardino
 que deixou as crias...
 Conversas. Seu Malaquias
 é caçador, conta estórias...
 metê medo a menino.
 A porca de seu Ricardino
 era varadeira de cerca,
 levou tiro, urubu comeu.

A velha calou. Invocou Nossa Senhora,
 São Marcos. Almas Benditas...
 Hão de mostrar, mais dia menos dia.
 O pai de Maria bateu estradas,
 vizinhança, corrutela.
 Indagou de sua filha.
 Ninguém deu sinal dela.

Entrou em cidade grande
 Com juiz, delegado e praças.

Procurou a autoridade
 e fez a queixa no usual
 dando todos os sinais.
 Maria das Graças de nome.
 Registrada no Civil,
 batizada no Cristã.
 Moça feita. Igualada de bons dentes
 sem falha nem ponto de ouro.
 Nem alta nem baixa.
 Meiã de altura.
 Cintura fina de duas mãos abarcar.
 Boas cores de sadia. Moça da roça assinando o nome,
 lendo por cima.
 Seu sinal de maior:
 duas tranças bem fornidas
 alcançando a barra da saia,

barrendo o chão.

O escrivão anotou em livro
e prometeu no vago: providenciar.

O Pai seguiu seu destino.
Andou em ruas de arrabaldes,
encarou em “Casa de Mulheres”
marcadas de luz vermelhas.

Deu todos os seus sinais
sem esquecer as tranças negras.

Na sua angústia de Pai,
mesmo que fosse ali
queria encontrar sua filha.

As mulheres assanhadas
ouviam compenetradas,
penalizadas do Pai.

Uma ria, outra chorava.
Ninguém tinha visto Maria.

Foi na cartomante
acreditada.

Contou seus pesares, suas penas.

O escuro daquele caso
pediu para clarear.

A verdade as cartas podiam contar.

O baralho baralhado.

Cortado e recortado em cruz.

Veio o naipe de espada.

O valete de paus.

A dama de luto, o rei do agouro.

A cartomante fechada, cerrada,
atuada, invocava as fontes
da Cabala...

Pouca esperança. Luto presente...
Se consolasse com o destino de sua filha.
Sinais?... Teriam a seu tempo.

O Pai voltou. Aquietou.
Lavrou tosca cruz de aroeira.
Fincou no barranco ao lado do pote.
Acendeu lamparina-dia-e-noite
rogando os avisos do destino de sua filha.

Izé da Badia se refez.
Voltou a vaquejar.
Levar e trazer boiadas,
sertão adentro, estradas a fora.
O aboio de seu berrante

que se ouvia distante
era um chamado constante
da sua noiva Maria.

Já o cego desvalido
Pedinte das romarias
tinha posto moda,
rimado versos e traçado na viola
a romança de Maria.

Juntava gente nas feiras,
abria uma grande roda.
Trovadores no desafio
violeiros na viola.
Sempre a triste e chorada estória
do sumiço da Maria.

Até crianças de sítio
nos folguedos de terreiro,
nos seus brinquedos de roda,
uma ou outra se escondia.
Iam todas procurar
no faz de conta Maria.

O tempo fez o seu giro.
As estações se trocaram.
Passou o rolo compressor
nas estradas consertando.
Também nos corações.
O compressor do tempo apagando.

Foi depois de tudo isso passado,
contado e recontado que vieram
os caçadores e suas matilhas de caça.

Pararam na porteira do sítio.
Tomaram chegada.
Sentaram, conversaram.
- Caçadores de onça.
Pediram suas carecidas informações,
gente de longe...
Ouviram pela milésima vez a estória
do sumiço da Maria.

- Que havia de voltar - disseram - compadecidos
e filhos para os velhos apadrinhar.

Provera a Deus, responderam
consabidos na sua magra esperança.

Tomado o café da hospitalidade sertaneja

voltaram às suas montadas.
 - Caçadores de onça...
 Suas trelas ansiosas, vivas,
 saltitantes, alçadas, sentindo
 e pressentindo a caça em todos
 os cheiros novos da terra, dos ares.
 e das matas.

Tinham que atravessar o corguinho
 com sua água de prata correndo em areia
 branca e lajedo claro.
 No barranco, a cruz, o pote, a lamparina.
 Luz pequenina,
 mal divulgada na grande luz do dia.
 Lume, vago, pisca-piscando,
 invocando as almas no escuro da noite.
 Na corrente os animais bebiam em sorvos
 pelas cambas dos freios.
 Os cães sedentos, arfantes, respingantes,
 refrigerados,
 conversavam do ouvido avivado
 à vista do pote e da cruz.

Uma trela onceira farejou
 seguindo o curso d'água.
 Levantou pouco distante.
 Caça grossa!...Ali!...

Paca, anta, capivara, seria...
 Decidido a trela perdia o faro.

Os caçadores meio atentos, displicentes,
 queimavam seus palheiros.
 Do mato vinha o acuo resguardado.

Um caçador chamou na trompa.
 Respondeu o ganido desesperado do cão ferido.
 O uivo agoniado da matilha atacada.

Os caçadores desmontaram.
 Engatilhadas suas armas embaladas,
 seguiram no rumo certo.

No fundo do mato, na trama
 verde da ramaria cipoal, samambaias,
 no escuro do embrejado uma cena inesperada.
 Rolo negro, movediço, assanhado,
 enlaçado ao pastor onceiro, quebrava os ossos ao
 primeiro.
 O outro, preso á trela, gania.

em ânsias de escapar.
 Um, dois tiros. E o rolo negro, compressor,
 cedeu nos seus volteios se rebolecando
 pelos troncos.
 O caçador cortou a trela.
 Um pastor morto, quebrado.
 O pastor vivo em tremuras de pavor,
 arrepiado, vertendo inconsciente se arrastando, acovardado.

A gente do sítio correu no rumo dos tiros.
 Viram a fera morta em contorções reflexas.
 Falou o caçador: vocês daí, salvem o couro p'ra nós.
 Na volta apanhamos, aproveitem o resumo p'ra sabão
 que essa bicha tem graxa.
 E se foram. Caçadores de onça...
 O dia se fazia alto. Campos e matas
 eram todos uns alagados de sol.

A gente do sítio arrastou o tronco rola-rolando
 para o descampado. Estiraram, palmearam.
 Dezoito palmos bem medidos!

Por que razão obscura teria aquela besta -fera
 se desgarrado do seu grupo longínquo e vencendo
 as sombras do dia e o escuro da noite.
 vindo se aninhar naquelas cabeceiras inocentes?...

Os homens na esfola em conversas, pilhérias e risadas.
 Estaquearem o couro como sabe fazer a gente da roça.
 Voltaram ao carnal. Cortaram do baixo ao alto.
 Viraram o debulho. Arrancaram os pulmões,
 enormes, desconformes.
 Cortaram, espostejaram.

Já as mulheres vinham com seus baldes, bacias e gamelas,
 recolher os pedaços daquela carne branca e gordurosa
 para o sabão caseiro. Os cães disputavam, rosnando,
 agressivos, pedaços de bofe.

Findo o trabalho alguém se lembrou de romper o bucho alongado.
 E o que estava ali, senhor?
 Numa barrela escura, repulsiva espumosa - as tranças da Maria.
 - Bem falou a velha Ambrosina.
 A cartomante do baralho. O Guia do centro de Kardec...
 Haviam de ter a seu tempo o destino de Maria.

Epílogo como nas estórias bem contadas:

E o que foi feito das tranças?
 Deram ao Izé da Badia.

E o que fez delas o Izé?
Mandou trançar duas rédeas bem traçadas para seu cavalo
libuno, crinado, espadas romanas cruzadas, cabo negro,
cavalo de vaquejadas.

Duas tranças primazia. Macias de luva-mão,
presas às cambas de seu freio niquelado,
em prata fina banhado. E o Izé tinha nas mãos,
todos os dias, o sedenho da sua noiva Maria.

Texto 6: Mãe

Renovadora e reveladora do mundo
A humanidade se renova no teu ventre.

Cria teus filhos,
não os entregues à creche.

Creche é fria, impessoal.

Nunca será um lar
para teu filho.

Ele, pequenino, precisa de ti.

Não o desligues da tua força maternal.

Que pretendes, mulher?

Independência, igualdade de condições...

Empregos fora do lar?

És superior àqueles
que procuras imitar.

Tens o dom divino
de ser mãe

Em ti está presente a humanidade.

Mulher, não te deixes castrar.

Serás um animal somente de prazer
e às vezes nem mais isso.

Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.

Tumultuada, fingindo ser o que não és.

Roendo o teu osso negro da amargura.

Texto 7: Mulher da vida

Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos.

De todos os povos.

De todas as latitudes.

Ela vem do fundo imemorial das idades e

carrega a carga pesada dos mais

torpes sinônimos,

apelidos e apodos:

Mulher da zona,

Mulher da rua,

Mulher perdida,

Mulher à-toa.

Mulher da Vida, minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.

Desprotegidas e exploradas.

Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

Necessárias fisiologicamente.

Indestrutíveis.

Sobreviventes.

Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.

Marcadas. Contaminadas,

Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.

Nenhum estatuto ou norma as protege.

Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,

pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal

gerada nos viveiros da miséria, da

pobreza e do abandono,

enraizada em todos os quadrantes da Terra.

Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens que
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e
lançou o repto milenar:

“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”.

As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:

“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.

Vilipendiada, esmagada.

Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que
na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho.

Sem cobertura de leis

e sem proteção legal,

ela atravessa a vida ultrajada

e imprescindível, pisoteada, explorada,

nem a sociedade a dispensa

nem lhe reconhece direitos

nem lhe dá proteção.

E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,

a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida, minha irmã.

No fim dos tempos.

No dia da Grande Justiça

do Grande Juiz.

Serás remida e lavada

de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça

a vestirá de branco em

novo batismo de purificação.

Limpará as máculas de sua vida

humilhada e sacrificada

para que a Família Humana

possa subsistir sempre,

estrutura sólida e indestrutível

da sociedade,

de todos os povos,

de todos os tempos.

Mulher da Vida, minha irmã.

Texto 8: O Lampião da rua de fogo

Ali, naquele velho canto onde a Rua de Joaquim Rodrigues faz um recanteio, morava Seu Maia, casado com Dona Placidina, numa casa de beirais, janelas virgens da profanação das tintas, porta da rua e porta do meio. Portão do quintal, abrindo no velho cais do Rio Vermelho. Isso, há muito tempo, antes da rua passar a 13 de Maio e da casa ser fantasiada de platibanda.

Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da Intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo. Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher.

Esta, acostumada, embora com a sina ruim, como dizia, não poupava a descalçadeira quando recebia o marido naquele fogo, arrastando a língua, de pernas moles, isto quando não virava valente, quebrando pratos e panelas e disposto a lhe chegar a peia.

Dona Placidina era muito prática, nessas e noutras coisas... Ajeitava logo um café amargo, misturado com frutinhas de jurubeba torrada, que o marido engolia careteando e o empurrava para a rede, onde roncava até pela manhã ou se agitava e falava a noite inteira.

— Coitada de Dona Placidina, comentavam as amigas. Seu Maia é um santo homem sem esse diabo da pinga.

E ensinavam remédios, simpatias, responsos, rezas fortes. Simpatia que dera certo em outros casos, era nada para ele. Remédios? Inofensivos como a água do pote. Os próprios santos se faziam desentendidos dos responsos, velas acesas e jaculatórias recitadas.

Dona Placidina, cansada daquele marido incorrigível, acabou botando o coração ao largo, embora achasse, no íntimo, que melhor seria uma boa hora de morte para ela... ou antes, para o marido, esta parte no subconsciente.

Naquele dia, como a dose da boa fosse mais pesada, Seu Maia, que já vinha se ressentindo do fígado com passamentos e vista escura, se achou pior.

Os amigos o trouxeram para casa mais cedo. Tiveram mesmo de o levar para a cama e o meter entre as cobertas. De nada valeu a chazada caseira.

No dia seguinte, chamaram Seu Foggia que diagnosticou empanchamento e doença do coração. Receitou um purgativo e uma poção. Seu Maia piorou. Dona Placidina se desdobrou em cuidados especiais. Esqueceu o defeito do marido, as desavenças, os pratos quebrados e passou a sentir, antecipadamente, os percalços da viuvez.

Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao senhor São Sebastião. Seu Maia morreu.

Os companheiros tomaram conta do morto. Levaram o corpo. Vestiram-lhe o fato preto de sarjão, que tinha sido do casamento. Calçaram meias, ajuntaram-lhe as mãos no peito. Pearam as pernas e passaram um lençãõ branco, bem apertado, no queixo. Chamaram um canapé, largo de palhinha, para o meio da sala, deitaram o cadáver, cobriram com um lençol. Cuidou-se do pucarinho de água benta, com seu ramo de alecrim. Acenderam-se as quatro velas e, nos pés do morto, botou-se um caco de telha com brasa e grãos de incenso. Era assim que se arrumava defunto em Goiás, antigamente.

Os amigos foram chegando, tomando posição e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. Afinal, à força de chás de arruda, de casca de tomba e de Água Florida de Murray, voltou a si e, como era decidida e de espírito prático, botou de parte o abatimento e passou a cuidar do pessoal que fazia sentinela.

Café com biscoito pelas 10 horas. Mais tarde, mexido de lombo de porco e ovos fritos com farofa, comido na cozinha, e requentão quando a noite esfriou mais e os galos passaram amiudar.

Entre a diligência caseira e suspiros puxados, a viúva, de vez em quando, levantava a ponta do lençol que cobria o marido e enxugava umas lágrimas hipotéticas. “Bom marido”, lastimava e, lá consigo, “não fosse a pinga, era a falta que tinha...”

No dia seguinte, veio o caixão com tampa solta, como de costume. Agasalharam ali o defunto. Chegaram mais amigos e mais comadres. Dona Placidina louvava as virtudes conjugais do finado, em crises nervosas de choro seco — sem lágrimas, o choro mais difícil que existe.

A cada visita que chegava, com seu carinhoso abraço e formalíssimos “meus pêsames”; havia uma exaltação no choro ressecado da viúva.

Pelas duas horas, começou a fazer vento de chuva e um trovão surdo se ouviu ao lado da Santa Bárbara. Como o caixão teria mesmo de ser carregado na força dos braços, os amigos resolveram apressar o saimento, antes que o tempo enfarruscado se decidisse em água. Vento da Santa Bárbara é chuva certa no São Miguel. E enterro debaixo de chuva era a coisa mais estragada que podia acontecer em Goiás.

Dona Placidina se debruçou em cima do morto. Não queria deixar sair Seu Maia, coitado... As amigas com chazadas de alecrim. Os amigos tomaram conta das alçadas e ganharam a rua. Entraram na outra, que era Direita, naquele tempo. Passaram a ponte da Lapa, subiram e entraram no Rosário para encomendação do corpo.

Os sinos das igrejas, todas, dobrando a lamentação de finados. Pela intenção do morto, cada amigo mandava dar um sinal nas igrejas, quanto quisesse. Ainda que os sinos tocam como a gente quer, alegres ou soturnos.

Os sineiros sempre tiveram esmero especial para anjinho ou defunto. Essas duas palavras, em Goiás, delimitavam as circunstâncias da idade, sem mais explicações. Anjinho era criança mesma ou moça virgem e, defunto, gente pecadora.

Ia o cortejo subindo e os homens se revezando nas alças, que o morto estava pesado. Com a doença curta, nem tivera tempo de emagrecer. Iam depressa, que a chuva já tinha posto uma carapuça branca no cocuruto do Canta Galo.

Na frente, um popular, afeito àquele préstimo, carregava a tampa que só ia ser colocada na beira da cova. Outros levavam os dois tamboretos, tradicionais, para o descanso do ataúde, quando se trocavam os que iam carregando. Os músicos, de fardão escuro, tocavam um funeral muito triste. Sendo de notar que não havia enterro em Goiás sem acompanhamento de música, somente os muito pobrezinhos. Na rabeira, a molecada da rua. Queriam ver o caixão descer no buraco, se divertiam com aquilo.

Na esquina da Rua do Fogo com a Rua da Abadia, existiu, durante muito tempo, um poste de lampião antigo, saliente, fora de linha, puxando mesmo para o meio da rua. Era um tropeço. Coisa embaraçosa. Não foram poucos os esbarros, cabeçadas, encontrões verificados ali.

Enterros que subiam, já de longe, começavam a torcer à direita para se desviar do lampião, que não tinha outra conseqüência senão atrapalhar. Naquele dia, com a aflição da chuva que vinha perto e com o peso do caixão que era demais, ninguém se lembrou do poste. Foi quando o compadre Mendanha, que ia na alça dianteira pela esquerda, pisou de mau jeito num calhau roliço, falseou o pé, fraquejou a perna e... bumba! Lá se foi o caixão bater com toda força no lampião.

Com a violência do baque, o defunto abriu os olhos, desarrumou as mãos e fez força de levantar o corpo.

A essa hora, o pessoal do enterro tinha se desabalado, em doida carreira pela rua abaixo e largado o morto se soltando da laçada das pernas. O dia inda estava claro, não era hora de assombração. Alguns, mais esclarecidos, resolveram voltar e ver de perto o acontecido.

Encontraram Seu Maia de pé, muito amarelo, escorado no poste, com tremuras pelo corpo e olhando, com desânimo o caixão vazio. Reconheceram, então, que o mesmo estava vivo e que era preciso voltar com ele para casa. Guardaram o caixão inútil na igreja da Abadia e desceram a rua, amparando o ex-morto.

Todas as janelas, agora, com gente assombrada ante aquele caso novo na cidade. A meninada na frente, gritava:

— Evém o defunto...

De dentro das casas, os moradores corriam para as portas e só se ouvia:

— Vem ver, Maricota... vem ver, Joaquina. Óia o defunto que evém voltando...

Amparado pelos amigos, metido naquele sarjão preto, desusado, calçado só de meias, lenço na cara e muito devagarinho vinha Seu Maia de volta.

Um portador foi na frente avisar Dona Placidina, daquela ressurreição e conseqüente retorno, ao que ela só teve expressão sintomática:

— Seja pelo amor de Deus.

Seu Maia chegou afinal, entrou, recebendo um abraço de boas-vindas mais ou menos calorosas da mulher. Bebeu um cordial. Meteu-se na cama e de novo foram chamar Seu Foggia. Este veio. Examinou, apalpou, auscultou, pediu para ver a língua. Concluiu, com sabedoria, que tinha sido um ataque de catalepsia, muito parecido com a morte, mas que não era morte, não.

A providência tinha sido o lampião do meio da rua, senão teria sido mesmo enterrado vivo.

A cidade comentou o caso por muito tempo. Seu Maia foi entrevistado por todos os sensacionalistas da terra — gente insuportável daquele tempo. Muita língua desocupada levantou a suspeita de que vários fulanos e sicranos daquele tempo tivessem sido enterrados vivos e toda a gente ficou se pelando de catalepsia. Os letrados foram até o Chernoviz e Langard. Conferiram-se diploma no assunto e discorriam de doutor e com muita prosódia, sobre catalepsia ou morte aparente.

Enquanto os comentaristas faziam roda, o doente recuperava a saúde. Dona Placidina, muito prática como sempre, aproveitou o acontecimento para uma pequena homilia doméstica, complicada e cheia de boa dialética feminina, de que “aquilo fora aviso do céu e castigo de Deus...”

E já pelo choque emocional — vá lá que naquele tempo não havia destas coisas não — já pelo medo de novo ataque e de ser mesmo enterrado vivo, o certo é que o homem moderou a bebida.

Dona Placidina, no entanto, já havia, no seu foro íntimo, aceitado a idéia da viuvez e aquela volta inesperada do marido vivo não melhorou de muito os pontos de vista da ex-viúva.

Alguns meses depois, Seu Maia adoecia gravemente. Vieram os amigos da primeira viagem. Apareceram as clássicas e inefáveis comadres. Deram-se os remédios. Da botica e extrabotica. Foi bem purgado e lhe aplicaram ventosas e sinapismos. Nada serviu. Seu Maia morreu.

Seu Foggia então declarou que, por via das dúvidas, só levassem o morto quando começasse a feder. Fez-se de novo o velório com todas as regrinhas de costume. Café com biscoito pelas dez horas. Viradinho de feijão e lingüiça comidos, com voracidade e discrição na cozinha, e quentão forte de canela e gengibre, quando a noite esfriou e os galos amiudaram.

Contaram-se casos. Louvaram as virtudes do finado, num breve necrológio. Passaram a anedotas discretas. Falou-se da carestia da vida, dos erros do governo e se fez a filosofia da morte.

A viúva chorou, mais ou menos conformada com aquela segunda via. O compadre Mendanha tomou conta de trocar as velas que iam se consumindo, de regradar o pucarinho de água benta com seu raminho de alecrim.

No dia seguinte, quando perceberam que não mais haveria engano, os amigos ajuntaram as alças e levantaram o caixão.

Dona Placidina, muito experiente, despediu-se do morto em soluços alternados. Teimou com as amigas: dessa vez havia de acompanhar, ao menos até a porta.

O compadre Mendanha, muito metódico e apegado aos velhos hábitos de sempre pegar caixão pela alça da frente e da esquerda, tomou posição. Outros pegaram pelos lados, adiante saiu a tampa, carregada por um popular e os tamboretos indispensáveis, renteando o caixão aberto.

Espalhado pelas ruas, o acompanhamento, só de homens. Agrupada com seus instrumentos enlaçados de crepes, a banda do funeral. Arrumado o cortejo, Dona Placidina botou o corpo fora da porta e chamou alto:

— Compadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da Rua do Fogo, viu... Não vá acontecer como da outra vez.

Texto 9: Oferta de Aninha

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.

Recomeçar na derrota.
 Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
 Acreditar nos valores humanos.
 Ser otimista.
 Creio numa força imanente
 que vai ligando a família humana
 numa corrente luminosa
 de fraternidade universal.
 Creio na solidariedade humana.
 Creio na superação dos erros
 e angústias do presente.
 Acredito nos moços.
 Exalto sua confiança,
 generosidade e idealismo.
 Creio nos milagres da ciência
 e na descoberta de uma profilaxia
 futura dos erros e violências do presente.
 Aprendi que mais vale lutar
 Do que recolher dinheiro fácil.
 Antes acreditar do que duvidar.

Texto 10: Todas as vidas

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau-olhado,
 acocorada ao pé do borralho,
 olhando pra o fogo.

Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai-de-santo...
 Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho,
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.
 Vive dentro de mim
 a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
 Quitute bem feito.
 Panela de barro.
 Taipa de lenha.
 Cozinha antiga
 toda pretinha.
 Bem cacheada de picumã.
 Pedra pontuda.
 Cumbuco de coco.
 Pisando alho-sal.
 Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada, sem preconceitos,
 de casca-grossa,
 de chinelinha,
 e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.

– Enxerto da terra,
meio casmurra.

Trabalhadeira.

Madrugadeira.

Analfabeta.

De pé no chão.

Bem parideira.

Bem criadeira.

Seus doze filhos.

Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.

Minha irmãzinha...

tão desprezada,

tão murmurada...

Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:

Na minha vida –

a vida mera das obscuras.